

DEPOSITO LEGAL

REPUBLICA DE PORTUGAL A CAPITAL



A CAPITAL

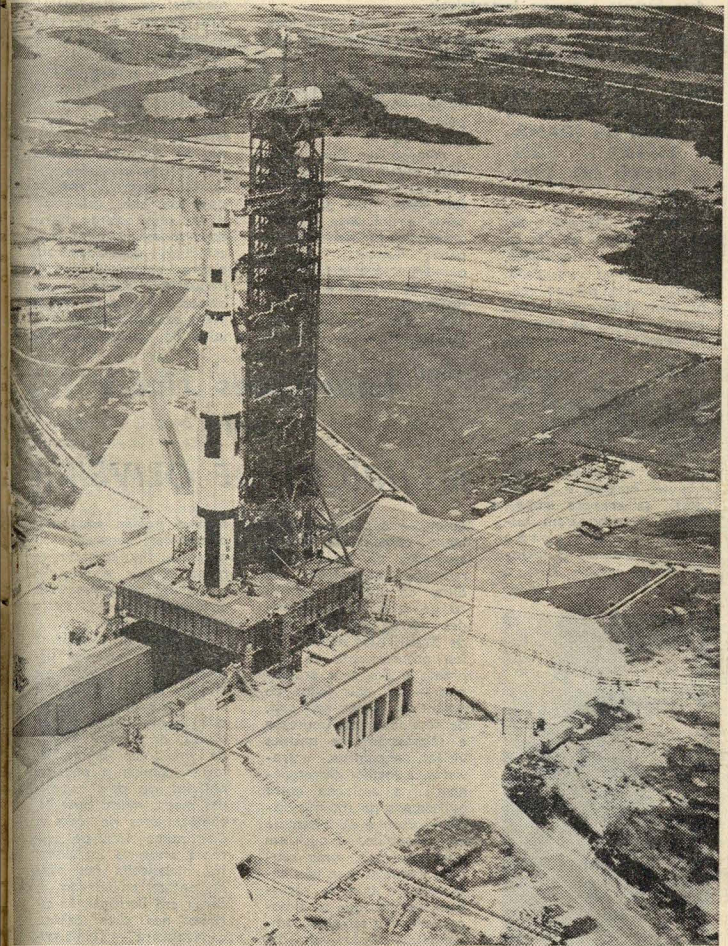
Ano II (2.ª Série)
N.º 502 — 1969
Quarta-feira
16 de Julho
Preço 1\$00

Director: NORBERTO LOPES Director-Adjunto: MÁRIO NEVES

Editor: AMÉRICO COVÕES

PROPRIEDADE: S. G. C. — SOCIEDADE GRAFICA DA CAPITAL — S. A. R. L. • RUA DO SÉCULO, 34 — LISBOA-2 • TELEFONES: 30455/30456/30457/30631 • ENDEREÇO TELEGRAFICO: ACAPITAL • TELEX: 1386

O HOMEM PARTIU PARA A LUA



OLHANDO O ESPAÇO — Na rampa de lançamento o grande foguetão «Saturno-5» aponta para o Espaço onde momentos depois colocará a cápsula «Apolo-11»

CABO KENNEDY, 16 — Três astronautas americanos partiram hoje para a Lua numa viagem histórica que abrirá caminho aos futuros viajantes do espaço.

Enquanto a contagem decrescente prosseguia firmemente até à hora do lançamento (14 e 32 de Lisboa), o foguetão «Saturno-5», preto e branco, que transporta os astronautas para o espaço, foi submetido às últimas verificações.

Cerca de mil técnicos trabalharam durante toda a noite à volta da rampa de lançamento 39-A, procedendo a vistorias da última hora no foguetão e na nave espacial, enquanto os três astronautas, Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins, dormiram durante oito horas, antes de acordarem às 8 e 15 T. M. G. para serem submetidos a um último exame médico de 45 minutos.

«APOLO-11» UMA ONDA DE ESFORÇO HUMANO

(Exclusivo para «A Capital»-«The Observer»-A.E.I.)

Quando os três americanos chegarem à Lua (e à imortalidade) daqui a dias, pode dizer-se que foram levados na crista da mais espantosa onda de esforço humano concentrado que o mundo até hoje conheceu.

Avalie-se como se quiser: 5 600 000 partes no foguetão e nave espacial; 5 mil homens só para a contagem; computadores que controlam cada se-

No entanto, irónicamente, este imenso impulso de energia foi largamente desencadeado num único discurso de um homem exausto e fatigado reagindo a uma série de acontecimentos que ele não podia controlar. Nenhum outro em-

(Continua na pág. 16)

Por GERALD LEACH

(Redactor científico de «The Observer»)

gundo do voo; milhões de equipas-hora de suor e pensamento; 24 bilhões de dólares. É esta tremenda vaga de energia e vontade que tornou possível o autêntico milagre da viagem. Se bem que pareça indelicado dizer isto neste momento, os astronautas são meras roilhas flutuando à superfície — para serem cuspidas na praia lunar.

DEZANOVE ANOS NA INDOCHINA

SAIGÃO, 16 — No mesmo dia em que algumas centenas de soldados

americanos deixam a base aérea de Bien Hoa, com destino aos Estados Unidos, completam-se dezasseis anos sobre a chegada à Indochina da primeira missão militar americana. Esta missão militar destinava-se a coordenar o auxílio militar que os Estados Unidos tinham resolvido conceder à França, na Indochina, após um acordo assinado em 8 de Maio de 1950.

Alguns meses mais tarde, em 23 de Dezembro, esta missão militar transformou-se em «Grupo Consultivo de Assistência Militar».

Em 1954, depois dos acordos

(Continua na pág. 10)

A VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA EM 2.ª EDIÇÃO PUBLICAREMOS OS RESULTADOS DA ETAPA DE HOJE

VISADO PELA CENSURA

NOTA DO DIA

A ESPIRAL EM ASCENSÃO

A opinião pública, sobretudo nos sectores que reflectem as preocupações das classes modestas e, por conseguinte, da grande maioria da população, mostra-se inquieta perante a alta incógnita do custo de vida e pergunta, com a forte razão do instinto da sobrevivência, quando se põe um travão à espiral ascendente das subidas dos preços e salários — em que essas mesmas classes modestas, comprovadamente, ficam sempre a perder. Sabe-se que a estatística, nestas matérias, é sempre extremamente discreta, para não lhe chamar outras coisas menos amáveis. Mas a própria estatística, tão morigeradora de observações empíricas, não está a deixar ilusões a quem quiser ainda, por quaisquer motivos, alimentá-las. A «Análise Trimestral de Conjuntura», relativa aos três primeiros meses deste ano de 1969, que o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho divulgou recentemente, assinala que o índice de preços no consumidor em Lisboa acusou nesse período nova e acentuada subida. O acréscimo nos três meses foi de 4,6 por cento, contra 2,7 por cento no mesmo período do ano anterior — excedendo também, sensivelmente, a taxa de crescimento médio anual do último decé-

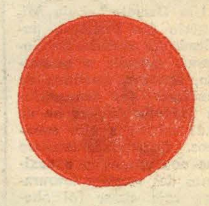
nio, que foi de 3,2 por cento. Acelerou-se (dizem os próprios técnicos do Secretariado) a tendência altista que se tinha verificado no último trimestre do ano anterior, provocando então uma reacção mais explícita de inquietação colectiva que chegou a exprimir-se ao mais alto nível do poder público. Nos números acima referidos regista-se «o mais elevado desvio de sempre em relação à tendência do passado», ou seja, de 7,8 por cento de acréscimo no custo de vida. O Secretariado Técnico da Presidência do Conselho põe assim em questão, com técnica impassibilidade, como lhe cumpre, um problema muito real e largamente nacional de agravamento inflacionista no mercado interno português. Da inflação não resulta nada de bom para ninguém e resultam ou podem resultar graves males para todos — dizem os economistas e os sociólogos da economia, onde quer que a questão se apresente. A opinião pública (quem quiser pode ouvir-la onde quiser) pergunta justificadamente quando e como se opõe um travão eficaz a esta corrida dos preços e salários que a própria observação estatística oficial, a discreta estatística, está a desvendar indiscretamente na sua perigosa aceleração.

RIO DE JANEIRO:

ALMOÇO NO JARDIM E JANTAR NO MUSEU

Por Maurício de Oliveira

(Ler na pág. 2)



HOJE: 28 PAGINAS INCLUINDO OS SUPLEMENTOS «LITERATURA & ARTE» E «EXTRA»

Pontos de vista

Política interna e integração europeia

A Europa em marcha tem os seus caminhos necessários. Implica um «modo de pensar europeu». Fora dele, ou contra ele, não há atalhos para a integração, numa unidade que será demorada e laboriosamente construída — mas que, já ninguém o duvida, será construída. Numa resolução sobre as repercussões da situação política grega no funcionamento do Acordo de Associação entre a Grécia e a Comunidade Económica Europeia (Mercado Comum), o Parlamento Europeu, supremo organismo representativo do agrupamento dos «Seis», fez recentemente um solene apelo para que sejam abolidas sem demora o «estado de excepção» e as medidas repressivas em vigor na Grécia e que se proceda urgentemente a uma consulta popular com vista à eleição de um Parlamento com as máximas garantias de expressão, de associação e de voto.

O Parlamento Europeu sublinhou, nessa oportunidade, que se não houver na Grécia uma evolução positiva no sentido indicado se reserva a prerrogativa de promover a revisão ou suspensão do Acordo com aquele país, insistindo com a Comissão da Comunidade para que não dê seguimento às disposições de associação até que se restabeleçam na Grécia as condições de uma vida democrática normal. No Parlamento Europeu acentuou-se que não estava em causa o problema de intervir nos assuntos internos de um país, mas apenas o de recordar a uma das partes contratantes do Acordo de Associação os compromissos assumidos de paz política interna e de liberdade para os cidadãos.

Entretanto, assinala-se que as exportações da Grécia para os países do Mercado Comum quase triplicaram nos últimos anos, que os créditos concedidos por estes países para o desenvolvimento da economia grega apresentam ainda um saldo a utilizar de 55 milhões de dólares e que está pendente a aprovação do projecto de um pólo de desenvolvimento industrial na Grécia com apoio técnico e financeiro da Comunidade. Eis o que deverá dar que pensar aos «jovens tecnocratas» que estão a conduzir o desenvolvimento económico-social da Grécia ao mesmo tempo que afirmam com insistência não ser da sua alçada o problema das suas infra-estruturas políticas. Não é essa, como se verifica, a perspectiva da integração europeia.

O ensino da gestão administrativa

No Colóquio para Dirigentes Superiores da Administração Pública que se realizou em Lisboa em Maio de 1968, sob patrocínio do Secretariado da Reforma Administrativa, declarou o eng.º Alfredo Vaz Pinto, então no exercício do cargo de presidente do conselho de administração da TAP: «O ensino universitário das ciências da administração ou gestão iniciou-se nos E. U. A., onde tem hoje um grande desenvolvimento a ponto de, em cada oito diplomados universitários, um é de gestão administrativa. Já se alargou a vários países da Europa Ocidental e a sua introdução em Portugal poderá ter grande influência no seu futuro desenvolvimento económico, tecnológico e social.»

Desde há anos, instituições como o Instituto Nacional de Investigação Industrial, o Centro de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa, o Centro de Estudos de Gestão, e Organização Científica da Associação Comercial de Lisboa, entre outros, têm promovido sucessivos ciclos de cursos, seminários e estágios sobre aquelas matérias. O ensino propriamente dito, no escalão universitário, no entanto, foi previsto mas não está ainda concretizado. E, como disse também o eng.º Vaz Pinto, «toda esta actividade deve ser impulsionada, ampliada e estruturada e necessita cada vez mais de um corpo de doutrina que deveria ser-lhe dado por uma participação activa da Universidade. A demonstração prática da necessidade desta remodelação está na existência, à frente de muitas empresas, de numerosos universitários, cujos cursos apenas parcialmente versam problemas ligados à gestão administrativa».

Por onde anda a capacidade reformadora das estruturas do ensino, que não deu ainda seguimento a este intuito tão concreto?

COMEMORAÇÕES DO DIA FESTIVO DA ARMA DE CAVALARIA

O Dia Festivo da Arma de Cavalaria comemora-se depois de amanhã, sexta-feira, com várias cerimónias na Escola Prática e em todas as unidades de Cavalaria da Metrópole.

No Ultramar, as comemorações efectuem-se no dia 21, assim como no Regimento de Cavalaria n.º 3, em Estremoz, unidade em que este ano os actos terão particular relevo.

Em Lisboa, pelas 10 horas do dia festivo, o general director da Arma presidirá a uma romagem à campa de Mouzinho no cemitério dos Prazeres e, seguidamente, assistirá às cerimónias que se realizam a partir das 11 horas no R. L. 2. Estas constarão de uma festa de confraternização entre o R. L. 2 e o R. C. 7, as quais serão presididas pelo general governador militar de Lisboa.

Uma delegação da Direcção da Arma de Cavalaria, em nome dos cavaleiros, entregará, no dia 21, pelas 17 horas na Cruz Vermelha Portuguesa um subsídio para a campanha «Um escudo para uma Casa» daquela instituição.

Em Estremoz as cerimónias começarão, às 10 e 30, com a formatura geral da unidade, na Praça do Rossio, seguida da leitura da saudação do general director da arma de Cavalaria e da alocação sobre o Dia da Cavalaria e o seu Patrono.

Haverá depois a entrega de placas e louvores, desfile em continência das forças em parada e várias inaugurações.

A noite no Teatro Bernardim Ribeiro decorrerá um saraus destinado às praças do R. C. 3. Assistem às cerimónias os comandantes da E. P. C. e de todas as unidades da Arma de Cavalaria.

COMUNICAÇÃO DO PROF. MILLER GUERRA NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Amanhã, às 14 e 30, sob a presidência do sr. prof. Amorim Ferreira, reunir-se-á a classe de Ciências da Academia de Lisboa, para ouvir uma comunicação do sr. prof. Miller Guerra, subordinada ao tema «Estado presente e necessidades imediatas da educação médica pós-universitária».

UMA GRANDE JORNADA LUSO-BRASILEIRA

ALMOÇO NO JARDIM E JANTAR NO MUSEU

Tal como em todas as jornadas do género, o êxito da viagem do Presidente Marcello Caetano ao Brasil não viveu apenas dos acontecimentos espectaculares e ruidosos (tipo Avenida Rio Branco) aos quais o entusiasmo da rua e o calor emocional dos grandes momentos emprestam particular significado. Cerimónias mais ou menos restritas — que escapam ao grande público — ficam também, pelo que encerram ou traduzem, na história destes acontecimentos memoráveis, a assinalar pedras brancas e marcos impercíveis.

Das dessas cerimónias preenchem, assim, este meu breve e último apontamento de viagem, com o qual encerro fugidias impressões do Brasil.

O ALMOÇO DO PRESIDENTE COM OS JORNALISTAS — CONVÍVIO DO ESPÍRITO

Marcello Caetano, político e homem de letras, catadrático e legislador, também foi jornalista. Quis, por isso mesmo, reunir num almoço alguns dos grandes nomes da Imprensa brasileira e, com eles, alguns dos jornalistas portugueses que o acompanharam naquela «Maratona de cinco dias» às terras do Brasil. O local escolhido foi a Emoaixada de Portugal, que o espírito do embaixador José Manuel Fragoso e o bom gosto da senhora embaixatriz transformaram numa acolhedora mansão bem portuguesa. O recinto foi o jardim, com o cunho típico dos trópicos.



O Presidente com um grande jornalista — Danton Jobim

sob uma tenda amarela de sabor medieval adornada com lanterns vermelhos e plantas exóticas.

Os convidados, entre os quais estavam os magnates da grande Imprensa do Brasil, sentaram-se e em quatro mesas redondas. Foi o próprio Presidente do Conselho quem destinou os lugares. Dispensou-me a honra, aliás desvanecedora, de me sentar à sua mesa, junto de colegas ilustres, que têm servido nobremente a causa luso-brasileira — homens como Roberto Marinho, filho do grande Irineu Marinho; Danton Jobim, presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Paulo Cabral, Chagas de Freitas, Carlos Castello Branco, Nascimento Brito, David Nasser, o embaixador Nascimento Silva; o embaixador do Brasil em Lisboa, dr. Ouro Preto, e os meus prezados camaradas portugueses Redondo Júnior e Fialho de Oliveira. As outras três mesas eram presididas pelo ministro Franco No-

gueira, pelo secretário de Estado Moreira Baptista e pelo embaixador José Manuel Fragoso.

Almoço de tipo ideal: leve, curto, bem confeccionado — uma fatia de foie-gras, um prato de carne e um doce gelado; uma única bebida — champagne francês... Depois o indispensável café brasileiro, os liciores e os conhaques...

Marcello Caetano, como lhe competia — e como

tam, envergava uma «toilette» azul-celeste do melhor recorte parisiense e, a seu lado, recebia também os convidados. Foi um desfile de elegâncias, de lindos rostos, de colos discretos, de fardas e de casacas reluzentes de comendas: as vestes carmesins do núncio do Papa, monsenhor Monzoni — tão conhecido dos lisboetas —, o chanceler Magalhães Pinto, com a larga faixa da Ordem de Cristo; o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athaide, curvado ao peso dos anos, que já são alguns... mas, ao peso das suas grá-cruzes e dos seus colares dourados; todas as autoridades estaduais da Guanabara, alguns embaixadores das Repúblicas latinas, o embaixador Calvet de Magalhães, sempre sorridente (de jeito de família...), com

Impressões finais por

MAURÍCIO DE OLIVEIRA

deseja — conduziu o diálogo: comentários bem ajustados ao carácter da reunião, intercalados de ditos do melhor espírito ou de referências a grandes nomes do jornalismo do Brasil. Mas não se falou propriamente de Imprensa e dos seus problemas — dos dois lados do Atlântico. Falou-se, sim, de servidores da Imprensa e recordaram-se mútuas visitas, encontros, entrevistas, a melhor camaradagem... a amizade entre os homens do mesmo ofício — duro e nem sempre compreendido. Foi, em qualquer caso, uma reunião daquelas que não esquecem e que se recordam, sempre que os almoços voltam a estreitar companheiros desta vida dos jornais...

O diálogo decorreu com vivacidade e talvez dele tenha nascido o epíteto de «Presidente da esperança», com que um jornal carioca brindaria o Chefe do Governo português...

• NEGRÃO DE LIMA: SAUDADES DE LISBOA E DOS AMIGOS

Com uma noite tépida — uma noite de Primavera lusa — o embaixador Negrão de Lima, governador da Guanabara, e sua esposa, reuniram portugueses e brasileiros, no cenário aliciente do Museu de Arte Moderna, por entre tufos luminosos de arbustos e repuxos altos de águas rumorejantes. Era o banquete do governador do Estado, Negrão de Lima, discreto e simples, mas sempre insinuante na sua tês morena emoldurada pelas largas madeixas cada vez mais grisalhas do seu cabelo, ostentava apenas junto ao colarinho, modestamente, a gravata vermelha de Cristo — uma grá-cruz que tem mas que não exhibia. Sua esposa, para quem os anos não con-

toda a missão económica portuguesa; gerais e admirantes, figuras gradas da nossa colónia e seis dos jornalistas portugueses que acompanharam Marcello Caetano ao Brasil.

Conversa-se e toma-se whisky a acompanhar o almoço gelado, na vasta sala toda marmórea do Museu e surpreendente, enquanto não chega o convidado de honra. Negrão de Lima troca algumas palavras comigo e pede-me notícias de dois camaradas meus, muito queridos, companheiros de todos os dias numa vida de quarenta anos de jornalismo. Há melancolia nos olhos do antigo embaixador do Brasil em Portugal, há carinho nas suas palavras cadenciadas: — Tenho saudades deles, tenho muitas saudades de Lisboa...

O chefe do protocolo vem anunciar que «o senhor Presidente está chegando». Há um movimento geral de curiosidade. Marcello Caetano, ostentando a faixa azul da grá-cruz do Cruzeiro do Sul, sobe a rampa de acesso



Marcello Caetano com um brasileiro saudosos de Portugal — Negrão de Lima

por entre as continências dos soldados da Polícia Militar, e caminha com grande dignidade, ladeado por Franco Nogueira, Moreira Baptista e José Manuel Fragoso.

Primeiros apertos de mão: o chanceler Maga-

(Continua na pág. 5)

AUXILIARES DAS TESOURIARIAS DA FAZENDA PÚBLICA

Um Decreto-Lei do Ministério das Finanças, publicado no «Diário do Governo» permite a nomeação, interina, imediata de auxiliares das tesourarias da Fazenda Pública ou de indivíduos a elas estranhos. Determina também que aos propostos e auxiliares das mesmas tesourarias, cuja classe foi alterada por força do decreto-lei n.º 48 675, passem a ser abonadas as remunerações correspondentes à classe do respectivo conceito, sem prejuízo do oportuno provimento na classe, nos termos do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 48 813.

DESPACHADO FAVORAVELMENTE O RECURSO DA «PRAGMA»

Por acórdão do Supremo Tribunal Administrativo de 11 de Julho de 1969, foi dado provimento ao recurso interposto pela Pragma — Cooperativa de Difusão Cultural e Acção Comunitária do despacho de 29 de Março do ano passado do ministro do Interior, que dissolheu aquela cooperativa.

«LISBOA DE INVERNO»

A Câmara abriu concurso para o fornecimento de 150 000 exemplares de uma brochura ilustrada, alusiva a «Lisboa de Inverno». A base de licitação é de 375 000\$00.

TOPONÍMIA DE LISBOA

O presidente do Município, general França Borges, resolveu que a Rua G à Avenida do Uruguai, ou à Estrada do Poço do Chão, passe a denominar-se Rua Dr. Pereira Bernardes. Foi publicado um edital neste sentido.



de barlavento a sotavento

V. REAL
de
S.º ANTONIO

DO TURISMO ÀS CONSERVAS PASSANDO PELA PESCA SEM ESQUECER O PETRÓLEO

O Algarve é assim como uma pessoa que se estima: visita-se de vez em quando para se saber como vai. E, como já não estamos no tempo do «salon ou l'on cause», não é preciso ir de jaqueta e ar solene, dar muitos cumprimentos e desejar muito as melhoras.

Vai-se, atrevidamente, perguntar como estão a economia e as finanças, se tem projectos para o futuro imediato e está a realizar os que estabeleceu para já. Pergunta-se, bem entendido, pela prima, pela mana e pela vizinha, por esta não muito, porque é província de interiores esconços, que continua cheia de sol e algum trigo, sempre à espera que lhe chegue a água a todos os recantos.

Para ir visitar a casa da vizinha, com duzentos quilómetros debruçados sobre o Atlântico, divididos por Barlavento e Sotavento, deve, aliás, passar-se-lhe pelas veias. Estradas tantas vezes sinuosas, de meandros à es-

desenham pelo Alentejo e caseiras, cometer uma pequena inconfinância de carácter profissional. Vindo falar-lhe do que é a distribuição do jornal e da maneira como os habitantes de Lagos, Portimão, Faro ou

é vê-los, aos motoristas a quem se pede nervo e prática, a semear em cada localidade o punhado de jornais que para si foi preparado durante uma manhã.

Nessas viagens tudo pode acontecer, desde um burro que aparece, súbita e violentamente, sentado sobre o «capot» do carro, até à visão de uma serpente intrometida, de um mocho suicida ou dos descuidados e amantes passarinhos que se deixam atropelar por estarem entretidos a fazer... amor. A todos ceifa por igual a seta em que seguem os jornais, sem piedade pela breve fraqueza dos décimos de segundo. Esse tempo foi para eles tão precioso como para aqueles que seguem na carrinha. Como nós, a quem os nervos e a ver os pequenos tudo ou nada em que diariamente se joga a vida de um jornal, que leva cinco horas a fazer e cinco a distribuir, da capital à mais distante localidade do Sotavento, já paredes meias com a Espanha.

Fomos, pois, ao Algarve como se vai a casa de pessoa que se estima: para saber como vai, ou, melhor, para perguntar se o turismo, a pesca, as conservas, o petróleo, a agricultura, o artesanato e a indústria estão a dar o que é preciso para

que a província continue a ocupar, no quadro da economia continental, o lugar já conquistado.

Se progride, enfim, ou se fica para trás, se está em ascensão ou recessão, que fisionomia é a sua ou aquela que vão dar-lhe.

Percorrendo os quase duzentos quilómetros de costa e andando um pouco para o interior uma primeira con-

Fotos
de
CARLOS GIL

clusão é fácil de tirar: que a época estival verdadeiramente só começou há dias e que a prolongada invernia veio acentuar ainda mais a crise da pesca e das fábricas de conserva, com todos os inconvenientes e problemas que se adivinham, quer para quantos se entregam às actividades turísticas e suas subsidiárias, quer para os que vivem do mar e do que ele dá.

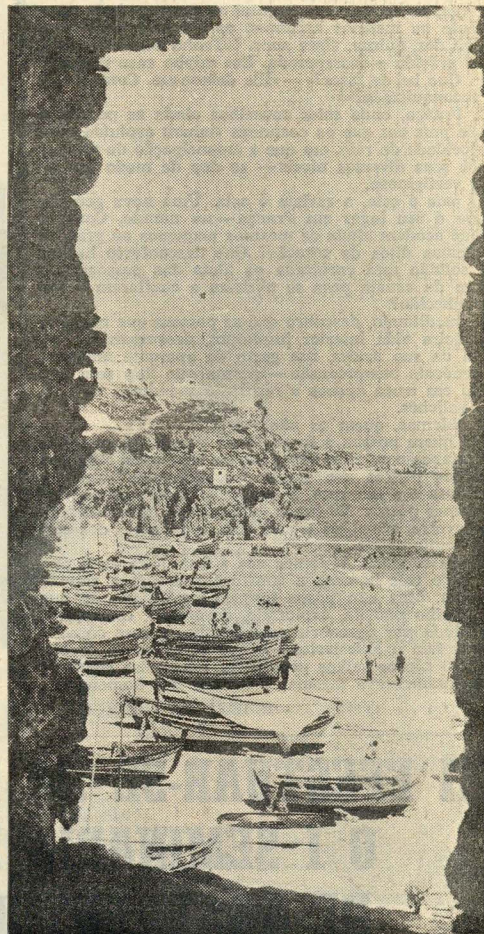
Por isso, é só a meio deste mês de Julho que a grande actividade turística algarvia se desenha com um vigor que, se não é do maior nível até agora registado é, pelo menos, de características quase boas.

Diziam-nos, em ameno cavaco, que só há dias se começaram a sentir na orla marítima algarvia as temperaturas e condições meteorológicas que já em Maio caracterizam o clima da província.

Essa é, segundo a generalizada opinião dos pescadores, uma das razões pelas quais o peixe não aparece. Porque, vindo à procura de águas quentes, os cardumes de sardinha, andando entre a costa africana e a algarvia, topam com águas frias e fogem.

Essa será uma explicação primeira e primária para a crise. Mas não é a mais importante, como se sabe e se verá.

A SEGUIR: Vila Real, prisioneira entre um porto assoreado



Albufeira tornou-se numa espécie de «ex-libris» do Algarve. E com razão...

Do nosso enviado especial
LUÍS D'OLIVEIRA NUNES

querda e à direita, mas igualmente cheia de longas rectas, como a planície, nelas rasgadas para mostrar que os homens se encontram empenhados em acabar com a secular ideia de erci de Portugal e dos Algarves».

Distribuir

Talvez valha a pena, leitor, nestas breves crónicas

Vila Real conseguem ter, à mesma hora que os de Lisboa, o seu jornal da tarde. O leitor, se reside fora de Lisboa e se encontra nos caminhos que da capital se pelo Algarve, há-de ver todos os dias, a partir das duas e pouco da tarde, carrinhas que seguem como setas, deixando a primeira edição de um jornal que, a ritmo violento, se preparou desde as oito da manhã. E

VOOS ESPECIAIS PARA ESTUDANTES

Durante as férias de Verão, os estudantes metropolitanos, ultramarinos e brasileiros dispõem, através do C. I. T. U., duma vasta rede de voos especiais para estudantes, entre todas as capitais europeias, com frequência variável nos meses de Julho, Agosto e Setembro, salientando-se as ligações quase diárias entre Londres e Paris em aviões de tipo «BACI-11 Jet» ao preço de 320\$00 ida simples, e as ligações com os voos de «charter» para Londres, Aarhus, Amsterdam, Atenas, Barcelona, Basel, Berlim, Bruxelas, Colónia, Copenhague, Dublin, Dusseldorf, Frankfurt, Geneve, Gotemburgo, Hamburgo, Helsínquia, Istambul, Madrid, Málaga, Marselha, Milão, Munich, Nairobi, Nice, Oslo, Paris, Praga, Roma, Salzburgo, Estocolmo, Tel-Aviv e Viena.

Todas as informações sobre estes voos especiais para estudantes e sobre voos entre outras cidades podem ser solicitadas na sede do C. I. T. U., Rua Fernando, 31, Lisboa, ou pelos telefones 76 13 55, 77 59 54.

EXAMES NO CONSERVATÓRIO

Decorrem no Conservatório Nacional os exames da 1.ª chamada de História da Música e de Composição (2.º ano superior).

Amanhã, às 10 horas, iniciam-se os exames do 3.º ano de Solfejo e do 6.º ano de Piano, em 2.ª chamada.

Encontram-se afixadas nos «gerais» do Conservatório as respectivas pautas.



Turistas e pescadores junto à «Ruína», em Albufeira. Havemos de dizer-lhe o que é a «Ruína» (se já não sabe). Quanto à rapariga basta dizer que é a moça de um célebre fotógrafo de Londres, especializado em grupos «pop»

PAPELARIA DA MODA

REABRE
NO DIA 17

para **ELA** em especial

«EU, TU E A LUA»

Vou desfiar a minha meditação de ontem. Folheava a ELLE, essa crónica feminina por excelência. Folheava a ELLE, que há uns bons dez anos não folheava assim: como quem lê, como quem vê. E de repente apercebi-me que, no correio sentimental se punham hoje exactamente os mesmos assuntos, os mesmos problemas que há dez, quinze, vinte anos. («Tenho dezasseis anos, estou grávida e desesperada. Em minha casa ninguém sabe. Que hei-de fazer?» — «Ele deixou-me. Como pode rei reconquistá-lo?»)

A França, onde estes conselhos ainda se pedem, é aquele país em que os costumes tinham evoluído com a velocidade do rato, em que a emancipação da mulher — nos seus diversos níveis — se deu de modo que se diria vertiginoso.

O país é este, a revista é esta. Uma nova geração tomou o seu lugar em França — no mundo. Como e porquê acodem ainda os mesmos pequenos ou grandes problemas ditos de coração? Que desconforto habita, que solidão está enraizada na alma das pessoas que pegam da caneta para se abrirem e confiarem a um desconhecido?

E, meditando, descubro que as pessoas que não têm verdadeira vida interior imploram, desamparadas, do fundo da sua aridez, um gesto de aparente amizade, de benévola compreensão — mesmo que lhes seja oferecida em troca apenas a repetição monótona de conselhos-clichés.

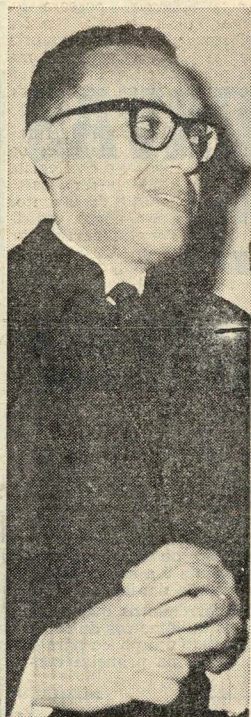
Problemas, quem os não tem?

Há quem possua a força de os guardar para si, de defrontar-se com eles. Esses são os corajosos. Mas não lancemos pedras aos assustados. Verdaderamente o que conta é a natureza, a qualidade, a substância dos problemas postos. No fundo, penso que uma árdua solidão envolve, afinal, as tristes correspondentes dos corações sentimentais.

Árida solidão... Ai temos nós a Lua, para onde partem hoje três homens a confrontar-se com a solidão absoluta. Mas não posso impedir-me de pensar que neste velho planeta, explorado, devassado, esmiuçado, está ainda por descobrir completamente esse coração de que fala o Eclesiastes — e que se os novos problemas não são os velhos problemas, uma coisa continua misteriosamente a mesma: a solidão dos homens.

ISABEL DA NÓBREGA

Concurso para catedrático de Geografia



O dr. Ilídio do Amaral durante a prestação de provas

Principiaram hoje as provas do concurso do dr. Ilídio Melo Peres do Amaral para provimento do lugar de professor catedrático de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa.

Preside ao júri o vice-reitor, em exercício, prof. dr. Kurt Jacobsohn, e participam como arguentes os profs. Raquel Soeiro de Brito, Carlos Torre da Assunção e Carlos Teixeira, sendo ainda examinadores todos os outros catedráticos em exercício da Faculdade de Letras de Lisboa.

Ao fim da tarde decorrerá a votação.

CUIDADO COM O BURLÃO CALVO E DE NARIZ TORTO...

Dizem-nos de Almada: tudo indica que anda à solta do burlão hábil, embora, ao que parece, pouco ambicioso.

A tratar-se da mesma pessoa (o sistema é idêntico) já no passado dia 12 o indivíduo teria dado sinal de si, em Queluz.

Desta vez, porém, aconteceu na Cova da Piedade e o lesado foi o sr. José da Silva Henriques, de 24 anos, natural de Casais, Tomar, residente num quarto alugado, na Rua B, n.º 12, 3.º dto., na Cova da Piedade. Foi ele quem apresentou queixa no

posto da G. N. R., dado que, ontem, a dona da casa em que habita desembolsou 250 escudos, dados a um indivíduo que lhe apareceu à porta, intitulado-se oficial dos Serviços Centrais do Registo Civil.

Como o hóspede está para casar e o desconhecido (30 anos, 1,70 m de altura, rosto comprido, com «entradas» e nariz torto) manuseava um grande monte de papéis, aquela senhora pagou. E o hóspede, agora, queixa-se, alertando assim outros que possam vir a ser ludibriados.

TRABALHOS DA 2.ª FASE DA REGA DO ALENTEJO VISITADOS POR MEMBROS DO GOVERNO

Os trabalhos em curso dos aproveitamentos hidroagrícolas do Alto do Sado e de Odivelas, incluídos na segunda fase de execução do Plano de Rega do Alentejo e iniciados na vigência do III Plano de Fomento, foram, hoje, visitados pelo ministro das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches, e pelo subsecretário de Estado daquela pasta, dr. Joaquim da Silva Pinto.

O primeiro daqueles empreendimentos destina-se a regar 3600 hectares de várzeas, desde Torre Vã até Alvalade. Ali se fará a ligação das terras beneficiadas por este aproveitamento, através de Campilhas, que poderá, eventualmente, vir a utilizar em cerca de 200 hectares, águas vindas do Alto Sado, pelo sistema do Baixo Alentejo.

A obra de Odivelas será, por seu turno, extensiva a 7300 hectares de terras distribuídas entre as ribeiras de Odivelas e Figueira, perto de Ferreira do Alentejo e ao longo do Sado.

Conforme foi observado no decurso da visita está prevista a construção de duas barragens na ribeira de Odivelas, as quais, além de permitirem a rega da área indicada, fornecerão, também, água para diversas povoações.

A primeira parte deste aproveitamento abrange a rega de 3800 hectares de terras existentes na zona de

montante da área prevista e terá a jusante, uma das duas barragens projectadas.

• Conclusão para os começos de 1971

Acompanharam os membros do Governo o director-geral dos Serviços Hidráulicos, o chefe de Divisão de Obras e outros técnicos do M. O. P., estando, ainda, presente no local o governador civil de Beja.

Foram em primeiro lugar visitadas no concelho de Ourique obras de aterros, galerias de desvio e descarregadores de superfície, verificando-se perante vários gráficos que a obra estará concluída nos começos de 1971.

Seguiu-se um almoço em Ferreira do Alentejo, findo o qual houve visita ao estaleiro de Odivelas, onde o ministro e o subsecretário

das Obras Públicas e demais individualidades se inteiraram do modo como se processam as escavações, fundações e instalações para betuminação e britagem da pedra.

• Novas vias de comunicação

Estes aproveitamentos hidroagrícolas deram origem, como era de prever, ao desenvolvimento das vias de comunicação, designadamente de duas artérias compreendidas entre a estrada n.º 263 e a barragem do Alto do Sado, numa extensão de mais de nove quilómetros.

De assinalar o facto de terem beneficiado já com estes empreendimentos diversas povoações, sobretudo Panoias, cujo acesso era, anteriormente, difícil e moroso.

VAI EFECTUAR-SE NO RECIFE O I SEMINÁRIO LUSÍADA DE GASTROENTEROLOGIA

Nos dias 20, 21 e 22 do corrente vai efectuar-se, no Recife, uma importante reunião científica internacional: o I Seminário Lusíada de Gastroenterologia.

Dezenas de clínicos, dos mais reputados especialistas do mundo de língua portuguesa, entre os quais quinze médicos portugueses, estarão presentes nessa reunião,

na qual serão apresentadas importantes comunicações. É secretário-geral do congresso o dr. Orlando Bordallo, e, entre outros, tomam parte na reunião os clínicos portugueses prof. Cascão de Anciães, e os drs. D. Estela Monteiro, António Catita, Joaquim Bastos, Casimiro de Azevedo, António Saragoça, A. Mendes Ferrei-

ra, M. Garnel, Franklin de Figueiredo, D. Amélia Baptista, Fernando de Oliveira, Rolando Moisés, e José Gouveia Monteiro. Na última sessão pronuncia a conferência o prof. Vaz Serra.

Entre os temas que serão tratados pelos clínicos portugueses figuram alguns do maior interesse, tais como «Alguns aspectos da secreção exócrina do pâncreas, prova máxima de secretilina», do dr. Orlando Bordallo; «Terapêutica da acalásia», do dr. António Catita; «Tratamento das icterícias colestáticas», do prof. Joaquim Bastos; e «Síndrome digestivo na polineuropatia amiloidótica familiar», do dr. Gouveia Monteiro.

O prof. Cascão de Anciães presidirá a uma importante mesa-redonda sobre recentes progressos da semiologia gástrica.

O Seminário está a despertar grande interesse nos círculos científicos do Brasil. Os participantes na reunião partem na sexta-feira, à tarde, para o Recife.



Nova colecção ilustrada

Através do mundo!

A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN

A aventura de uma mulher destemida que jurava levar a bom termo a sua desesperada busca

2 volumes: 50\$00

Desenhos da edição original francesa de L. BENETT

BERTRAND LIVRARIA

A CAPITAL

vende-se em SILVES no CAFÉ D. SANCHO I

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

LICEUS - SECÇÃO PREPARATORIA - INSTITUTOS Rua Marques da Silva, 99-2.º Telef. 53 27 02 NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO — PROFESSORES ESPECIALIZADOS Alunos com cursos incompletos são orientados na escolha de exames a realizar para complemento das suas habilitações

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO R. ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 e 537532

LICEU - INSTITUTOS

1.º, 2.º E 3.º CICLOS

2.º CICLO POR SECÇÕES E DISCIPLINAS

CURSOS DE LINGUAS

Francês * Inglês * Alemão

* ESCOLA SÃO VICENTE:

— Rua do Paraiso, 28 — Telef. 86 59 04

* EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

— Rua Carrilho Videira, 10 — Telef. 83 46 58

— Rua Edith Cavell, 8, 1.º — Telef. 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

LEGELE TRANSATLANTIQUE

PARA:

Los Angeles

San Francisco

Portland

Vancouver

Seattle

n/m. «MICHIGAN», em 24 do corrente

Aceita passageiros e carga em porão normal e frigorífico

OS AGENTES GERAIS

SOCIEDADE COMERCIAL

OREY ANTUNES & C.ª, LDA.

Praça Duque da Terceira, n.º 4 — Telef. 322271 - 33255 - 361267

AGENTES NO PORTO:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

A «TORTURA» TEM HORÁRIO...



Todos os dias a bicha sobe, assim, pela escada...

Dezenas de pessoas sofrem, diariamente, a «tortura» do calor durante a longa espera que assina a a difícil «escalada» até junto do «guichet» da 3.ª Conservatória do Registo Civil. Esta verdadeira prova de resistência desenvolve-se nas escadas do edifício com o número 52, na Rua Barata Salgueiro.

Nas escadas estreitas têm-se verificado alguns princípios de desmalo. As pessoas mais avisadas suportam a difícil espera com o auxílio de «segundos», geralmente familiares. Assim, há sempre a possibilidade de segurar o lugar na bicha e vir à rua aspirar ar fresco.

O sr. Luís Antunes, de 47 anos, comerciante, limpou o suor da testa para nos declarar:

— A minha mulher esteve cá ontem mas não suportou isto. Fez-me o relato desta tortura e eu pensei haver um pouco de exagero. A minha opinião?! Acha que é necessário falar?...

As pessoas que atingem a porta do primeiro andar, onde se encontra instalada a 3.ª Conservatória do Registo Civil, julgam ter vencido a última etapa. Puro engano. É então que o desespero se apodera das pessoas. Transposta a porta de entrada, as dificuldades aumentam num corredor sem ventilação onde não cabem duas pessoas ombro a ombro. Muitos são aqueles que têm desistido nesta recta final.

• Ironia no corredor

A semelhança de outros departamentos públicos, a 3.ª Conservatória do Registo Civil não dispõe das mínimas condições de comodidade para oferecer às dezenas de pessoas que diariamente ali comparecem. Utilizam-se, assim, as escadas que dão acesso à referida Conservatória, aos escritórios de uma empresa instalada no segundo andar e a alguns apartamentos.

O tom irónico é dado por um único banco que, colocado no estreito corredor da Conservatória, dificulta ainda mais o movimento das pessoas que são obrigadas a percorrê-lo.

A sr.ª D. Isabel Teixeira Morais, doméstica, tem o rosto marcado pelo calor:

— Isto é inacreditável. Como é que uma Conservatória com este movimento pode funcionar nestas condições?!

Aqueles que descem as escadas, depois de entregarem ou levantarem os documentos que procuram obter, são olhados com inveja por todas as pessoas que aguardam a sua vez, utilizando todos os objectos dispon-

veis para movimentar o ar quente que as atormenta.

Num raio de 200 metros não há nenhuma pastelaria ou restaurante onde as «vitimas» do n.º 52 da Rua Barata Salgueiro possam tomar uma bebida fresca. Quem deixa a Conservatória exhibe, bem afevelada, uma expressão de grande alívio, como se tivesse acabado de cumprir dura pena.

Quem suporta a «tortura» imposta nas instalações da 3.ª Conservatória do Registo Civil vai buscar uma certidão de idade ou documentos para um casamento, um divórcio ou uma separação judicial. Assim, é caso para dizer que o êxito de tais iniciativas exige muito suor e força de vontade...

UM INCÊNDIO DESTRUÍU NO OLHO DE BOI UM REFEITÓRIO

ALMADA, 16 — Esta madrugada, cerca das 5 horas, foram pedidos os socorros dos Bombeiros Voluntários desta vila para combater um incêndio que deflagrou no refeitório da Companhia Portuguesa de Pescas, no Olho de Boi.

O fogo foi dado por extinto cerca das 8 horas, devendo-se à acção dos bombeiros, comandados pelos srs. Júlio Ferraz e Ludgero Brás, não se ter propagado a outras dependências.

O sinistro deveu-se a um curto-circuito verificado nas cozinhas. Arderam na quase totalidade o recheio e parte

do edifício do refeitório, avaliando-se os prejuízos em cerca de sessenta contos.

TARIFA DE MERCADORIAS POR CAMINHO DE FERRO

Pelo Ministério das Comunicações foi publicado um decreto que altera as disposições da tarifa geral de mercadorias, em grande e pequena velocidade, no caminho de ferro. As alterações começam a vigorar no próximo dia 20.

ALMOÇO NO JARDIM

(Continuação da pág. 2)

Ihães Pinto, o governador Negrão de Lima e o número apostólico. Logo monsenhor Monzoni pergunta em português: — «O senhor Presidente deve estar muito fatigado, não é verdade?». O Chefe do Governo, de expressão aberta, sem o menor sinal de cansaço, responde-lhe, sorridente, que ainda não tivera tempo «para se certificar disso...».

Depois decorreu o banquete em ambiente do maior requinte. Duas bebidas apenas: vodka para o caviar e champanhe para o *filet waleska*, para o *supreme souvaroff* e para os morangos gelados.

Discursos formais, embora eivados de um espírito que envolve certa ter-

nura — amizade de sangue —, proferidos por Negrão de Lima e Marcello Caetano.

Erguem-se as taças e logo se erguem os convidados. Nos terraços, sob um firmamento limpo onde brilham milhões de estrelas, tomam-se café brasileiro e licores franceses, fumam-se «havanos puros» e conversa-se animadamente até à meia-noite.

Marcello Caetano retira-se. Começa a debandada numa fila interminável de *limousines*.

Abeiro-me de Negrão de Lima para me despedir e para lhe agradecer. E oiço-lhe apenas estas palavras:

— Adeus, meu amigo, saudades para Portugal...

TERRENO

no ALGARVE,
junto ao mar,
com duas praias privativas

Sítio da Figueira, freguesia
de Vila do Bispo

Vende cerca de 20 hectares
a 10\$00 o m²

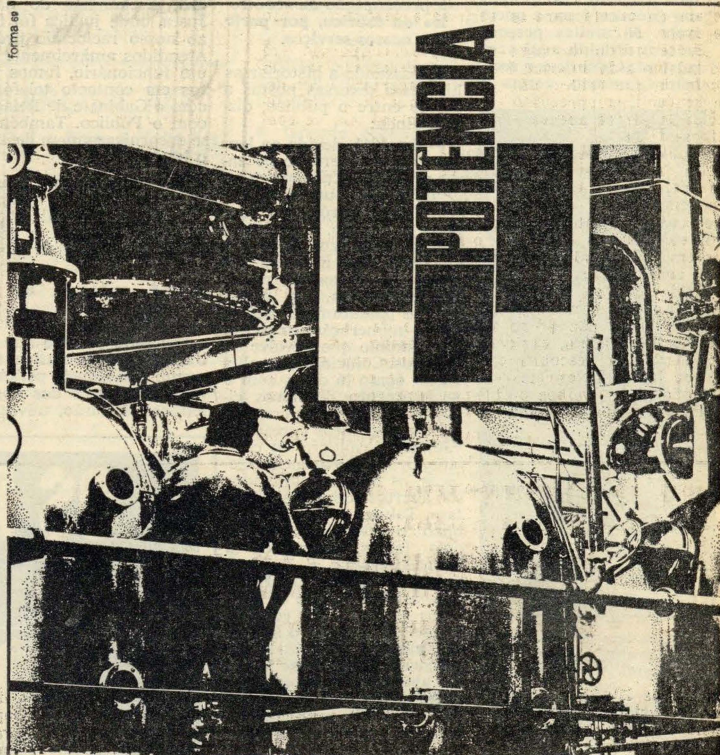
Trata o próprio, em Lagos,
SR. JOÃO GONÇALVES

ou em Cascais
pelo telef. 284026

ROMARIA DE SANTIAGO EM ALGÉS DE CIMA

A Juventud de Galicia organiza no próximo domingo, entre as 9 e as 22 horas, na aprazível Quinta de Santo António, em Algés de Cima, gentilmente cedida pelos seus proprietários, a já tradicional romaria de Santiago, para festejar o dia do patrono de Espanha.

As 13 horas a direcção da Juventud de Galicia prestará homenagem aos proprietários da quinta, madame Lois Stewart, Werne Villar e prof. dr. Tomé George Villar.



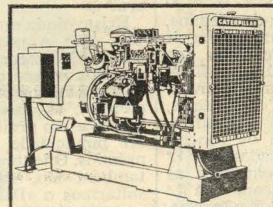
em todos os escalões da indústria

OS GRUPOS ELECTROGÉNEOS CATERPILLAR SÃO PADRÕES DE QUALIDADE.

ACOMPANHANDO O SURTO INDUSTRIAL DO PAÍS A STET ESTÁ A DESENVOLVER UM PROGRAMA DE PROGRESSO BASEADO NA LONGA EXPERIÊNCIA DOS SEUS TÉCNICOS E NO ELEVADO GRAU TECNOLÓGICO DOS GRUPOS ELECTROGÉNEOS CATERPILLAR.

OS GRUPOS ELECTROGÉNEOS CATERPILLAR SÃO POTÊNCIA DE CONFIANÇA.

29 MODELOS DE 50 A 812 KVA



CATERPILLAR

STET

SOCIEDADE TÉCNICA DE EQUIPAMENTOS E TRACTORES, S.A.R.L.
PROR-VELHO (SACAVEM) - BEJA - PORTO - COIMBRA

LIXO POR UMA BENGALA...

...A ANATOMIA DE UM MITO (FIM)

-HISTÓRIAS QUE LISBOA INVENTA

Na Tabaqueira, situada num moderno edifício da Rua Alexandre Herculano, fomos recebidos pelo sr. dr. Tomás Rosa, chefe de vendas da empresa, o qual começou a sorrir mal esboçados as primeiras frases da pergunta.

— É tudo puro boato! Pode escrever que a Tabaqueira nunca se propôs dar prémios fosse a quem fosse. Já muitas pessoas se têm dirigido aqui com perguntas idênticas e recebemos, mesmo, cartas e

clusive certas entidades religiosas, sobretudo as freiras. A todos temos respondido o mesmo: «A Tabaqueira não faz publicidade à base de prémios. Conta somente, para incremento das vendas, com a qualidade dos produtos que lança no mercado. Aliás, esses boatos nasceram, precisamente, devido à preocupação de «controlê» do fabrico, por parte dos nossos serviços.

E, passando a historiar as hipóteses diversas postas a correr entre o público, diz-nos ainda:

— Em 1961, devido ao lançamento no mercado de novas marcas, A Tabaqueira teve de adoptar um novo sistema de «controlê» do produto. Enquanto, nas marcas antigas, esse «controlê» era efectuado por meio de números impressos na ponta das mortalhas, as novas marcas passaram a apresentar a numeração impressa no alumínio que envolve os cigarros. Coincidiu esta alteração, como já disse, com o aparecimento de novos cigarros, quase todos com filtro e cujos maços apresentavam um invólucro de celofane. Ora, por exigências técnicas, os maços celofanados são abertos com as tais «cintas». Talvez, por isso, o público tivesse associado os dois factos, ligando-os à ideia de prémio. E, daí, inúmeros outros boatos. Entre eles, a ideia de que os referidos números de «controlê» serviriam para o sorteio de automóveis. Assim se começaram a juntar as folhas de alumínio e as «cintas». Depois, com toda a naturalidade, a ideia espalhou-se e o boato chegou aos nossos dias. Oito anos de repetidos desmentidos ainda não foram suficientes para eliminar este convencimento.

Com o propósito de dissipar todas as dúvidas, o dr. Tomás Rosa acrescenta:

— Aliás, basta um simples cálculo aritmético para garantir o carácter fantasista de tal ideia. Diz-se que A Tabaqueira oferece uma cadeira de rodas por cada quilo-grama de «cintas». Ora tal ideia nem sequer é lucrativamente viável. Um quilograma do material de que são feitas as «cintas» custa apenas cerca de cem escudos. Seria fácil, portanto, para qualquer pessoa vir buscar quantas cadeiras quisesse já que, para isso, bastaria comprar uma folha e cortá-la em «cintas». Teríamos assim um verdadeiro «negócio da China» por parte do consumidor. Mas... onde estaria então o nosso lucro?

Existe ainda um outro motivo, que o nosso interlocutor não mencionou mas que nos parece ser de decisivo e fundamental: por decreto-lei, as companhias de tabaco estão proibidas de fazer publicidade à base de prémios. O leitor sabia? Nós também não, antes de consultarmos o «Diário do Governo»...

Mas — a avaliar pelos sucessivos pedidos de aumentos das tarifas e pelos relatórios em que a C. C. F. L. se lamenta amargamente dos prejuízos — não acreditávamos já naquilo que, em gira futebolística, se costuma designar por «volte-face». Em todo o caso, dirigimo-nos ao gabinete de informações da companhia, nas, Escadinhas de Santa Justa, onde justiça foi feita ao nosso raciocínio prévio. Atendidos amavelmente por um funcionário, fomos postos em contacto telefónico com o Gabinete de Relações com o Público. Também aí se encarniçaram em destruir o boato:

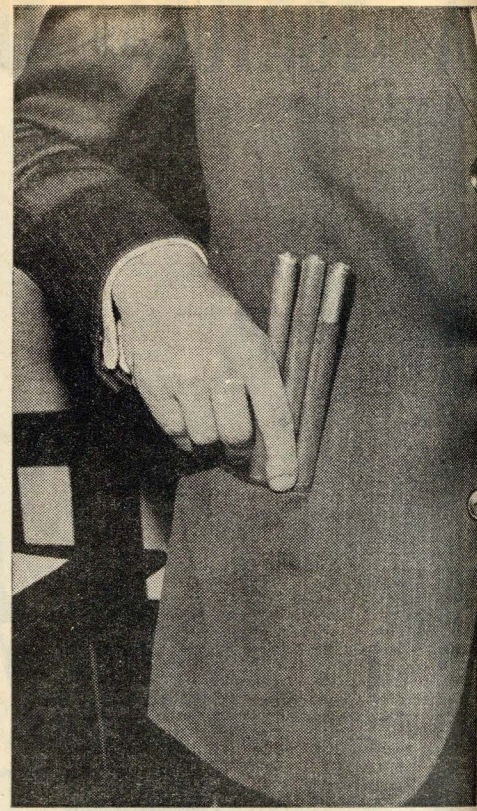
— Não sabemos a origem dessas fantasias. Sabemos apenas que, periodicamente, o público inventa e põe a correr uma história dessas.

• «A autópsia de um mito»

Um mito público que cai. Uma «grande iniciativa» friamente assassinada pelo «A Capital». Milhares dos nossos leitores deixarão, talvez, de

continuar a ser autênticos depósitos ambulantes de lixo inútil. Muitos sentirão, até, o gosto levemente acre das «grandes iniciativas» feitas pô. Mas será esta a altura de procurarmos aprofundar um pouco as razões do mito.

Durante cerca de 10 anos, talvez mais, milhares de pessoas ouviram dizer que os bilhetes, o zinco dos cigarros, as cintas e outros objectos afins davam prémios aos deserdados da sorte. E, durante cerca de 10 anos também, nenhuma voz discordante se levantou a desfazer a ilusão. Os bilhetes foram guardados, quase religiosamente. Talvez porque já houvesse o hábito supersticioso de coleccionar as tais «capicuas» que dão sorte; talvez porque, em sociedades economicamente subdesenvolvidas, existe sempre o desejo de aproveitar até à última gota a utilidade das coisas em que gastámos o nosso dinheiro; talvez, ainda, porque a ideia do «prémio» é o último escape das nossas frustrações, a felicidade e o prazer dos «deuses ricos» hipoteticamente posto



O modelo de bengala que se arruma facilmente no bolso é o ideal para cegos. Muito leve e sensível, permite ao cego tê-la sempre à mão, isto é, no bolso

ao nosso alcance por intermédio de uma via fácil. «Se eu fosse rico» é a frase mais frequentemente pronunciada por lábios huma-

nos. «Se eu ganhasse o Tótopola... se eu vencesse na Lotaria...» E os olhos que dam sonhadores e nós pensamos em tudo quanto a impossibilidade de ter dorrou com os reflexos mágicos do Olimpo. O prémio, caro leitor, é o refúgio que limas arestas da realidade. Pensamos no palácio dourado, nos grandes horizontes abertos e fáceis, no pão ganho sem suor. O prémio é o maná, quase a libertação do pesado castigo bíblico. Receber sem esforço, será o desejo subconsciente de ver abertos de par em par os grandes portões dourados do paraíso perdido.

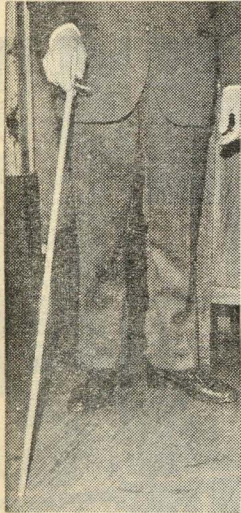
Alguém, um dia, desejou aproveitar integralmente os dez tostões — preço de uma passagem. Em Nova York, segundo indicam as estatísticas, abandonou-se um automóvel de meia em meia hora. Mas isso é em Nova York, que todos confundimos com o céu. Por cá, a realidade é diferente. Não se deita fora aquilo que custou dinheiro. Mas, porque também se não guarda o que é inútil, só resta uma solução — reinventar a utilidade desaparecida. E surgiu o «prémio»!

• A «lógica» dos números

Mas, se o leitor observar com atenção, verá como todo este mito é ilusório. Nós quisemos saber. Interrogámo-nos. Medimos. Oitenta e três cintas pesam apenas 5 gramas. O leitor precisaria de coleccionar 16 600 cintas para perfazer o necessário peso trocável por uma bengala. Ou seja: precisaria de fumar 66 400 escudos de tabaco. Mas uma bengala compra-se por cento e cinquenta escudos!

Valerá a pena? Não sabemos. Talvez, contra a lógica e a favor do sentimento, você continue a fazer as suas colecções. Então, só nos restam uma esperança e um pedido: se, um dia, conseguirmos uma bengala, ofereça-a a quem, para encontrar o fio desta meada, calorreu tanto calinho que quase já não consegue manter-se de pé. Combinado? Em paga, dê-lhe-emos... mais bilhetes.

RUI BARBOSA



Bengala leve e sensível que permite detectar os acidentes do terreno

telefonemas a pedir esclarecimentos. Sabemos, ainda, que há realmente quem junte as folhas que envolvem os cigarros (o público chama-lhes «pratas» mas é alumínio), in-

CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA DE RIO

O Grupo Cultural e Desportivo da TAP está a organizar o seu VI Grande Concurso de Pesca Desportiva de Rio, que se efectuará no dia 3 de Agosto na Ribeira de Seda, em Avis, e no qual se podem inscrever todos os C. A. T. e C. R. P. inscritos na F. N. A. T.

Da longa lista de prémios, salientamos uma viagem de avião de ida e volta aos Açores para o 1.º classificado; uma viagem de avião de ida e volta à Madeira, para o segundo classificado; taças para os concorrentes classificados de 1.º a 50.º, e também para as equipas classificadas da 1.ª à 8.ª e para os 1.º e 2.º classificados nas classes de infantis e senhoras.

Além disso haverá um troféu para o concorrente queapanhar o maior exemplar de uma taça à maior quantidade de peixe classificado.

• Na Carris: é tudo um mito

Faltava, portanto, conhecer a atitude da Carris. Era a nossa última hipótese.

OS PRIMEIROS NO MUNDO

a adoptar uma nova técnica na refrigeração que permite:

- maior capacidade em menor espaço
- mais frio e menor consumo

e agora

a grande inovação umiclimat

O FRIO HÚMIDO QUE CONSERVA OS ALIMENTOS FRESCOS SEM OS DESIDRATAR

FRIGORÍFICOS IGNIS

REPRESENTANTES: Soc. de Rep. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NÍCOLAU, 44, 48 LISBOA

O BISPO DO PORTO VISITOU AS OBRAS DO PADRE AMÉRICO

PORTO, 16
Faz hoje 13 anos que faleceu o padre Américo, fundador da «Casa do Gaiato», em Paço de Sousa, o «Património dos Pobres», em vá-

rias terras, e o «Calvário», de Beire, em Paredes.

Sacerdote que simboliza a bondade cristã, o seu nome é por todos lembrado e hoje, para comemorar o 13.º aniversário da sua morte, na capela privativa da «Casa do Gaiato», foi rezada uma missa, concelebrada pelo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, e pelos padres da Obra da Rua.

O prelado visitou a obra, almoçando ali, na companhia dos padres dirigentes e dos rapazes, seguindo de tarde para o «Calvário», visitando os enfermos e as crianças diminuídas mentais ali internadas.

COMISSÃO CONSULTIVA DAS PESCAS

Foram nomeados representantes do Ministério da Economia na Comissão Consultiva das Pescas as seguintes individualidades: eng.º Jorge Coimbra, presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau; dr.º Etelvina de Jesus Magalhães Torroais Valente, da Comissão de Coordenação Económica; eng.º José Alves, director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas; eng.º Hélio Paulino Pereira, director do Instituto Português de Conservas de Peixe; e eng.º Francisco Lemos de Mendonça, vice-presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos.

ESCOLAS A CONCURSO

O «Diário do Governo» publicou um aviso em que de-

clara aberto concurso documental para provimento de lugares vagos em escolas do ensino primário no continente e ilhas adjacentes. O prazo do referido concurso termina às 17 e 30 do dia 30 do mês corrente, perante as direcções dos distritos escolares. O prazo para as ilhas adjacentes é de quinze dias, a contar da data da chegada do «Diário do Governo» à capital do respectivo distrito.

O MORTO FOI IDENTIFICADO PELOS DOCUMENTOS QUE ELE ROUBARA...

Esta não é muito frequente: foi dado como afogado e morto um homem que, afinal, está vivo e que, pelos vistos, foi roubado dos seus documentos, o que se prestou a um grande emaranhado. E mais: pelos vistos, o indivíduo que morreu teria roubado, momentos antes, a carteira do que está vivo e como os documentos foram encontrados nos bolsos, quando o cadáver apareceu, logo, naturalmente, se considerou que era aquela a sua identidade.

No dia 26 de Junho, como a Imprensa noticiou, apareceu nas águas da Cruz Quebrada, junto a umas rochas, o corpo de um homem, cujos documentos o davam como sendo Jerónimo da Conceição Caetano, de 17 anos, natural de Gouveia. O corpo deu entrada no Instituto de Medicina Legal e, no dia 30, realizou-se o funeral, com a presença do pai e do irmão. Mas no dia seguinte, apareceu ali o verdadeiro Jerónimo da Conceição Caetano a declarar que estava vivo... A direcção do Instituto de Medicina Legal comunicou o caso à Polícia Marítima, a qual procede a investigações, sob a direcção do subchefe Martins Baptista.

COLÓQUIO DE POLÍTICA DA HABITAÇÃO

Na sede da Associação Lisbonense dos Proprietários está marcado para o fim da tarde de hoje um «Encontro acerca do colóquio sobre política da habitação».

Os trabalhos serão orientados pelo presidente daquela instituição, dr. João Afonso Corte Real e neles participam os srs. dr. Caldeira Coelho, dr. Virgílio Ribeiro dos Reis, eng.º Augusto Bastos, dr. Raul Cohen, eng.º Serpa Pinto, António Baptista Antunes e dr. Manuel Mendes de Almeida, entre outras individualidades.

JÁ TINHA SETE FILHOS E DEU À LUZ MAIS TRÊS UM DOS QUAIS MORREU

FEIJÕES, 16 — Cerca do meio-dia de ontem, a sr.ª D. Júlia Moreira da Silva, de 34 anos, casada com o sr. Júlio Rocha de Almeida, residente no lugar de Souto da Costa, desta freguesia, começou a dar sinais de parto. Até aqui nada de novo!

Logo que se soube que aquela senhora ia ser mãe, pela nona vez (tem sete filhos vivos e um que morreu) foi solicitada a presença do médico, sr. dr. Bernardo Costa, de Milheiros de Poaires. Este, conseguiu assegurar o nascimento, com espanto, não te uma mas de duas crian-

ças, ambas do sexo feminino. Verificou, o clínico, então, que havia mais um rebento e, na impossibilidade de lhe valer, enviou a parturiente para o hospital de Oliveira de Azeméis, tarefa de que se encarregaram os bombeiros a vila. Ali, na maternidade, algum tempo depois, nascia, já sem vida, o terceiro filho, do sexo masculino.

A mãe e as duas meninas estão bem mas ficaram internadas no referido hospital.

Não há memória de se ter verificado facto idêntico nesta região.

EXPOSIÇÃO DE FILATELIA

Inaugura-se amanhã, pelas 16 horas, uma exposição filatélica na Escola Comercial Patrício Prazeres, em que serão expostas 16 colecções de 12 alunos daquelle estabelecimento de ensino.

Este empreendimento deve-se ao entusiasmo filatélico do dr. Bento Roque, o qual durante o ano lectivo ministra aos seus alunos os conhecimentos básicos da Filatelia.

Para a inauguração estão convidadas várias individualidades, não só ligadas à Mocidade Portuguesa e às actividades circulo-escolares, como ainda à Filatelia em geral.

JOAQUIM AGOSTINHO PERANTE UM «ULTIMATUM»

● NA TIRADA DE HOJE DESISTÊNCIA DE ALTIG

MOUREN, 16 (Serviço especial para «A Capital») — Para a tirada Mouren-Bordéus, na extensão de 201 quilómetros, os corredores partiram de Mouren às 11 e 15.

A corrida, de planície, decorre com tempo pesado e encoberto.

Vítima de uma queda na etapa de ontem, em que soufreu um entorse num pulso a 15 quilómetros da meta, o ciclista alemão Rudi Altig abandonou hoje a prova a dois quilómetros da partida.

Altig ocupava o 10.º lugar na classificação geral por pontos.

● Grande recepção preparada em Paris a Joaquim Agostinho, agora preocupado com um «ultimatum»

PARIS, 16 — Espera-se que constitua uma grande manifestação de entusiasmo da parte dos portugueses que vivem na região parisiense a chegada de Joaquim Agostinho à última meta do «Tour».

Centenas, senão milhares de portugueses estão dispostos a ir esperar Agostinho, proporcionando-lhe a mais calorosa recepção até hoje feita na capital fran-

cesa a um finalista da Volta à França.

Entretanto, com o título «Um ultimatum» para o português Agostinho, o diário parisiense «France Soir» escreve hoje:

«Um «manager» francês lança um ultimatum a Joaquim Agostinho, que se encontra actualmente embaraçado com um cruel dilema. Se ele se inserever na Volta a Portugal em bicicleta, como lhe pedem os dirigentes do seu clube português, terá que renunciar a aparecer nos «critérios» a realizar depois da Volta à França. Ora, o «manager» Daniel Dousset, para quem o português constituiu uma atracção indispensável para o êxito destas reuniões ciclistas, previstas neste país logo depois do fim do «Tour», exige que Agostinho esteja presente logo na primeira, que se realiza dias depois de terminada a Volta à França, senão exclu-lo-á de toda a digressão.

«Tudo ou nada. Este é o «ultimatum» de Daniel Dousset, que fixou as condições nas quais Agostinho assinará os seus contratos, pelo menos uma trintena.

Agostinho deverá receber 1200 francos (cerca de seis contos) por «critério» disputado em dia de semana e 1500 francos (cerca de sete contos e quinhentos) pelos «critérios» disputados ao domingo.» — (A. N. I.)

VESTIU A FARDA DE MARINHEIRO (com 14 anos) E «POLICIAVA» AS PRAIAS...

O calor continua a determinar o êxodo da população lisboeta. As praias não têm já um metro de areia onde a mão do homem possa pôr o pé...

Em Santo Amaro de Oeiras, o congestionamento humano continua na ordem do dia, fazendo-nos recordar a estrada de Benfica em dias de futebol... E o insólito, acontece quando a multidão é de milhares.

Naquela praia, talvez ninguém se tenha apercebido de que o marinheiro, devidamente fardado (!) que proíbia os mais atrevidos de tomar banho, os mais barulhentos e desrespeitadores de incomodar os banhistas com o jogo da bola e as crianças de se aventurarem para além dos limites estabelecidos, era um jovem de 14 anos... que «descobriu» uma farda, não se sabe onde, e fazia muito compenetrado o «policciamento», a seu bel-prazer.

Detectado pelas autoridades, verificou-se que é José António Cerqueira, residente na Rua D. Dinis, n.º 2, 2.º, no Bairro da Memória, em Odivelas.

A Polícia Marítima elaborou já o processo e vai enviar o falso marinheiro ao Tribunal de Menores.

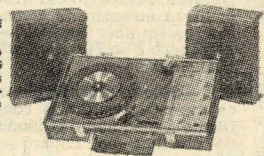
CHEGAMOS PARA AGRADAR!



MODELO 15H-860 CAMPANETTA Rádio portátil — 15 transistores mais 10 díodos Ondas longas, médias, 4 desdobramentos de ondas curtas e FM

MODELO 6-2312 RADIO-GIRA-DISCOS

Rádio FM-AM com alto poder de captação — 15 transistores mais 5 díodos 1,5 watts por canal — Ideal para festas, viagens e picnics.



MODELO M26 GRAVADOR CASSETTE Funcionamento simples, rápido e sem possibilidades de erro Dispositivo de segurança contra a desgravação involuntária.



MODELO M212 Gravador totalmente transistorizado — 2 pilas, com controlo automático da gravação.



RÁDIOS • GIRA-DISCOS • GRAVADORES • ALTA FIDELIDADE • STÉREO

DISTRIBUIDOR GERAL NO SUL **Frigel**

LISBOA: AV. INFANTE SANTO, 72

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

«A CAPITAL» VENDE-SE NA CASA ESTEVES EM MANTEIGAS

A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu

FUJICA carregamento instantâneo **Single-8**

22

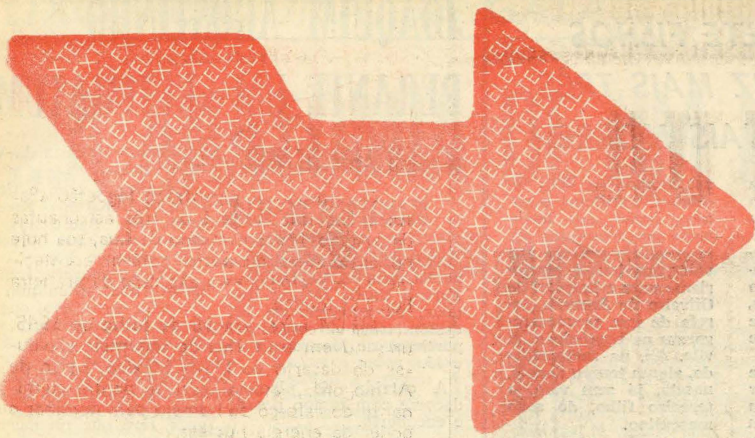
A mais completa câmara de filmar. Efeitos profissionais (sobreposição de imagens e fundidos.)

As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL **HITZEMANN & C.ª, LDA.**

PORTO - R. do Sá do Vasco, 529/536 Telefone: 22125/6 e 36300

LISBOA - R. do Filipe Folques, 8-C e D Telefone: 59788/9



PORQUÊ O ESPAÇO?

NOVA YORK, 16 — (Pelo correspondente da A. F. P. Rene Centassi) — Para os sábios do Espaço, quer sejam americanos ou russos, só há um caminho para a descoberta, caminho esse que não é deste Mundo: ergue-se para o céu como uma linha recta até ao infinito.

cial é que ele é o único a distinguir o que é normal do que é insolito e também porque tem o espírito suficientemente arguto para se lançar de sua iniciativa em

(Continua na pág. 10)

Mas as interrogações são inúmeras, como se vai ver. Pergunta — Que significado profundo reveste o programa da conquista do Espaço, que a «Apolo-11» inaugura na sua verdadeira dimensão, para uma grande nação como os Estados Unidos?

os seus ocupantes passarão entre oito a quinze dias na superfície lunar. No final da série «Apolo», a fase de exploração prosseguirá com a penetração do sistema solar mais longe, e em pre mais longe, ao mesmo tempo que se desenvolverão os conhecimentos científicos do homem. Mas esta fase será acompanhada na Terra de um enriquecimento acelerado em proveito de toda a espécie humana. O homem deverá orientar as capacidades já adquiridas no Espaço para objetivos de que a humanidade possa beneficiar o mais rapidamente possível. Temos presente a intenção de trabalhar nestes dois sentidos — no Espaço e na Terra, simultaneamente.»

P. — Não se poderão obter os mesmos resultados confiando à máquina o cuidado de efectuar no Espaço o que se exige do homem?

R. — Esta ideia é unanimemente rejeitada nos Estados Unidos. Contrariamente às teses para que parecem pender os soviéticos, os dirigentes da N. A. S. A. consideram que a exploração espacial não pode ser inteiramente confiada a aparelhos automáticos. Para explorar a superfície dum corpo celeste mediante engenhos sem tripulação é preciso previamente conhecer ou suspeitar a seu respeito grande número de coisas. Como, de outro modo, elaborar o apetrechamento necessário para a exploração? Ora, o que torna o homem tão preciso no domínio espacial?

P. — Como a «Apolo-11» é apenas um começo, que seguimento se prevê desde já dar-lhe?

R. — O futuro dividir-se-á em duas fases.

A MÁQUINA OU O HOMEM?

«Primeiro, para o imediato apetrechamento do programa «Apolo», cujos lançamentos se sucederão ao ritmo de três ou quatro por ano, devendo a «Apolo-12» partir para a Lua antes do fim do ano. A «Apolo-20» deve ser lançada em 1972 e

MORADIA

POR 600 CONTOS, NA LINHA DE CASCAIS, situada em bonita Praceta, composta de cave toda ampla, r/ção e 1.º andar, e quintal, com um total de 5 assoalhadas, bonita cozinha, casa de banho com aquecimento eléctrico em todas as casas. Na cave pode fazer mais divisões. Facilitam-se 200 contos. Trata em exclusivo:

UNIÃO EBORENSE

Av. Almirante Reis, 95-1.º, Dt.º — Telef. 45722-536346

acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais os acontecim

«APOLO-11» À CONQUISTA DA LUA

CABO KENNEDY, 16 — Esta manhã os astronautas da missão «Apolo-11» sentaram-se à frente de um principesco pequeno-almoço constituído por sumo de laranja, bife do lombo, ovos mexidos e café, apenas quatro horas antes da partida para a primeira missão em que é enviado um homem para a Lua.

Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins acordaram como estava previsto às 4 e 15 da manhã (9 e 15 em Lisboa) e pouco depois, foram examinados pelos médicos e considerados em óptimas condições para a partida.

Durante o pequeno-almoço tiveram a companhia do «patrão», o director de voo Donald K. Slay e do astronauta Bill Anders, que tomou parte na missão «Apolo-8».

A contagem para o lançamento prosseguia normalmente e tudo corria bem na plataforma de lançamento 39-A.

Entretanto, o tempo na zona do lançamento era satisfatório. Havia nuvens dispersas a 5 mil metros de altitude e grandes possibilidades de céu limpo. A visibilidade era de 16 a

24 quilómetros com ventos fracos do quadrante sudeste.

As condições meteorológicas estavam portanto dentro dos limites necessários que são muito menos críticos para este lançamento do que para qualquer dos outros anteriores.

O novo limite de nebluvidade é de cerca de 150 metros e a visibilidade limite é de cerca de 5,5 quilómetros e meio com vento até 65 quilómetros horários.

O vento, esta manhã, tinha uma velocidade entre 10 e 20 quilómetros à hora.

Em torno do local do lançamento havia centenas de automóveis e os jornalistas e curiosos tomavam posições para assistir à partida.

Os três astronautas vestiram os fatos espaciais 3 horas e 57 minutos antes da partida e entraram na cápsula situada no topo do enorme foguetão «Saturno-5» precisamente duas horas e meia antes da saída.

O foguetão «Saturno» de 110 metros e 60 centímetros de altura com a cápsula «Apolo» no topo via-se a cerca de 20 quilómetros de

distância, com um branco brilhante iluminado pelos poderosos projectores contra o fundo escuro do céu da madrugada.

Os focos virados para cima projectavam uma coroa de luz branca no céu milhares de metros acima do foguetão lunar contrastando com centenas de luzes vermelhas e laranja.

Os técnicos recomparam a contagem às 11 e 02 hora de Lisboa, precisamente três horas e meia antes da partida e após um intervalo de hora e meia previsto no programa.

Então, um informador da N. A. S. A. anunciou que, naquele momento, tudo estava em condições para a partida.

A escoltilha do módulo do comando, que nesta missão é designado pelo nome de «Columbia» foi aberta pouco antes das 11 horas e o piloto Fred Hayes fez uma inspecção final à cápsula antes dos astronautas entrarem.

O comandante da missão Armstrong, de 38 anos, e os tripulantes Collins, de 38, e Aldrin, de 39, demoraram apenas 11 minutos e 50 segundos a atingirem uma órbita a 185 quilómetros acima da Terra.

Se tudo decorrer bem, os astronautas iniciarão o seu voo de três dias até à Lua cerca de duas horas e meia mais tarde, entrando em órbita lunar no sábado, tarde.

No dia seguinte, domingo Armstrong e Aldrin deixaram Collins na nave espacial principal, à qual foi dado o nome de código de «Columbia», e descerão em direcção à superfície lunar no módulo lunar «Águia».

O «Águia» aterrá na Lua às 20 e 19 horas (T. M. G.) da mesma noite e às 6 e 12 (T. M. G.) da manhã seguinte, Armstrong sairá do módulo e descerá na superfície lunar, seguindo-se-lhe Aldrin cerca de 40 minutos depois.

Os dois permanecerão fora da cápsula durante quase três horas, enviando directamente para terra imagens pela televisão de tudo o que fazem.

Enquanto Aldrin e Armstrong estiverem na Lua, Collins gravitará numa órbita acima deles na «Apolo-11».

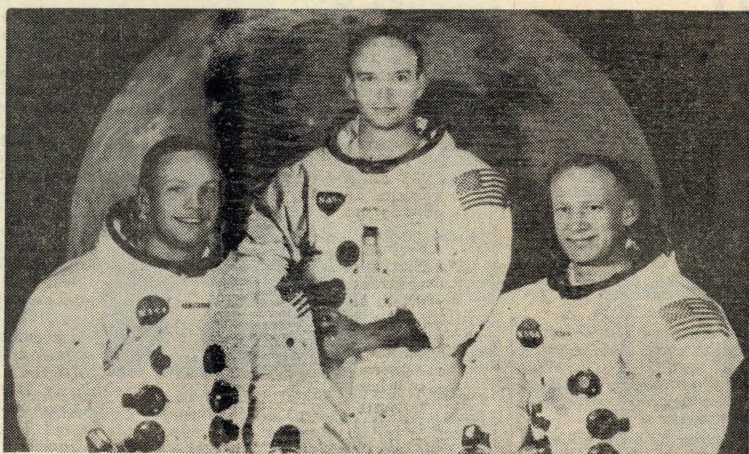
Para regressarem da Lua à sua nave-mãe, os astronautas utilizarão a parte do fundo do veículo, o andar de descida, como uma rampa de lançamento.

Após acoplar com o «Columbia», a «Águia» será solta e os três astronautas partirão de regresso à Terra.

Os três astronautas são experimentados viajantes do espaço e manifestaram confiança na sua capacidade para realizarem com êxito a missão.

O voo culmina oito anos de esforços e o gasto de cerca de 30 mil milhões de dólares (875 milhões de contos) desde que o presidente John Kennedy prometeu que os Estados Unidos colocariam esta década um homem na Lua.

O custo total da «Apolo-11» é calculado em 355 milhões de dólares (10 360 000 contos). — (R.)



PRIMEIRA MISSÃO NA LUA — Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin Aldrin, os astronautas que integram a primeira missão aeronáutica na Lua

PERSPECTIVAS LUNARES

Picos cheios de arestas, pedras furadas como crivos, paisagem árida e desolada, uniformemente cinzena,

de que os terrenos puderam apreciar a austera grandeza e o mistério graças às fotografias trazidas, primeiro do distante e, depois, do próximo arrabalde lunar pelos veículos «Apolo».

Mundo inóspito que será durante 22 horas o de Neil Armstrong e de Edwin Aldrin quando pousarem no dia 20 a sua frágil nave no Mar da Tranquilidade.

Mundo desconcertante, enfim, onde a ausência de atmosfera que difunde a luz, a inexistência de cores, a fraca gravidade e a curva do horizonte contribuirão para desorientar os cosmonautas e lhes fazer perder todo o sentido das perspectivas.

Quando em 21 de Julho, Armstrong, seguido de perto por Aldrin, emergir do módulo lunar para dar quatro passos na Lua e conquistar o nosso satélite em nome da humanidade, este defensor-se-á bem. Quando ainda agarrado com uma mão à escada de descida do «Lem», Armstrong deixará o seu olhar errar até o horizonte, verá, a poucos quilómetros

de distância um horizonte muito pouco horizontal, mais semelhante a um arco de círculo.

Se erguer os olhos verá um céu negro como tinta-da-china picado de estrelas e, acima do horizonte, um sol estranho, encolhido, do tamanho de uma moeda, sem radiação mas com um brilho insuportável, e no zenite algo de familiar que, no entanto, talvez seja para ele a coisa mais surpreendente: um globo azulado, meio nimbado de luz, meio mergulhado na sombra: a Terra.

Se olhar em seu redor, verá uma paisagem descorada, com sombras recortadas nitidamente, cujo relevo lhe será impossível avaliar. Será então que, tendo perdido o seu sentido da perspectiva, das distâncias, da profundidade, esquecido do significado da palavra cor, terá que dar os seus primeiros passos desajeitados, encaufado no seu pesado escafandro, na superfície de um astro onde a gravidade não ultrapassa um sexto da da Terra. A cada passo que der terá que fazer esforços para não perder o equilíbrio e se pôr a flutuar. A sua massa continuará a ser a mesma, mas o seu peso será apenas um sexto do que era na Terra.

Mas terá que continuar a habituar-se a este mundo que, pelas suas fracas dimensões (10 920 quilómetros de circunferência, ou seja, um quarto da Terra), tem um horizonte curvo. Terá que se orientar num planeta onde a luz, não sendo difundida pela atmosfera, não lhe permitirá calcular as distâncias como na Terra, onde desaparece a impressão de profundidade e onde as sombras são tão violentas que um funil pode parecer um abismo sem fundo e onde os rochedos, mergulhados na sua sombra, se tornam invisíveis. Terá, enfim, que apreciar os cambiantes dos tons cinzentos das pedras lunares quando as únicas cores que terá para referência serão o branco do seu escafandro, o bronze do «Lem» e o tricolor da bandeira americana que terá espetado na Lua. — (F. P.)

SILÊNCIO SOVIÉTICO

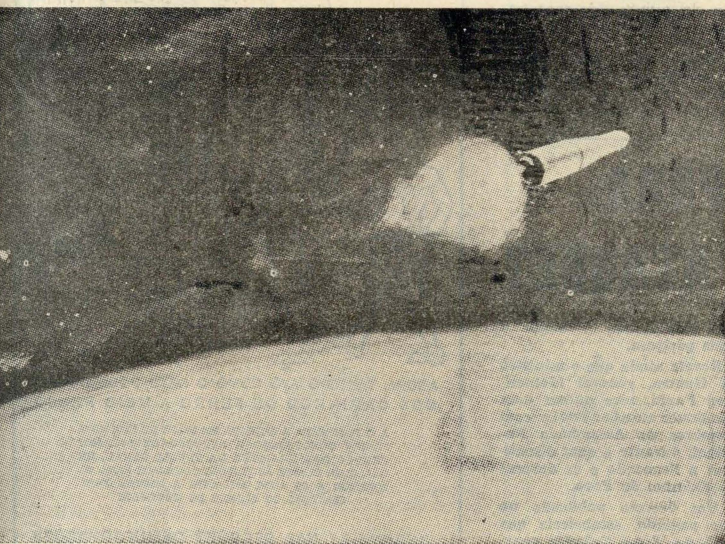
MOSCOVO, 16 — Os principais jornais soviéticos ignoram hoje completamente o lançamento e a missão «Apolo-11» e continuam a atacar a política interna e externa dos Estados Unidos.

A única menção ao lançamento apareceu no semanário «Gazeta Literária», órgão do Sindicato Oficial dos Escritores, que voltou a publicar trechos de uma entrevista com os três astronautas, reproduzidos da revista francesa «Paris-Match».

Porém, este artigo é seguido por seis páginas de violenta crítica à sociedade americana baseada fundamentalmente em material recolhido da imprensa ocidental.

Entretanto continua a não haver informações sobre a sonda soviética «Luna-15», lançada no domingo passado numa aparente tentativa de preceder a missão «Apolo-11».

Ontem o Observatório Britânico de Jodrell Bank informava que a trajectória da «Luna-15» indicava que só chegaria à Lua amanhã. — (R.)



A CAMINHO DA LUA — O último andar do foguetão, no qual se integram a cápsula e o «Lem», segue a caminho da Lua. Entretanto, as restantes secções do «Saturno-5» perderam-se já, no Espaço

POSTO DE ESCUTA

UM ANIVERSÁRIO

O estrondo do gigantesco foguetão «Saturno-5», que lançará os três astronautas da «Apolo-11» a caminho da Lua, soa hoje no aniversário de outro notável acontecimento tecnológico — a explosão da primeira bomba atómica.

Há 24 anos, em 16 de Julho de 1945, uma nuvem em forma de cogumelo elevou-se do deserto do Novo México, perto de Alamogordo, assinalando o ponto culminante do esforço do homem para dominar o poder da energia nuclear.

A bomba foi em grande parte concebida pelo falecido dr. J. Robert Oppenheimer e fabricada pelos cientistas que trabalharam no conhecido «Projecto Manhattan». Explodiu com uma força equivalente a 20 mil toneladas de TNT.

A tecnologia nuclear não atingiu ainda a sofisticação, de forma a poder ser aplicada a foguetões espaciais, embora a agência do Espaço esteja a planejar usar alguns sistemas de energia nuclear nas estações espaciais que projecta construir durante os anos 70.

O foguetão «Saturno-5», que transportará a «Apolo» desde a sua rampa de lançamento, é accionada por combustíveis de oxigénio e hidrogénio líquidos.

ABERNATHY EM CABO KENNEDY

No meio da «gente-bem» do mundo inteiro, vinda a Cabo Kennedy para assistir à partida da nave «Apolo-11» para a Lua, estarão quarenta pobres da cruzada organizada pelo pastor Abernathy, sucessor de Martin Luther King, à frente da Conferência dos Dirigentes Cristãos do Sul.

Foi o próprio Thomas Paine quem deu os bilhetes para os lugares nas tribunas reservadas para o pastor Abernathy, com quem teve, ontem à tarde, uma breve entrevista fora dos edifícios do Centro Espacial de Cabo Kennedy.

«Esperamos que o programa espacial anime o nosso país a resolver outros problemas» — disse ao pastor Abernathy, rodeado pelos seus pobres. «Cremos que o programa espacial interessa a todos os americanos. Se nos fosse possível não carregar no botão e resolver assim os problemas que lhe dizem respeito, não o premiaríamos» — salientou Paine, que rogou ao pastor Abernathy que ore pelos astronautas, o que este prometeu fazer.

OUTRAS OPERAÇÕES URGENTES

«Para quando a operação paz, a operação fome, a operação desenvolvimento» — perguntou Rádio Vaticano a propósito do lançamento da «Apolo-11». «O homem da rua — prosseguiu — deseja que este esforço titânico, que este acontecimento exaltante seja concretamente proveitoso para a humanidade e contribua para melhorar as condições de existência na Terra.» Depois de afirmar que são de prever «novidades surpreendentes», Rádio Vaticano salienta que a «Operação Lua» é um estímulo para o homem e impele-o a lançar-se noutras experiências, «não menos salutares para a humanidade, não menos exaltantes».

1001 viagens

Exemplos: LONDRES-8 dias • do Porto 3950\$ • de Lisboa 4220\$ P A R I S-7 dias • do Porto 4660\$ • de Lisboa 4400\$ Peça brochura à

AGÊNCIA ABREU DESDE 1840 LISBOA: Av. Liberdade 160 • PORTO: Av. Aliados 207 • COIMBRA: R. Sfo 2

A MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL

acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais os acontecimentos mundiais

Cinco batalhões de São Salvador invadiram as Honduras

• Duas cidades ocupadas

SÃO SALVADOR, 16 — As tropas de São Salvador ocuparam a cidade de Nueva Ocotepeque, a nove quilômetros da fronteira, e continuam a progredir em direcção a Santa Rosa de Copan, São Pedro Sula e o porto de Puerto Cortes na costa setentrional das Honduras. É a terceira brigada de infantaria que opera neste sector.

Na região oriental de São Salvador, outra coluna, formada por elemen-

tos da Guarda Nacional e parte de «El Amatillo», avançou na direcção de Nacaome, pequena localidade honduriana situada na estrada panamericana, a pouca distância do Golfo de Fonseca. Nacaome foi, depois, ocupada.

Não há qualquer explicação de ordem militar para estas operações. Pensa-se, porém, que as duas colunas poderiam convergir num ponto central das Honduras e isolar o país dos seus vizinhos guatemaltecos e nicaraguenses.

Cinquenta mil homens, ou seja cinco batalhões, participariam nas operações militares. A resistência oposta pelas forças terrestres das Honduras seria, ao que se afirma, bastante fraca.

A reacção aérea é mais vigorosa. Houve várias incursões hondurianas no território de São Salvador, em particular sobre a refinaria de Acautla e importantes depósitos de gasolina em Cutuco. Cinco aviões hondurianos teriam sido abatidos durante estes «raids» e teriam morrido dois pilotos.

Uma comissão de inquirição da O. E. A. foi recebida à chegada a São Salvador pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Francisco José Guerrero. Os delegados dirigiram-se, imediatamente, à Chancelaria onde se reuniram. Pensa-se que irão, seguidamente, ao secretariado-geral da O. D. E. C. A. (Organização dos Estados Centro-Americanos) e é possível que desejem ir aos locais das fronteiras, onde

tem havido recontros. Depois, a comissão seguirá para Tegucigalpa.

REACENDE-SE A LUTA EM EL AMATILLO

Entretanto os combates entre tropas salvadorianas e hondurianas teriam conhecido um renovar de intensidade em El Amatillo (Honduras), segundo as últimas informações recebidas em Tegucigalpa.

As mesmas informações referem-se a um avião salvadoriano abatido sobre o Pacífico, o que elevaria a cinco o número de aviões salvadorianos destruídos.

Notícias da zona ocidental anunciam a captura de dois tanques salvadorianos, nos arredores de Ocotepeque.

A Rádio de El Salvador convida os salvadorianos residentes nas Honduras a pegarem em armas contra o Governo do presidente Lopez Arellano. Ao mesmo tempo continua o êxodo dos hondurianos residentes em El Salvador para a Nicarágua. Elevara-se a cerca de 500 o número de refugiados em Sonoto.

As autoridades e o «Comité» Cívico de Defesa Nacional de El Salvador tomaram todas as disposições para evitar sabotagens. Assim, foi decretado o estado de sítio na capital. Todo o comércio está paralisado e as lojas estão fechadas na capital, com receio de um ataque da aviação das Honduras — anunciou José Sanson, embaixador da Nicarágua em El Salvador.

Numa comunicação telefónica para Lorenzo Guerrero, ministro dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua, o embaixador deste país descreve como «extraordinária» a preparação para a defesa em El Salvador.

Entretanto a Cruz Vermelha da Nicarágua anunciou que tinha recebido um pedido urgente de equipas de transfusão de sangue da Cruz Vermelha das Honduras que teria informado que os ataques salvadorianos tinham causado numerosas baixas.

Anuncia-se, por outro lado, de fonte próxima da embaixada de El Salvador, em Manágua, que o Exército salvadoriano ultrapassou a cidade de Nacaome, a dez quilómetros da fronteira. As tropas que operam nesta região são comandadas pelo coronel Mário Jesus Velazquez. — (F. P.)



AGITAÇÃO NA IRLANDA DO NORTE — Manifestantes lançam pedras contra as forças policiais que procuram transpor as barricadas. Protegidos por escudos de metal, as agentes da Polícia têm encontrado dificuldades para evitar o alargamento da agitação que se desencadeou no país, após um festival protestante

O LUGAR-TENENTE DE GUEVARA NÃO FOI CAPTURADO

LA PAZ (Bolívia) 16 — O Governo boliviano desmentiu, a noite passada, notícias de que tropas tinham capturado Guido «Inti» Peredo, o lugar-tenente do revolucionário cubano Ernesto «Che» Guevara durante a sublevação de guerrilheiros neste país em 1967.

O ministro do Interior, coronel Eufronio Padilla declarou, numa conferência de imprensa, que as autoridades militares fizeram confusão quando anunciaram ontem que Peredo, um dos poucos chefes sobreviventes da sublevação, fora aprisionado e ferido, perto da cidade de Cochabamba, a mil quilómetros ao sul de La Paz, às primeiras horas de antontem.

A confusão seguiu-se a recontros na segunda-feira, entre forças policiais e as denominadas guerrilhas urbanas em Cochabamba, que provocaram um número não revelado de mortos e feridos — acrescentou o ministro. — (R.)

PORQUÊ O ESPAÇO?

(Continuação da pag. 8)

direcções diferentes das inicialmente previstas.

O FUTURO DA «ERA MARCIANA»

«Como explorador o homem não pode ser substituído pela máquina — prosseguiu Mueller. — E o que se diz do homem explorador pode igualmente ser dito do homem sábio e do homem técnico. Para explorar realmente o espaço é preciso que o homem lá vá».

Semelhante resposta definiu o caminho escolhido pelos Estados Unidos. Todos os dirigentes da N. A. S. A., o dr. Werner von Braun e o administrador Thomas

Paine à cabeça, o têm dito e repetido ultimamente.

O que anunciam para datas mais remotas é o homem em Marte, em Vénus e em Júpiter... Ninguém duvida na N. A. S. A. que muitos jovens de hoje assistirão um dia à instalação de bases de exploração em Marte no género do que se fez, por exemplo, no continente Antártico. O custo deste género de empresas não está fora do alcance dos americanos. Os especialistas calcularam que 0,5 por cento do produto nacional dos Estados Unidos, o que representará dentro de alguns anos uns bons cinco mil milhões de dólares por ano, bastará amplamente para reunir em órbita terrestre três grandes estações espaciais, organizar um vaivém entre os espaços-portos e as plataformas estacionadas no cosmos, lançar novas expedições para a Lua, preparando com segurança o futuro da «era marciana». — (F. P.)

PRÉDIO VENDE-SE
Alto St. Catarina, antigo. Resp. a este jornal, ao n.º 96

OS AMERICANOS NA INDOCHINA

(Continuação da pag. 1)

dos de Genebra de que se comemora o 15.º aniversário em 21 do corrente mês, o presidente Eisenhower

ofereceu auxílio militar ao presidente Ngo Dien Diem.

O «APELO» DE DIEM

Em 28 de Abril de 1956, o M. A. A. G. «Grupo Con-

sultivo» assumiu a responsabilidade pelos treinos das tropas sul-vietnamitas.

Em 5 de Maio de 1960, o M. A. A. G. dobra os seus efectivos, que passam a compreender 685 oficiais e sargentos. Vinte e cinco dias mais tarde, as principais unidades das forças especiais americanas desembarcam no Vietnam.

Em 18 de Outubro de 1961, o presidente Diem pede ao presidente John Kennedy a intervenção das tropas americanas no Vietnam. Esta intervenção aumenta, durante sete anos, até que o presidente Nixon anuncia, em 8 de Junho deste ano, em Midway, a sua intenção de repatriar 25 000 soldados americanos. Os primeiros homens deste contingente deixaram a capital sul-vietnamita em 8 deste mês. — (F. P.)

VOLTA AO MUNDO EM 80 LINHAS

• Mariano Rumor, encarregado de formar o novo Governo italiano, conferência hoje com representantes da Democracia Cristã, grupo a que pertence, e com delegados do Partido Republicano.

• O Prémio Internacional de gro» norte-americano Eldridge Cleaver chegou ontem à Argélia, a fim de participar no I Festival da Cultura Pan-Africana.

• O conselho de guerra condenou três bascos acusados de pertencerem à E. T. A. e de rebelião militar a penas de sete anos para dois deles e a cinco anos para o outro. Tinham sido os três presos em Bilbao, no passado mês de Abril, e na casa deles tinha sido encontrado um duplicador.

• O Governo argentino mandou libertar 217 pessoas que haviam sido presas durante o estado de sítio imposto há duas

semanas — anuncia o ministro do Interior, Francisco Imaz.

• A colisão ferroviária da noite de segunda para terça-feira em Jajpur, no Estado de Orissa, cerca de 450 quilómetros ao sul de Calcutá, causou 82 mortos — anuncia a Direcção dos Caminhos de Ferro da Índia.

ISRAEL PREPARA UM GRANDE ATAQUE?

CAIRO, 16 — O autorizado jornal cairoco «Al Ahrâm» afirma hoje que Israel está a planear uma grande acção militar contra o Egipto como represália pelo aumento das actividades na frente egípcia e dos ataques desencadeados por comandos palestinos.

Numa notícia publicada na primeira página, o jornal diz que notícias de capitais mundiais indicavam que estratagemas israelitas julgavam que a acção de retaliação devia ser dirigida contra a frente egíp-

cia, considerada a maior e mais perigosa.

Revela ainda que o ministro da Guerra, general Mohamed Fawzi, teve ontem uma demorada conferência com membros da Assembleia Nacional, durante a qual discutiram a formação e os deveres do Exército do Povo.

Um decreto publicado no ano passado, estabelecia que unidades desse Exército guardariam instalações civis e outros alvos importantes de todo o país. — (R.)

Bilhetes para pessoas de idade

AGORA, TANTO O AVÓ COMO O NETO PODEM VIAJAR NOS CAMINHOS DE FERRO A MEIO PREÇO

A C. R. ANUNCIA A ENTRADA EM VIGOR DE UMA NOVA TARIFA CONCEDENDO A REDUÇÃO DE 50%, NOS PREÇOS DOS BILHETES DA TARIFA GERAL, EM QUALQUER CLASSE AS PESSOAS COM IDADE IGUAL OU SUPERIOR A 65 ANOS, MEDIANTE A SIMPLER APRESENTAÇÃO DO BILHETE DE IDENTIDADE

INFORME-SE NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES OU NO DEPARTAMENTO COMERCIAL ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA — TELEF. 80 41 81

PROGRAMA DOS CINEMAS

ALVALADE — Tel. 763080 — As 15.45 e 21.45 — Adultos — Uma história verdadeira da Guerra 14/18 — «Espia sem nome», com Suzy Kendal e Capucine — Technicolor — Produção de Dino Laurentiis — Realização de Alberto Lattuada.

EDEN — Tel. 320768 — As 15.15, 18.30 e 21.45 — Um «gang» atrevido num roubo atrevidíssimo... «O roubo da Pietá», com Dando Buzzanca, Jean Claud Brialy e Uta Levka.

ESTÚDIO — Tel. 555134 — As 15.30, 18.30 e 21.45 — M/ 12 anos — Technicolor — Fabuloso! Excitante! Diferente! Autêntico! — Walt Disney — «O deserto maravilhoso» — Autêntica obra de arte cinematográfica indispensável na sua cultura. — As 15.30 e 18.30 — Adultos — Últimas exhibições de «Muriel ou o tempo de um regresso».

EUROPA — Tel. 661016 — As 15.15 e 21.30 — M/ 12 anos — 8.ª semana — 70^m/m — Technicolor — «Oliver», com Ron Moody, Oliver Reed, Mark Lester e Shani Wallis.

IMPERIO — Tel. 555134 — As 15.15 e 21.30 — Adultos — Technicolor — Há uma chave que todos os meses abre o coração de Sara... — «Doce Novembro», com Sandy Dennis e Anthony Newley. — As 18.30 — Adultos — Sessão clássica — A obra-prima de Ingmar Bergman — «Morangos silvestres».

MONUMENTAL — Tel. 555132 — As 15.15 e 21.30 — M/ 12 anos — «Spartacus» — Espectacular obra de Stanley Kubrick, com Kirk Douglas, Laurence Oliver e Jeans Simmons.

SÃO LUIZ — Tel. 327172 — As 15.15, 18.15 e 21.30 — Adultos — Uma história verdadeira da Guerra 14/18 — «Espia sem nome», com Suzy Kendal e Capucine — Technicolor — Produção de Dino Laurentiis — Realização de Alberto Lattuada.

CINEARTE — Tel. 660446 — As 15.00 e 21.00 — Adultos — «Fanny» — A mulher que todo o homem gostaria de encontrar na vida — com Leslie Caron, Charles Boyer e Maurice Chevalier. — Em complemento: «Ou vai ou racha».

Tel. 53 87 43 (ADULTOS) (Ver anúncio especial)
MUNDIAL
Anthony Perkins e Vera Miles no filme **PSICO**
de ALFRED HITCHCOCK
As 15.15 e 18.30 (Adultos)
ULTIMAS EXIBIÇÕES DE **VIDAS PERIGOSAS**
com Claudia Cardinale

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
As 21.30 (M. 6 anos)
CONDES
O grande espectáculo de férias!
Os Reis do Riso no seu melhor
O MELHOR DE BUCHA E ESTICA
Na 1.ª parte, desenhos animados de **TOM & JERRY**

Tel. 32 62 83
HOJE, às 21.30 (M. 12 anos)
EM VERSÃO INTEGRAL
ODEON
Primeira reposição do notável filme português
ENCONTRO COM A VIDA
Realização de Artur Duarte
c/ **ROGERIO PAULO e MARIA DULCE**
Diálogos e versos de Silva Tavares — Música de Jaime Mendes

Tel. 4 71 63
As 21.45 (M. 12 anos)
AVIS
ESTREIA
Uma alegre comédia musical
DE BRAÇO DADO
EASTMANCOLOR
c/ **Massiel, Bruno Lomas e Miky**
AR CONDICIONADO

Tel. 32 63 05
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (Maiores 12 anos)
POLITEAMA
ULTIMAS EXIBIÇÕES
Uma extraordinária aventura!
«Suspense» e acção sem parar!
TECHNICOLOR
COMISSÁRIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS
com Tony Kendall e Brad Harris

As 21.30 (M. 12 anos)
LIDO AMADORA
Acção, violência, temeridade, com **MONTGOMERY WOOD**
O PERSEGUIDO
O melhor filme do ídolo das multidões!

Telefs. 5 41 53 e 5 41 54
SÃO JORGE
As 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
UM VERDADEIRO «ESTOIRO» POLICIAL!
O INSPECTOR CLOUSEAU
com Alan Arkin e Frank Finlay

As 15.15, 18.30 e 21.45 (ADULTOS)
Tel. 720808
Uma excitante aventura com por cento original
OS PROTAGONISTAS
com Silva Koscina, Jean Sorel, Gabriele Ferzetti e Lou Castel

Telef. 77 90 95
As 15.30, 18.30 e 21.45 (ADULTOS)
ESTÚDIO 444
UM POLICIAL DIFERENTE!
COMO SE EU FOSSE UM ESPIÃO
c/ Bernard Blier, Bruno Cremer e Suzanne Flon
AR CONDICIONADO

Telef. 5 05 95
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M. 12 anos)
TIVOLI
2.ª semana dum êxito estrondoso!
Em versão de 70 m/m de novo o famoso superfilme
O DIA MAIS LONGO

Telef. 61 03 75
As 21.30 (ADULTOS)
RESTELO
Uma comédia picante e espirituosa — A história de um matrimónio moderno
PEQUENO ALMOÇO EM CAMA DE CASAL
com Liselotte Pulver, O. W. Fischer e Lex Barker

Telef. 72 77 78
As 15.30 e 21.30 (ADULTOS)
ROMA
2.ª SEMANA
O regresso de um grande êxito
ROCCO E SEUS IRMAOS
Realiz.: LUCHINO VISCONTI
com Alain Delon, Annie Girardot, Renato Salvatori e Claudia Cardinale
AR CONDICIONADO
Chama-se a atenção para o horário da sessão da noite

As 17.00 e 21.30
TELEFONE: 26 07 25 (M. 12 anos)
CASINO ESTORIL
QUE NOITE, RAPAZES!
(What a Night!)
Sinfonia de improvisos a partir de um estonteante e divertido filme de argumento policial
c/ Philippe Leroy, Marisa Mel, Alberto Lionello e Franco Fabrizi

Tel. 79 15 74
As 21.30 (ADULTOS)
LUMIAR
AR CONDICIONADO
PARQUE PRIVATIVO
GOLPE SOBRE GOLPE
com Frank Sinatra e Peter Vaughan
ÉPOCA DE VERÃO
PREÇOS REDUZIDOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
VASCO SANTANA — 21.45 — «Anatomia de uma história de amor» (12 anos).
MONUMENTAL — 20.45 e 23.00 — «Ri-te, ri-te» (17 anos).
LAURA ALVES — 20.45 e 23.00 — «Pepsie» (17 anos).

CINEMAS
LYS — 15.00 e 21.00 — «Madigan» (17 anos).
PARIS — 15.00 e 21.00 — «Escorregar e cair» (17 anos).
JARDIM — 15.00 e 21.00 — «Morto ou vivos» (17 anos).
IMPERIAL — 15.00 e 21.00 — «O rancho da injustiça» (12 a.).
OLIMPIA — 14.00 e 19.00 — «Oiro sangrento» (12 anos).
ARCO-IRIS — 15.00 e 21.00 — «O meu sangue corre frio» (17 anos).

TERRASSE — 15.00 e 21.00 — «Um estranho na minha vida» (17 anos).

ESPECTÁCULOS GRATUITOS

Nos Restauradores, das 18 às 20 horas, e à entrada da Estufa Fria, a partir das 21 e 15, procede-se hoje à distribuição gratuita de bilhetes para o concerto a cargo do Orfeão Burgalês, um dos mais conceituados de Espanha, o qual se encontra em Lisboa para uma das audições de iniciativa municipal, no sector da música.

ROYAL — 15.00 e 21.00 — «A noite escaldante do inspector Joss» (17 anos).
PROMOTORA — 15.00 e 21.00 — «O filho de El Cid» (12 anos).

ARREDORES
AMADORA — Recreios — 21.15 — «O doce corpo de Deborah» (17 anos).
CAPARICA — Copacabana — 21.00 — «O segundo folego» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — Sociedade Piedense — 21.30 — «Guerrilha em fúria» (12 anos).
ESTORIL — Eplanada — 21.30 — «Jesse James contra a filha de Frankenstein» (17 anos).
PAREDE — Royal-Cine — 21.00 — «O preço de cinco jogadores» (12 anos).

CUIDADO!

ESTAS RAPARIGAS GOSTAM DOS HOMENS!

„Gostam de os atormentar! ...De os atraícoar! ...De os liquidar! ...Gostam de os amar!

O Perigo vem das Mulheres

(Some Girls Do)

Maiores de 17 anos

SÃO JORGE ESTREIA AMANHÃ, ÀS 21.30 ADULTOS

UMA AVENTURA SEM COMPROMISSO NUM FILME DESCOMPROMETIDO

com **RICHARD JOHNSON** **DALIAH LAVI-BEBA LONCAR**
JAMES VILLIERS-VANESSA HOWARD **MAURICE DENHAM**
SYDNE ROME-VIRGINIA NORTH **ROBERT MORLEY**
Argumento de David Osborn e Liz Charles-Williams. Produção de Betty E. Box. Realiza. de Ralph Thomas

COMO HOMENAGEM AO CICLISTA **JOAQUIM AGOSTINHO**, PELA FLAGRANTE OPORTUNIDADE E DANDO SATISFAÇÃO A INÚMEROS PEDIDOS, VOLTA AO ÉCRAN DO SÃO JORGE A SENSACIONAL REPORTAGEM DE CLAUDE LELOUCH SOBRE A VOLTA À FRANÇA:

POR UMA CAMISOLA AMARELA

DECORRE ESTA NOITE NO ESTORIL A FINAL DO I FESTIVAL DE MÚSICA MODERNA DA COSTA DO SOL

A final do I Festival de Conjuntos de Música Moderna da Costa do Sol realiza-se hoje, às 22 horas, no Pavilhão da Juventude Saleziana do Estoril.

Das provas eliminatórias, que decorreram com gran-

O PRIMEIRO ACTO —CLUBE DE THEATRO REPRESENTA «ANTIGONA» DE ANOUILH

O Primeiro Acto — Clube de Teatro volta a apresentar, em continuação do êxito das primeiras representações, a «Antígona» (versão de Jean Anouilh), encenada por Armando Caldas e interpretada por um grupo de raro equilíbrio e valor de conjunto.

Com actuações, às 21 e 45, de hoje a 18, 22 a 25 e 29 do corrente a 3 de Agosto, «Antígona» é levada ao palco no teatro da Rua Eduardo Augusto Pedroso, 16-A, em Al-
gés.

Do mesmo espectáculo disse Bernardo Santareno: «O primeiro espectáculo marca, creio eu, o rumo do empreendimento: teatro didáctico, consciencializador, capaz de chegar ao maior número. A encenação de Armando Caldas serve por processos modernos este propósito.»

O RANCHO FOLCLÓRICO DE LEIRIA TRIUNFOU EM NICE

Por telegrama recebido de Nice, confirma-se que o Rancho da Região de Leiria, representante da etnografia do País no Festival Internacional de Folclore, que decorreu naquela famosa praia do Mediterrâneo, alcançou excepcional êxito, tendo obtido grandes ovacões, secundadas por centenas de portugueses que assistiram a tão excelente exibição.

O Rancho da Região de Leiria prossegue agora no cumprimento do programa das suas exibições para Cagnes-Sur-Mer, Beaulieu-Sur-Mer, Cannes, Toulon, Ventimigli, Imperia e Savona.

de interesse nos passados dias 8 e 9, foram seleccionados os seguintes conjuntos: «A Máquina», «Emotion», «A Nave», «A 1», «Música Novarum», «Sindicato», «Yaks» e «Apolo A».

Dado o entusiasmo revelado nas provas eliminatórias, o júri vai, certamente, ter sérias dificuldades em seleccionar os três melhores, que receberão, respectivamente, como prémio, quinze, dez e cinco mil escudos.

O júri de classificação será composto pelo júri de selecção e por mais quatro individualidades, representando, respectivamente, a Junta de Turismo da Costa do Sol, a Rádio, a Televisão, e ainda por um representante das editoras de discos. Terminado o concurso, o júri de classificação reunir-se-á e, depois de deliberar, anunciará o resultado final.

CURSO DE INICIAÇÃO AO BAILADO

A Fundação Calouste Gulbenkian deliberou criar, a partir do próximo ano lectivo, um Curso de Iniciação ao Bailado, sob a direcção da prof.ª Wanda Ribeiro da Silva, curso que se destina à formação de futuros profissionais da dança.

Serão admitidas crianças de ambos os sexos, em número limitado, dos 7 aos 12 anos, que possuam pelo menos dois anos de iniciação musical. Após um primeiro concurso documental — entre outros factores de selecção considerar-se-á a situação económica do agregado familiar — os candidatos serão submetidos a uma audição com carácter eliminatório, presidida por um júri constituído por um médico, um psicopedagogo e professores de bailado.

A frequência do curso é gratuita, estando previstas duas aulas semanais de 50 minutos para cada turma.

Os boletins de inscrição encontram-se à disposição dos interessados, até 6 de Agosto próximo, no n.º 52 da Avenida de Berna.

Todos os componentes dos júris foram escolhidos, designados e convidados pela Junta de Turismo da Costa do Sol, entidade organizadora.

Das decisões dos júris não haverá recurso.

A todos os conjuntos participantes nesta final, a Junta de Turismo da Costa do Sol oferecerá troféus comemorativos do festival, além dos já referidos prémios pecuniários.

ORFEÃO BURGALÊS

Apresenta-se, esta noite, às 21 e 45, na Estufa Fria o famoso conjunto coral de Burgos, Orfeão Burgalês, que veio a Lisboa para colaborar no programa cultural do Município.

O programa inclui obras de autores espanhóis e ainda de Beethoven, Rimesky-Korsakov e J. Stanes.

Os componentes do orfeão estiveram ao meio da tarde nos Paços do Concelho, onde apresentaram cumprimentos ao general França Borges.

A MELHOR PROPAGANDA DA FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»


É a constante visita de milhares de pessoas que ocorrem ali diariamente

DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
Todas as atracções em movimento constante
TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Habilite-se ao sorteio de uma **MOTORIZADA CASAL**
oferta da **METALURGIA CASAL, LDA.**, de Aveiro

**FABULOSO!
EXCITANTE!
DIFERENTE!
AUTÊNTICO!**



**WALT DISNEY
O
DESERTO
MARAVILHOSO**
(THE LIVING DESERT)

AUTÊNTICA OBRA DE ARTE CINEMATOGRAFICA
INDISPENSÁVEL NA SUA CULTURA

PREMIADO
PELA
ACADEMIA
AMERICANA

Real. de JAMES ALGAR • Exclus. M/12 ANOS

DE NOVO A PARTIR DE

HOJE, ÀS 21.45, NO *estudio* **nucnucnucnu**

*Em versão integral, AGORA PARA MAIORES de 12 ANOS,
primeira reposição do FILME PORTUGUÊS*

ENCONTRO COM A VIDA

COM OS CONSAGRADOS ARTISTAS
**MARIA DULCE
e ROGÉRIO PAULO**

*Um conflito humano, próprio da
gente do nosso tempo, com vida
semelhante à nossa.*

Realização de ARTHUR DUARTE
Distribuição de EXCLUSIVOS TRIUNFO

HOJE, às 21.30, no ODEON



C.M.L. ESTUFA FRIA

HOJE, às 21 e 45 horas

Concerto gratuito
ORFEÃO BURGALES

Distribuição de bilhetes:
Restauradores, das 18 às 20 h.
Estufa Fria, depois das 21.15 h.
(M/ 12 ANOS)

**MASSIEL
BRUNO LOMAS
MICKY
e "LOS TONYS"**

DE BRASO DADO

Realização de VICTOR AUZ

HOJE ÀS 21.45 ESTREIA NO AVIS

Uma película que entusiasma os jovens
e rejuvenesce os mais velhos.

Se este filme o não diverte,
consulte um psiquiatra...

Maiores
de 12 anos

Distribuição de
**EXCLUSIVOS
TRIUNFO**



I FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME TURÍSTICO

O I Festival Internacional do Filme Turístico prossegue hoje na sala do antigo Casino do Estoril, com início às 21 e 30. A Inglaterra apresentará as películas «Britain by car» (15 minutos) e «Both ways to Bolymena» (18 m.). O Canadá apresentará três produções: «Celebration» (16 m.), «Atlantic Parks» (17 m.) e «Stamped» (27 m.). Quatro filmes representarão a Itália: «The Lure of Firenze» (15 m.), «Un sogno i una Città» (15 m.), «Sinfonia Italiana n.º 1» (15 m.) e «Sinfonia Italiana n.º 2» (15 m.).

O interesse pelo Festival é grande, sendo de assinalar que o departamento do Turismo Italiano em Lisboa distribuiu algumas centenas de convites, especialmente entre os elementos da colónia transalpina.

BANCO TOTTA-ALIANÇA CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do artigo 34.º dos Estatutos e por indicação do Conselho de Administração são convocados os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 5 de Agosto, às 17.30 horas, na sede social, a fim de deliberarem sobre uma proposta de fusão, com a incorporação do activo, passivo e demais direitos e obrigações deste Banco numa nova entidade a constituir em conjunto com o Banco Lisboa & Açores, desta cidade, estabelecendo as normas para a valorização da universalidade abrangida na fusão ou optando pela nomeação, para esse efeito, de uma comissão com os necessários poderes; concedendo ao Conselho de Administração todos os poderes para a prática dos actos e a outorga e assinatura dos contratos e documentos atinentes à execução do que deliberado for para esse fim, designadamente para determinar o capital e proceder à elaboração dos Estatutos do novo Banco; para requerer superiormente a sua aprovação, com as isenções e autorizações que entender conveniente; para outorgar a competente escritura ou escrituras que houverem de ser celebradas e para promover os seus registos e tudo o mais que for necessário praticar e assinar para a completa fusão dos dois Bancos.

Lisboa, 16 de Julho de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Jorge Augusto Cactano da Silva José de Mello

BANCO LISBOA & AÇORES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: 250 000 000\$00

SEDE — Rua do Ouro, 88 — LISBOA

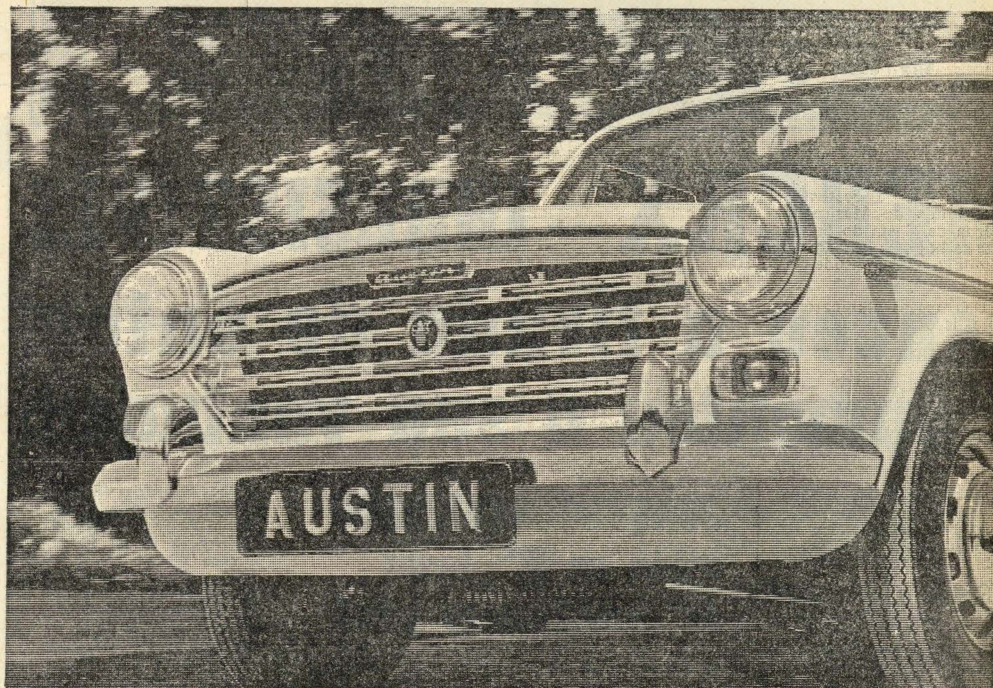
CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do artigo 17.º dos Estatutos e por decisão do Conselho Geral são convocados os Senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 5 de Agosto, às 17.30 horas, na sede social, a fim de deliberarem sobre uma proposta de fusão, com a incorporação do activo, passivo e demais direitos e obrigações deste Banco numa nova entidade a constituir em conjunto com o Banco Totta-Alliança, S. A. R. L., desta cidade, estabelecendo as normas para a valorização da universalidade abrangida na fusão ou optando pela nomeação, para esse efeito, de uma comissão com os necessários poderes; concedendo ao Conselho de Administração todos os poderes para a prática dos actos e a outorga e assinatura dos contratos e documentos atinentes à execução do que deliberado for para esse fim, designadamente para determinação do capital e proceder à elaboração dos Estatutos do novo Banco; para requerer superiormente a sua aprovação, com as isenções e autorizações que entender conveniente; para outorgar a competente escritura ou escrituras que houverem de ser celebradas e para promover os seus registos e tudo o mais que for necessário praticar e assinar para a completa fusão dos dois Bancos.

Lisboa, 16 de Julho de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) João Pinto da Costa Leite (Lumbralês)



CONDUÇÃO FÁCIL E SEGURA

toda a experiência da mais avançada técnica novo "standard" de aceleração, travões da maior eficiência, acabamentos requintados e suspensão

"HYDROLASTIC"® agora também com TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA

AUSTIN 1300

MODELOS DE

2 E 4

PORTAS



DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. S. A. R. L. LISBOA · PORTO · EVORA · BRAGA · SANTARÉM · MATOSINHOS · AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

· STANDS · EM LISBOA: — R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 — AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A — R. TOMAS RIBEIRO, N.º 50-A

FIGUEIRA DA FOZ

ÁLVARO ALVES BORGES

O Conselho de Administração da «Arrasto» — Companhia de Pesca do Centro de Portugal, S. A. R. L., com profunda mágoa, participa o falecimento do seu administrador sr. Álvaro Alves Borges, cujo funeral se efectua, hoje, às 17 horas, na Figueira da Foz.

EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS EM CABO VERDE

O «Diário do Governo» publicou um decreto que autoriza o ministro do Ultramar, em nome da província de Cabo Verde, a celebrar contrato com uma sociedade a constituir sob a denominação «Atlântico-Interplano — Empreendimentos e Investimentos Ultramarinos, S. A. R. L.» para a construção de vários empreendimentos turísticos na ilha da Boa Vista.

A área de exploração da sociedade abrangerá cerca

de trinta quilómetros quadrados. Até dois anos após a data da assinatura do contrato e da autorização dos serviços competentes, devem estar construídos o mínimo de três hotéis com a capacidade de, pelo menos, seiscentas camas. Além da respectiva urbanização, a sociedade obriga-se à construção de um aeropor-

to na ilha da Boa Vista. Serão também construídos, com a respectiva urbanização «bungalows», destinados a alojamentos, campos de golfe, ténis, equitação, etc.

O contrato (que admite a criação de uma zona de jogo e seus anexos) será redigido em alemão e português.

desporto

MERCKX — IRRESISTÍVEL venceu a tirada de ontem e aumentou a sua vantagem

MOURENX-VILLE, NOUVELLE, 16 — (Serviço especial para «A Capital») — O «Tour» prossegue. Dirrissimo, A comprová-lo está o facto de o belga Witte já não haver alinhado ontem, em Luchon, à partida para a 17.ª tirada. A este há a juntar as deslizes do italiano Pougiori e dos espanhóis Diaz, Mascaro, Santamaria e Momene. A seleção vai-se fazendo. Implacável. Costuma dizer-se que quem tem unhas é que toca guitarra. Aqui, na Volta à França, quem tem pernas — e coração... e cabeça... — é que se aguenta em cima da bicicleta.

Eddy Merckx aproveitou, ontem, uma oportunidade. Quando entendeu, lançou o ataque. Como quis, ganhou a tirada, com 7 m. e 57 s. de avanço sobre Pingeon e Poulidor e 14 m. e 45 s. sobre Gimona, que perdeu o terceiro lugar da classificação geral em proveito de Poulidor.

O belga dá festival Exterioriza, com exuberância, todas as suas possibilidades. Enormes. Sem concorrência. E continua no primeiro lugar. Cada vez mais primeiro. De pedra a cal.

Entretanto, Joaquim Agostinho continua a progredir na classificação geral da «Volta», dando, em dois dias, um salto que se pode considerar espectacular, de décimo quarto para nono. O que não obsta que continue a ceder minutos ao camisola amarela, Eddy Merckx.

O corredor português creditou-se, ontem, com um atraso de quase dezasseis minutos em relação ao belga, que, além disso, lhe arrebatou — justificadamente, aliás — o primei-

O VITÓRIA DE GUIMARÃES INTERESSADO EM CAIADO

Na impossibilidade de continuar a contar com os serviços do técnico brasileiro Jorge Viêira, o Vitória de Guimarães pensa seriamente em assegurar os serviços de um novo treinador.

Foi assim que Fernando Caiado recebeu, por via particular, um convite para orientar, na próxima época, o grupo viarenense.

Desconhecem-se, por ora, condições e qual a decisão de Caiado, já que o Nice continua a ser hipótese.

Ao que julgamos, porém, a possibilidade de continuar em Portugal agrada sobremaneira ao conhecido técnico.

• Humberto Fernandes é incógnita

Aventa-se a hipótese de Humberto Fernandes deixar o Ben-

LER MAIS NOTICIÁRIO NO «EXTRA»

• JOAQUIM AGOSTINHO subiu ao 9.º lugar da classificação geral

ro lugar no Prémio da Combatividade.

Agostinho esteve todo o tempo integrado no pelotão dos heróicos perseguidores de Merckx, comandado por Pingeon e Poulidor. Teve dois azares: caiu na descida do Tourmalet e teve um furo na descida do Aubisque, mas nem por isso se deixou distanciar do grupo Pingeon-Poulidor, com o qual cortou a meta em Mourenx.

Classificação da 17.ª tirada da Volta à França, disputada entre Luchon e Mourenx-Ville Nouvelle, num percurso de 214,5 km — 1.º, Eddy Merckx (Bélgica — Driessens), 7 h. 04 m. 28 s.; 2.º, Michele Dancelli (Itália — Albani), 7.12.24; 3.º, Van den Bossche (Bélgica — Driessens), 7.12.25; 4.º, Bayssiere Andre (Plaud); 5.º, Roger Pingeon (Plaud); 6.º, Jean-Clau. de Theilliere (Stablinski); 7.º, André Zimmermann (Stablinski); 8.º, Raymond Poulidor (Magne), todos com o mesmo tempo de Bossche; 9.º, Janssen (Holanda — Geminiani), 7.19.15; 10.º, Wagtmans (Aolanda — Vissers), 7.19.16; 11.º, Gutty (Caput), 7.19.17; 12.º, Joaquim Agostinho (Portugal — Caput), 7.19.17; 22.º, Vianelli (Itália — Albani), m. t.; 23.º, Galera (Espanha — Machain), 7.28.54.

Classificação por equipas na 17.ª tirada — 1.º, Driessens, 21 h. 36 m. 10 s.; 2.º, Plaud,

fica se surgir qualquer clube interessado nos seus serviços e a oferecer-lhe — naturalmente — melhores condições.

Entretanto, sabe-se que, para continuar na Luz, Humberto pediu 120 contos por época, e que Otto Glória continua interessado nos seus serviços.

• Gonçalves renovou com o Sporting

Gonçalves assinou, finalmente. Jogador e clube acabaram por chegar a acordo.

Mais três épocas no Sporting. Condições? As mesmas do contrato anterior.

• Ferreira Pinto ameaçado

Interessado em tomar o rumo da França, Ferreira Pinto não quer continuar em Tomar. Simplesmente, o União tomarense já o notificou comunicando-lhe que, se não comparecer até ao dia 4 do próximo mês de Agosto, será punido.

21.44.07; 3.º, Stablinski, m. t.; 4.º, Magne, 21.50.59; 5.º, Caput (Gutty, Izier e Agostinho), 21.57.51.

Classificação geral após a 17.ª tirada — 1.º, Eddy Merckx (Bélgica — Driessens), 84 h. 37 m. 53 s.; 2.º, Roger Pingeon (Plaud), a 16 m. 18 s.; 3.º, Raymond Poulidor (Magne), a 20 m. 43 s.; 4.º, Felice Gimondi (Itália — Pezzi), a 24 m. 18 s.; 5.º,

TEMPOS ACEITÁVEIS NA ÚLTIMA JORNADA DO «TORNEIO DE VERÃO» EM NATAÇÃO

Completo-se, ontem, o Torneio de Verão organizado pela Associação de Lisboa, com as provas que tinham ficado por disputar na primeira jornada e mais algumas para fazer programa.

Apesar do vento, os resultados técnicos foram muito aceitáveis. Assim, em mariposa, um estilo que não tem muitos adeptos no nosso meio, Fernando Rosa Jorge (1 m. e 16,4 s.) e Bessone Alves (1 m. e 13,5 s.) creditaram-se de «marcas» interessantes, pouco vulgares na modalidade, excluindo, claro está, as obtidas pelo «campeoníssimo» Vitor Fonseca.

Despique emotivo entre as juvenis de brucos, Ana Patacas, Ana Pires e Ana Paula, e bom tempo de Manuela Banna, nos 100 m livres.

Os vencedores das provas foram:

FEMININAS — 200 m livres — Ana Paula Matos (Algés), 2 m. e 44,1 s.; 100 m livres, infantis — M. Manuela Banna (Algés), 1 m. e 22,6 s.; 100 m brucos — Ana Maria Patacas (Algés), 1 m. e 40,3 s.; 4 x 100 m estilos — Algés (Graça Maia, Isaura Martins, Ana Matos e Ana Patacas), 5 m. e 29,2 s.

MASCULINOS — 100 m mariposa, juniores e seniores — Rosa Jorge (Algés), 1 m. e 16,4 s.; 100 m mariposa, juvenis — Bessone Alves (Algés), 1 m. e 13,5 s.; 100 m brucos, infantis — Sacramento Silva (Benfica), 1 m. e 42,3 s.; 4 x 100 m livres — Algés (M. Silva, Rosa, Bessone e R. Jorge), 5 m. e 10,5 s.

A classificação final do torneio foi a seguinte: 1.º, Algés, 315 pontos; 2.º, Belenenses, 135; 3.º, Nacional, 120; 4.º, Benfica, 117; 5.º, Juventude de Évora, 42; 6.º, Lusitano de

Andrés Gandarias (Espanha — Langarica), a 29 m. 35 s.; 6.º, Rinus Wagtmans (Holanda — Vissers), a 30 m. 50 s.; 7.º, Franco Vianelli (Itália — Albani), a 35 m. 22 s.; 8.º, Desire Letort (Plaud), a 45 m. 47 s.; 9.º, Joaquim Agostinho (Portugal — Caput), a 46 m. 59 s.; 10.º, Jan Janssen (Holanda — Geminiani), a 48 m. 43 s.

Por pontos — 1.º, Eddy Merckx, 214 pontos; 2.º, Jan Janssen, 131 p.; 7.º, Joaquim Agostinho (Portugal), 86 pontos.

Classificação por equipas — 1.º, Driessens, 257 h. 02 m. 57 s.; 2.º, Plaud, 257.04.23; 3.º, Langarica, 257.49.47; 4.º, Machain, 258.03.13; 5.º, Pezzi, 258.12.59; 6.º, Caput, 258.16.28.

AS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DO CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»

Para comemorar as suas Bodas de Ouro mandou o Belenenses executar um cunho do «Medalhão do Cin-

ze, com o diâmetro, de 80 mm e o peso de 250 gramas o referido medalhão, do qual foram emitidos apenas 200 exemplares, existe, numa face, envolto numa coroa de louros, o emblema do Clube; na outra, encimando na reprodução da Torre de Belém, a legenda «Hic Natum Est» — Aqui nasceu — e, por baixo da gravura, daquele monumento o nome de «Os Belenenses».

Destinam-se os 200 medalhões a ser distribuídos en-



quentenário», cujas faces se reproduzem nas gravuras juntas.

Confeccionado em bron-

HOJE MEIAS-FINAIS DA TAÇA RIBEIRO DOS REIS

Prestes a terminar a época de futebol, a Taça Ribeiro dos Reis tem hoje os jogos correspondentes à meia-final.

Em Aveiro, às 18 horas, defrontam-se Salgueiros e Peniche, enquanto que, no Restelo, Benfica e Vitória de Setúbal medirão forças a partir das 21 e 15.

Jogos de desfecho imprevisível, têm, acima de tudo, o seu maior interesse na circunstância de estar em discussão a presença na «final» do troféu instituído pelo Totobola.



tre os sócios, simpatizantes e colecionadores, ao preço de quinhentos escudos, estando aberta a inscrição para a sua aquisição.

• «O Belenenses visto pelas crianças»

Integrada nas comemorações do 50.º aniversário do Clube de Futebol «Os Belenenses» foi ontem inaugurada na sua delegação, à Avenida da Liberdade, a exposição «O Belenenses visto pelas crianças».

Na exposição, ontem inaugurada pelo director-geral dos Desportos, estão patentes 140 quadros de alunos das escolas da zona ocidental e alguns vindos de escolas da região de Aveiro que quiseram associar-se à iniciativa.

TURISMO, AUTOMOBILISMO & Boa Companhia

Venha à AUTO INDUSTRIAL, na Av. Duque de Loulé, 93/95, tome um café conosco e acredite que, com Vauxhall, pode ir onde os seus olhos vão! Isto, através de uma exposição dos melhores cartazes que a Câmara Municipal de Lisboa, Secretariado Nacional de Informação, Agência Geral do Ultramar e Junta do Turismo da Costa do Sol editaram para fomento do Turismo Nacional.



COIMBRA — LEIRIA — CALDAS DA RAINHA
ESTORIL — Avenida de Nice — Telef. 263550-263396
LISBOA — Av. D. de Loulé, 93 — Tel. 538082-562551

UMA ONDA DE ESFORÇO HUMANO

(Continuação da pág. 1)

preendimento nacional foi alguma vez lançado com uma margem tão importante deixada à sorte, ou com tão pouca calma deliberada.

O primeiro dado foi lançado em Outubro de 1957; o voo do «Sputnik I», seguido, um mês mais tarde, pelo «Sputnik II», com a cadela Laika a bordo, sacudiu a América como um furacão. Do dia para a noite a confiança na suprema superioridade militar e tecnológica da América transformou-se em profunda ansiedade. A administração Eisenhower, que se mostrara bastante fria nas coisas espaciais, ao adiar o lançamento de um satélite «Vanguard» do tamanho de uma lanterna grande, ficou subitamente nervosa e sob grande pressão para agir.

Como resultado, a Agência Civil do Espaço (N. A. S. A.) nasceu poucos meses depois e recebeu ordem para dirigir os projectos espaciais, já bastante ambiciosos: logo em Dezembro de 1957, a equipa de Wernher von Braun projectara um propulsor de 1 500 000 libras, a base do foguetão «Saturno V» de hoje, e o Programa Mercury de voos orbitais de um só homem estava na mesa de desenho.

Mas tais projectos foram mantidos em xeque por orçamentos apertados e, mais ainda, por um plano director da conquista do espaço, elaborado pela comissão consultiva do presidente para a Ciência, considerado a primeira declaração sobre a política do espaço, o qual colocava as alunagens tripuladas bem dentro do horário, entre muitos outros caminhos para explorar o espaço para fins pacíficos. A sua aspiração era uma bem ordenada marcha para o espaço, dentro do contexto de um esforço nacional equilibrado.

A N. A. S. A. concordou mais ou menos e, em 1960, revelou o seu plano espacial de dez anos, incluindo uma descida do homem na Lua nos princípios de 1970. Mas algumas vozes influentes começavam já a discordar. Espicada pelo medo de uma superioridade russa em mísseis militares e pela doutrina do Pentágono de que mísseis na Lua poderiam dominar o mundo,

a poderosa Comissão para a Ciência e Astronáutica declarou que o programa da N. A. S. A. não ia suficientemente longe.

Os medos do Pentágono

É sabido que estes medos eram completamente injustificados: a brecha dos mísseis era um mito e o Pentágono tinha sonhado um disparate estratégico. Mesmo assim ambos desempenharam o papel principal na campanha presidencial Nixon-Kennedy, nos fins de 1960.

Os dois candidatos defendiam uma aceleração no espaço (Nixon acentuando o lado militar, Kennedy as utilizações pacíficas), mas, nesta fase, Kennedy queria claramente um avanço «elástico» e equilibrado — na linha de pensamento da administração Eisenhower e na de quase todos os cientistas.

Nesta altura houve mais dois pedidos para não haver precipitação na corrida para a Lua. Antes de abandonar as suas funções, a Comissão do Presidente Eisenhower para as Aspirações Nacionais fez um aviso contra o perigo de «se ser arrastado a competições nacionalísticas, em programas extravagantes que podiam desviar fundos e talentos de programas de igual ou maior importância». E um dos primeiros documentos que o recém-eleito Kennedy encontrou na sua secretária foi uma forte crítica às prioridades espaciais duma comissão encabeçada pelo seu principal conselheiro científico, Jerome Weisner. Esta comissão aconselhava o incremento no campo dos mísseis militares e recomendava insistentemente que o Programa Mercury para colocar um homem em órbita devia ser desclassificado, visto «exagerar um dos aspectos da actividade espacial».

Este relatório estava na mente de toda a gente quando em 22 e 23 de Março de 1961 — somente dois meses antes de Kennedy fazer o seu histórico discurso no Congresso em que pedia um programa acelerado para conseguir um homem na Lua dentro de uma década — houve uma reunião-chave para decidir os orçamentos para o espaço da nova administração. O presidente assistiu a parte dela e, se bem que achasse urgente a América alcançar o primeiro lugar nos grandes projectos espaciais, os peritos ligaram-lhe pouca importância.

A reunião decidiu ir para a frente com um programa de foguetões mais desenvolvido, que culminava no «Saturno V», e adiar as decisões acerca do Programa Apollo de alunagem, para uma análise mais demorada.

O voo de Gagarine

Pouco depois, outro relatório de alto nível — desta vez da Academia Nacional de Ciências — insistia em que a exploração da Lua e planetas deveria ser o objectivo final do programa espacial dos E. U. A. Afirma-se aí que expedições tripuladas deveriam desempenhar um importante papel. Mas rejeitava qualquer ideia de programas acelerados.

Foi então que um segundo furacão sacudiu a confiança da América. Em 12 de Abril de 1961 os russos colocavam Yurin Gagarine em órbita, para se tornar o primeiro homem no espa-

ço. Numa conferência de Imprensa, no mesmo dia, Kennedy mostrava novamente a sua impaciência por estar «em segundo lugar em relação à Rússia, no campo espacial». Deve ter sido um momento particularmente mortificante — porque o primeiro lançamento de um homem americano no espaço (embora não tão dramático como o voo de Gagarine) estava marcado para poucas semanas depois.

Mas houve outro acontecimento perturbador. Uma semana após o voo de Gagarine teve lugar a invasão de Cuba, suportada pelos americanos, que acabou no fiasco da Baía dos Porcos. Para o novo presidente, a Guerra Fria tornou-se subitamente muito gelada.

Kennedy reagiu imediatamente. Em 20 de Abril encarregou o vice-presidente Johnson de descobrir qual seria a actividade espacial que daria aos E. U. A. uma boa «chance» de ficar à frente da Rússia e quanto custaria isso.

No dia seguinte declarou à Imprensa o que tinha feito: «Temos de verificar se há algum programa neste momento, sem olhar a custos, que nos dê a esperança de sermos os pioneiros num projecto espacial... Se pudermos chegar à Lua antes dos russos devemos fazê-lo.»

A maré estava a mudar. Quando Johnson falou aos principais conselheiros espaciais, arrancou-lhes a predição de que, embora os russos pudessem, provavelmente, enviar homens à roda da Lua em primeiro lugar, ambos os lados necessitavam de uma nova geração de foguetões para um homem lá descer. A América estava a desenvolvê-los e, assim, o grande prémio de um «homem na Lua» ainda podia ser ganho.

Johnson sondou também as reacções de uma mão-cheia de importantes consultores e homens de negócios e recebeu um «sim» vigoroso. Os militares concordaram que isso poderia ser tecnicamente possível. Então, antes de haver tempo para sondagens mais profundas, Alan Shepherd foi posto num voo suborbital de 15 minutos até ao Atlântico.

O voo de Shepherd, em 5 de Maio, foi um êxito técnico e a América dispôs-se a uma ovação tumultuosa. Mas, provavelmente, chegou muito tarde para afectar seriamente os acontecimentos. No fim de semana de 6 e 7 de Maio, uma reunião de alto nível entre a N. A. S. A. e o Departamento de Defesa, recorrendo que o orçamento da N. A. S. A. para o ano seguinte deveria ser aumentado de 549 milhões de dólares, enquanto, nas primeiras semanas de Maio, a Comissão para a Ciência e Astronáutica recomendou que o orçamento total espacial fosse aumentado de 148 milhões de dólares — 130 milhões mais do que a Administração tinha pedido.

Um discurso histórico

O terreno estava bem preparado para o discurso de Kennedy em 21 de Maio. Mas foi esse discurso que, inequivocamente, escolheu a descida na Lua como o maior cometido e lhe marcou a data — «dentro desta década». Depois disso não se podia voltar atrás.

Como formalidade, a decisão de Kennedy teve de passar pelo usual maquinismo da aprovação das duas Câmaras. Mas os de-

bates foram extraordinariamente breves. Entre os testemunhas-peritos que elas ouviram não havia cientistas (nem mesmo quaisquer membros da Comissão Conselheira do Presidente para Assuntos Científicos), nem homens de negócios, nem representantes sindicais. Durante os três dias de audições no Senado, só cinco dos 15 membros da comissão foram ouvidos no primeiro dia e não há notícias de qualquer testemunho no último.

Assim, com um debate mais curto do que aquele

que o Congresso teve mais tarde sobre um programa para combater os raios — a América foi lançada no mais dispendioso e complexo empreendimento da nossa era.

Isto pode parecer agora muito tempo já, e talvez bastante incidental para as excitações éticas que o projecto nos vai trazer nos próximos dias, quando alcançarmos o seu clímax. Mas vale a pena lembrar, quando vírmos Aldrin e Armstrong darem os seus históricos primeiros passos na Lua, que foi só por acidente que eles lá chegaram.

Celebrado o contrato entre o Estado e a empresa que em exclusivo explorará pedras preciosas em Angola

Foi celebrado um contrato, realizado no passado dia 14, no Ministério do Ultramar, entre o Estado Português e a Diversa — Internacional de Exploração de Diamantes, S. A. R. L., que tem o apoio técnico e financeiro da sociedade americana Diversa, Inc., para a concessão do direito de exclusivo de pesquisa e exploração de pedras preciosas em determinada área da província de Angola, nos termos do Decreto n.º 49 019, de 22 de Maio findo.

Outorgou, em representação do Estado, o sr. ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha; em representação da Diversa — Internacional de Exploração de Diamantes, S. A. R. L., os srs. drs. Alberto Marques Mano de Mesquita e Fernando Guilherme da Graça Fernandes, e, em representação da sociedade americana Diversa, Inc., o mesmo dr. Alberto Marques Mano de Mesquita.

Assistiu à assinatura do contrato o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, sr. dr. Rui Patrício, tendo servido de notário o secretário-geral do Ministério, sr. dr. Manuel da Cruz Alvura.

Ficou estabelecido por este contrato que o direito exclusivo de pesquisar é concedido por um período inicial de 3 anos, contado a partir da data da assinatura do mesmo, podendo ser prorrogado por mais 2 anos, a pedido da concessionária, se esta requerer tal prorrogação até 30 dias antes do termo do período inicial e se cumpridas todas as suas obrigações contratuais e legais.

O direito de exploração é concedido por um período de 20 anos, contados a partir da assinatura do contrato, podendo ser prorrogado por mais 15 anos.

Durante o período inicial da concessão, a sociedade é obrigada a investir na execução dos planos de trabalhos de pesquisa e exploração os seguintes montantes mínimos: durante o 1.º ano, 4 000 000\$; durante o 2.º ano, 6 000 000\$; e durante o 3.º ano, 5 000 000\$.

A partir do termo do 1.º ano, contado da assinatura do contrato, a sociedade pagará anualmente à província de Angola, como renda de superfície, as seguintes quantias por km2 das áreas que mantiver: 2.º e 3.º anos, 250\$; 4.º e 5.º anos, 500\$ e 750\$, respectivamente.

Em relação às áreas demarcadas para exploração, a renda de superfície anual é de 2500\$/km2.

A Diversa — Internacional de Exploração de Diamantes, S. A. R. L., fica sujeita ao pagamento de direitos de concessão no montante de 12,50 por cento do valor da venda ou de stock de todas as pedras preciosas que produza, tanto na fase de prospeção e pesquisa como na fase de exploração.

Estas importâncias darão entrada nos cofres da província durante o período de 30 dias que se seguir a cada venda ou avaliação.

A província de Angola terá direito de prioridade de compra de 50 por cento de toda a produção e terá direito a receber 50 por cento dos lucros líquidos da sociedade, importância esta que dará entrada nos cofres da Fazenda da província durante os 3 primeiros meses do ano seguinte àquele a que respeitar.

A concessionária fica obrigada a dotar o Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino, durante a vigência deste contrato de concessão, com uma importância de 1 000 000\$ anuais, a pagar adiantadamente durante os primeiros 3 meses de cada ano civil.

Obriga-se ainda a preencher o pessoal dos seus quadros em todas as categorias em nacionais portugueses, podendo, no entanto, quando necessário, contratar no estrangeiro pessoal técnico especializado, sem embargo da obrigação de promover a formação profissional dos trabalhadores nacionais, bem como a especialização de técnicos portugueses, os quais substituirão os técnicos estrangeiros que para ela trabalharem em território nacional.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

TRADUTORES
INTERPRETES
SECRETARIADO
TURISMO
DIRIGENTES DE EMPRESAS
LÍNGUAS

A UNIVERSITÁRIA
NA EMPRESA

R. do Sacramento à Lapa, 16
Telef. 67 63 95-67 37 66
Av. da República, 25-1.º Dto.
Telef. 53 96 41
Av. Duque de Loulé, 126-1.º
Telef. 53 33 18



PÁGINA DO FECHO

CRIADO O CONSELHO SUPERIOR DE ECONOMIA

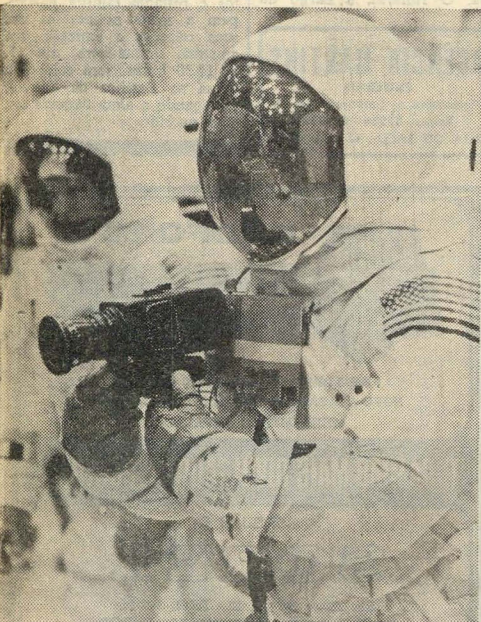
A folha oficial publicou um decreto-lei que cria, com as secções de Agricultura, Comércio e Indústria, o Conselho Superior de Economia, o qual fica directamente dependente do ministro da Economia. O diploma define as funções do novo organismo e extingue o Conselho Superior de Agricultura.

A criação do Conselho Superior é justificada pelas condições em que o Ministério da Economia tem de desenvolver a sua actividade, o que torna necessária a existência de um órgão altamente qualificado que auxilie directamente o ministro e os secretários de Estado no estudo das orientações fundamentais a adoptar no seu âmbito de acção.

VISITA DO MINISTRO DA DEFESA ÀS ESCOLAS DA ARMADA

O ministro da Defesa visita, amanhã, às 10 horas, no Alfeite, as instalações do Grupo n.º 2 de Escolas da Armada.

Aquela membro do Governo será acompanhado pelo chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e recebido pelo titular das pastas da Marinha, almirante Pereira Crespo; comandos e respectiva oficialidade.



Neil Armstrong durante o último treino com a câmara de televisão que transmitirá as imagens da descida na Lua

Relendo

O «CÂNTICO SUSPENSO»

de José Régio

O último livro de versos de José Régio parece-me estar dentro do grupo de obras literárias e humanas, que não é fácil julgar ou apreciar à primeira leitura ou à primeira vista. Diversidade temática e variedade formal implicam alargamento de vivências, riqueza de vida interior, mesmo que na totalidade da obra encontremos uma

são versificada, mas o que não pode deixar de sentir e julgar é a extensão da *partitura* introdutória onde domina o tom humorístico, caricatural, displicente. Régio observa o viver urbano sob o ângulo moral ou místico, talvez à maneira dos profetas bíblicos a quem os desmandos da humana gente de certa sociedade sua contemporânea desgos-



José Régio no seu ambiente de trabalho

toso (*Sucata*), volta a notação sarcástica (*O Baile*), para depois se alçar a diferentes graus, planos onde

simbolos (*O Templo Abandonado*). Sacralização do profano? Profanação do sagrado? Frustração do ideal? Mal se deixa entrever. Discretamente o poeta desvia-se por ambientes penumbrosos onde há luzilações, pressentimentos do *aquém* e *do além* da vida, em constante contraponto. E esta *contrapontação* reaparece na dualidade, por exemplo, de *Os Dois de Fora*, irmã-

de tempo vivido e vivente — a estátua do santo e o mendigo da catedral.

O *Relógio* reata a obsessão temática do tempo esvaído. O ritmo dos versos sugere espectacularmente a atmosfera do velhissimo salão, as estrofes heptassilábicas, cerceadas pelos versos menores, pouco a pouco trazem à vida, na cadência isócora, o recheio

por FIRMINO CRESPO

certa unidade radicada nos assuntos predilectos do poeta. De facto o «Cântico Suspenso» não se compreende sem ter presentes em espírito os seus anteriores livros de versos, dos quais este é como que uma eflorescência ou cúpula.

Há, todavia, aspectos novos que o distinguem deles, ou deles são como que a superior, ou ulterior, forma estrutural, depurada por incessante experiência humana e artística. Com efeito é possível ir descobrindo desde o primeiro poema *Havia na Cidade* até ao último — *Estação Término* — a interligação que à primeira vista se furtou, ou nos iludiu, parecendo ser mais uma colectânea de composições poéticas diversas, aqui reunidas apenas com fins editoriais, que um *cântico* em vários tons do mesmo autor.

No seu conjunto o livro sugeriu-me a tessitura de uma composição sinfónica de que o primeiro poema será o prelúdio ou abertura. O poeta compartilha, naturalmente, da movimentação humana, nas diversas formas de actividade cultural ou social. Certa vez quedou-se a observar, ou a analisar, sob certo ângulo, o comportamento de um aglomerado humano típico e veio-lhe o tema-inspiração da *abertura* do «Cântico Suspenso». O leitor aprovará, ou fará restrições à forma de expres-

tavam. O andamento rítmico tem solenidade e advertência amarga, como nos versículos da literatura profética. E vai anotando o reverso das aparências — o cómico, o ridículo, o degradante, o outro lado da vida social civilizada: o trânsito das ruas, os jogos desportivos tumultuosos, a fauna ociosa, os filmes seleccionados de duvidosa intenção, as passagens de *modelos*, os *cabarés*, *boites*, *strip-tease*, a arte *pop*, as preverções várias, o turismo, a influência da publicidade, as modas ou correntes estéticas, e culturais, os progressos técnicos (v. g. a televisão), certa mentalidade pseudo-religiosa (dada com tanta justiça no verso *Alguém que não responde, ou raro, mas vê tudo*), os hospitais os asilos, as obras de caridade, etc., até alcançar uma visão panorâmica do típico burgo humano — a cidade — nos seus monumentos, os vultos sociais célebres. E... termina este primeiro andamento sinfónico com uma espécie de irreverente gargalhada ou desconcertante sumário crítico. É que nesta cidade existe, paradoxalmente, um louco (?), aliás sequestrado (preso) por ter escrito uma sátira em que se imaginava a destruição desta maravilha social pelo fogo, como o Nero da Roma imperial. Estranho remate. Após um intervalo lamen-

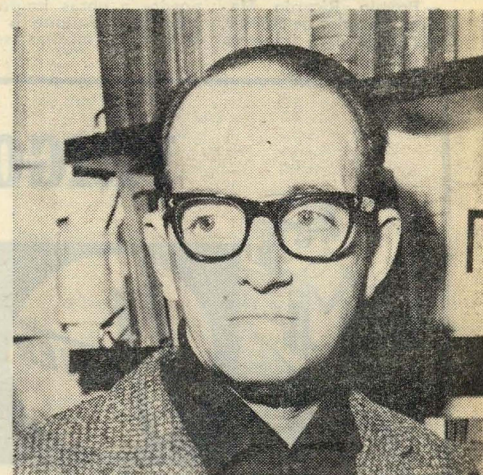
tos símbolos misteriosos nos forçam a saltos de imaginação em virtude da anómala contiguidade desses

O primeiro romance de Mário Dionísio:

«NÃO HÁ MORTE NEM PRINCÍPIO»

A editorial Publicações Europa-América acaba de apresentar nas livrarias o romance de Mário Dionísio «Não há morte nem princípio». O crítico e ensaísta que teve uma missão primacial e uma forte e construtiva presença na cultura portuguesa durante os últimos trinta anos, o contista e poeta que tem sabido fundir como raros os valores da literatura e os da realidade vivencial de uma época, o cronista atento às inquietações e dramas essenciais do nosso tempo, surge agora com o seu primeiro romance. Augusto Abelaira assinala que Mário Dionísio representava no actual panorama literário português o curiosíssimo exemplo de um romancista sem romances — isto é, de um escritor que só no romance poderia buscar e encontrar a unidade das suas múltiplas preocupações mas que não publicara ainda um romance.

Aqui temos o romance de Mário Dionísio — e é, em todos os sentidos da expressão, o seu romance. O autor considera-o uma experiência. A leitura efectuada de um só jacto de tempo, em horas ininterrompidas e absorvidas, faz sentir este romance, na íntima experiência do leitor, como uma difícil, inquietante e preocupante experiência. O estilo e a composição começam por confundir ou até repelir — uma feição discorrente, na primeira aparência anárquica, de representar joyceaneamente o fluxo interior, entre difusas análises huxleyanas e memorizações proustianas, um inventário contidamente angustiado de vida irrealizada, realizando-se, um desfilar de retratos em alusões alternadas que se encaixam sem nunca se fechar. Mas entra-se a pouco e pouco nessa atmosfera singular, vão-se firmando os pontos de referência, o fio de vida que vai decorrendo, denso e versátil como a vida experimentada, organiza-se numa ordem experimental conjugada — e o romance acaba por absorver, dominar e substancializar-se na própria experiência do leitor. O romance de Mário Dionísio é um romance difícil e ousado. É um romance exigente, como teria de ser o de



um intelectual, visceralmente intelectual, que possuísse em debate os problemas da acção e da convivência humana num tempo longo de lutas, esperanças desiludidas, desencantos pessoais, resistência sem expectativa, «este fomo alçapão para onde fomos escorregando, a que nos fomos amoldando, onde mal podemos respirar, tropeçamos, buscamos, rebuscamos, por hábito, por tradição». É um romance amargo, pondo em causa todas as razões implacáveis da desistência, mas proclamando ainda, através de tudo, que «tem de haver um caminho possível, outro caminho, o único possível, de tudo reinventar, entusiasmar, recomeçar».

Mário Dionísio escreveu o seu romance e, em múltiplos sentidos, o romance da sua geração. Se foi feliz ou não o estilo que escolheu, ou se lhe impôs, só o tempo, talvez outras leituras, virão a defini-lo definitivamente. Entre tantos problemas, o romance deixa também pendente esse problema — um «arriscadíssimo romance, um belo romance, um romance novo, complexo, perturbador», como diz muito bem Augusto Abelaira. — S.

Colaboram neste número:

- ★ ANTÓNIO AUGUSTO MENANO
- ★ FERNANDO DA COSTA
- ★ JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO
- ★ FIRMINO CRESPO
- ★ F. R.
- ★ MARIA TERESA HORTA
- ★ RUI MARIO GONÇALVES

(Continua na pág. 2)

16 DE JULHO DE 1969

... CONVÍVIO COM A POESIA

Uma iniciativa do maior interesse que permite estabelecer estreito contacto entre autores e público

(Ler na página central)

Publicações

REVISTA «OCIDENTE»

A edição de Julho corrente (n.º 375) da revista «Ocidente», que prossegue sob a direcção dos filhos de Alvaro Pinto a actividade cultural mantida desde 1938 com esta valiosa publicação, é consagrada em grande parte a Wenceslau de Moraes, com um extenso estudo sobre a carreira de oficial de marinha do escritor pelo comandante A. Marques Esparteiro. Um ensaio sobre Oliveira Lima crítico-literário e secções de bibliografia, notas e comentários completam esta edição de «Ocidente».

BOLETIM DA SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os últimos números publicados do Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, referidos a Março e Abril passados, inserem colaborações de Leonel Ribeiro, José Pedro Machado, F. Veloso, F. Sousa Dias, João Malaca Casteleiro, J. Neves Henriques e outros estudiosos da linguística. O boletim é sempre fonte elucidativa de informação e orientação na sua especialidade.

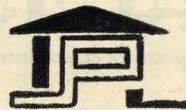
JUROS = 6 a 10%

Rendimento = Apartamentos

Andares = Actualização

Moradias = Conforto

Dinheiro bem aplicado =



J. PIMENTA, S. A. R. L.

A EMPRESA QUE:

- LANÇOU A PROPRIEDADE HORIZONTAL
- INDUSTRIALIZOU O APARTAMENTO MOBILADO
- A TAL DO MELHOR, MAIS CERTO E MAIS GARANTIDO RENDIMENTO

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSALS, garantidos por escritura pública, durante 6 e até 18 anos

Administrando directamente, pode obter um rendimento mensal de **1437\$50 (superior a 9%)**

Locais das nossas propriedades: **AMADORA * REBOLEIRA * VENDE NOVA * PAÇO D'ARCOS * ESPARGAL * PAREDE CASCAIS E LISBOA**

BREVEMENTE — QUELUZ

Colha informações directas nos estaleiros de obras e nos nossos escritórios em:

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Tel. 45843-47843

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 952021-952022

REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

PRÉMIOS DA ACADEMIA — 1969

A Academia das Ciências de Lisboa fez publicar no «Diário do Governo» um edital, com data de 28 de Janeiro transacto, no qual informa que, nos termos dos regulamentos aprovados pelas Portarias n.º 20 925, de 23 de Novembro de 1964, n.º 22 191, de 1 de Setembro de 1966, e n.º 23 151, de 15 de Janeiro de 1968, são abertos concursos para atribuição dos seguintes prémios da Academia das Ciências de Lisboa:

- Prémio Alvarenga do Piauí (Brasil), no valor de 10 000\$00, destinado a obra inédita sobre qualquer ramo das ciências médicas, incluindo a história da medicina portuguesa;
- Prémio Ricardo Malheiros, no valor de 5 000\$00, destinado a obra impressa

dos géneros romance, novela ou conto, publicada durante o ano de 1969;

- Prémio Artur Malheiros, dois prémios, no valor de 15 000\$00 cada um, destinados a obras inéditas sobre qualquer dos seguintes ramos de conhecimentos:
 - a) Ciências naturais;
 - b) Ciências aplicadas (engenharia, actuarial, etc.);
- Prémio Ramos Paz, no valor de 8 000\$00, destinado a obra inédita sobre qualquer aspecto da literatura brasileira ou das relações literárias luso-brasileiras;
- Prémio Abílio Lopes do Rego, dois prémios, um no valor de 50 000\$00 e outro no valor de 30 000\$00, destinados a obras impressas publicadas durante o ano de 1969, ou inéditas, sobre

qualquer tema de ciência da colonização ou qualquer problema concreto que diga directamente respeito à administração ultramarina portuguesa ou qualquer estudo de ciências humanas de interesse directo e imediato para a administração ultramarina portuguesa;

- Prémio General Casimiro Dantas, no valor de 8 000\$00, destinado a obra impressa dos géneros poesia, teatro ou ensaio, publicada durante o biênio de 1968-1969;
- Prémio Manuel Alves Monteiro, no valor de 20 000\$00, destinado a obra impressa publicada durante o ano de 1969, ou inédita, sobre higiene e medicina social, para melhoria da saúde pública em Portugal.

O prazo da entrega das

obras que constituem títulos de candidatura — e que devem ser originais e escritas em língua portuguesa — termina um ano após a publicação deste edital no «Diário do Governo». Só podem concorrer os autores que satisfaçam os dois requisitos:

- a) Serem portugueses;
- b) Não serem académicos efectivos da Academia das Ciências de Lisboa.

O autor anteriormente premiado só poderá ser admitido a concurso ao mesmo prémio três anos após o termo do prazo de um concurso em que tenha sido premiado.

Pelo candidato ou seu procurador bastante serão entregues na secretaria da Academia, dentro do prazo do concurso:

a) Requerimento, dirigido ao presidente da Academia, contendo os elementos de identificação do candidato e da obra e a declaração de que o candidato se conformará com a decisão da Academia sobre a atribuição do prémio e, se a obra for premiada pela Academia, não será posteriormente apresentada a qualquer outro concurso para prémio;

b) Cinco exemplares da obra, os quais não serão devolvidos ao candidato.

Se a obra for impressa, a prova de que foi publicada dentro do período indicado neste edital será feita pela apresentação do certificado do depósito legal. Se a obra for inédita, os exemplares entregues serão dactilografados e assinados e um deles será rubricado pelo autor em cada uma das folhas.

RELENDO RÉGIO

(Continuação da pág. 1)

do salão-museu de que o relógio, no seu tic-tac imitado pela repetição verbal de *longe-perio*, é, por momentos, o centro animado. Por momentos, pois, sendo ele próprio peça mumificada do casarão, em si contém força oculta de reavivar o tempo esvaído, pela magia da sugestão-recordação. Ressurreição das coisas mortas, ou adormecidas, se elas contiverem a força de ressurgir no pensamento, que os versos finais confirmam: *Parado, o relógio mudo/Repete a imensa charada/— Sempre viva e já safada —/De que tudo é nada — nada,/Se o Nada não tem o Tudo/.* Assim, não admira que o leit-motiv do tempo sem tempo reapareça na *Última Deusa* como um grito de imortalidade de tudo o que no homem anseia por ser livre, bom, belo — poesia, consciência moral, sentimento religioso. É *aquela voz* que no fim de tudo ouvimos segredar, cantar, ressurgir no nosso mundo interior.

O andamento da sinfonia exige mudanças de clave, de modo. O poeta, por isso, dedilha várias cordas, bate diferentes teclas para uma audição harmónica: prelúdio *alegre* ou humorístico e irónico, *intermezzo* sarcástico, variações com fugas inesperadas por misteriosas zonas confusas das sensações e da fantasia, ou trechos de solilóquios dramáticos. A nota do problema religioso ou metafísico obsidiano, amargura-o. Eis que em forma de diálogo com, ou de acusação a, Deus na poesia *Os Santos* retoma o seu velho tema da santidade ou da graça. Versos difíceis de penetrar logicamente. Dúvidas sobre a imposição moral, o inato sentimento dos valores éticos, o cumprimento categórico do Bem, o senso moral instintivo, a natural angústia de perfeição, subida gradual à perfeição mística (ou transmutação física?) Para comunicar

esse andamento gradual da tortura mística ou ascese, acusa Deus de *duro, louco, nu, mudo*, tentando pela súplica dramática ser tranquilizado, matar a sede humana de Absoluto — Bem, Perfeição, Felicidade Total. Que obstáculo intransponível se interpõe à confirmação da existência de Deus se só nesta explica tudo no homem. O poeta sente e quer a verdade dessa existência, ou de um Valor Absoluto, porque só Ela poderá justificar, salvar, as sublimes atitudes desses heróicos representantes da santidade. Poeticamente ninguém o poderia dizer melhor que os quatro versos finais: *Por amor, piedade ao menos,/Dos a quem das teus acenas,/Quebra o que em ti nos resistes./Paga-nos o que lhes devês: assume existencial existe.*

Adiante, nas últimas composições espalha-se uma sensação de calma que os próprios títulos confirmam: *A Sombra, Penumbra*, reforçada pelo optimismo da *Ode à Esperança*. Neste *cântico* como que tudo parece agora *suspenso*, quase a chegar à *Estação Término*, epílogo da *sinfonia*. Atento aos movimentos, interior e exterior, da esperança ou de qualquer sinal externo que se declare, ele decide esperar solitário, enquanto lá fora se desencadeia a tempestade. E perante os dois únicos motivos ou razões que interessam ou advêm em todos os fins humanos: o Amor e a Morte, ele parece ter atingido a resignação ou a serenidade completa.

Suspensão aqui, também, estas considerações porque a vitalidade criadora deste escritor, expressa em tantos livros excepcionais, esquivava-se a qualquer delimitação circunstancial e é sempre possível esperar nova prospeção da sua temática e dos seus personalíssimos meios estilísticos.

FIRMINO CRESPO

FRIGORÍFICOS

★ 100\$00 MENSALS

★ SEM ENTRADA

★ SEM FIADOR

A. OLIVEIRA

Av. Alm. Reis, 91-A — Lisboa
Tels. 53 63 08 - 53 83 23 - 53 08 38

Sociedade «ESTORIL»

COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ

AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a par das 11 horas. Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

LIVROS E AUTORES

Caminhos da Literatura Portuguesa

«TRÊS TIROS
E UMA MORTALHA»

de ROGÉRIO FERNANDES

1—O que se passa no mundo, a guerra e a fome, foram constantes da presença humana sobre a terra. Evidentemente que as guerras deste nosso século não são motivadas pelas razões que provocaram a Guerra de Cartago. Surge algo de novo: os escritores de Roma foram apenas cronistas, ou nem isso. Os escritores actuais tomam posição frente ao Vietnam. Porém... Quando Sartre: «En face d'un enfant qui meurt, La Nausée ne fait pas les poides...»⁽¹⁾. Ou, a frase impressa num programa do «Teatro da Tribo»... «já ninguém heredita que um poema salve a vida de um vietnamita»⁽²⁾. Mas, como salienta Jean Ricardou, «La littérature, par sa simple existence, c'est que fait que la fain des hommes est un scandale»⁽³⁾. Jean Ricardou põe o dedo na chaga. Porém, um escritor (que escreve) não se preocupa com a fome que dilacera o mundo pública da sua condição de homem. E esta posição de ausência que Rogério Fernandes repudia. E, no entanto, não fala, aparentemente, de guerras e de fome.

2—«Três Tiros e uma Mortalha»⁽⁴⁾ é uma colecção de contos realistas onde a «guerra» e a «fome»

Por

António Augusto Menano

estão sempre presentes. Não uma guerra de metralhadoras, guerrilhas ou granadas. Não a fome biológica. Sim, uma guerra pela dignificação do homem. Sim a fome de amor.

3—«Três Tiros e Uma Mortalha» é a história de um homem que não se adaptou. Fala-nos de desencanto e de violência. E de solidariedade. «E como canja», relata-nos um encontro e o seu desencontro. De como os preconceitos matam o amor, de como é difícil dar-mo-nos completamente. Já em «Amanhã também é dia», Rogério Fernandes soube narrar-nos uma aprendizagem, descrevendo, num conto que não hesito de chamar «de educação», como uma simples palavra pode iniciar uma ideia, gritando-a. «A perdiz morta», dos melhores momentos do livro, digno de antologia, vem afirmar-nos que se pode recusar a prepotência negando a entrega de uma perdiz. «Album de Família» mostra a evolução de uma família (e de um homem) até objectivar numa frase — «Aqui procuro a raiz das palavras, e do que sou e penso, e do que sinto e sei» — a adaptação ao real, nascida da descrição de uma «praxis» limitada e delimitada em meia dúzia de «enquadramentos» extraordinariamente correctos sob o ponto de vista sociológico e estético.

4—Deixei para o fim «O navio luminoso», cujo tema vem trazer uma dimensão à primeira vista existencial, mas que numa análise mais cuidada nos revela eritar uma forma de existir cuja medida poderá ser «um rombo longitudinal no peito». Para Rogério Fernandes, Lavra será o local onde o dr. Rui se descobre dialécticamente, rasgando um passado aparentemente certo, mas onde a tal «sociedade sem classes a que a literatura de todos os tempos sempre aspirou»⁽⁵⁾ não passa de um mito intelectual. «E porque não fazer de Virgínia uma mulher?», pensava. Divorciar-me de Joana, ir viver com Virgínia, ensiná-la, abrir-lhe os olhos... Escutava, de súbito, o riso e o comentário de gente conhecida «progressiva»: «Uma simples criada... Analfabeta quase...»

5—Escrevi acima ser «Três Tiros e Uma Mortalha»



Rogério Fernandes

um livro de «guerras». E-o duplamente: veio impor-nos um tipo de literatura que conjuga o realismo social com um lirismo dorido, nascido da memória de coisas passadas, tornadas reais pelo escritor. Nos seis trabalhos que integram a obra (apesar de no índice só serem indicados cinco) há uma simetria de atitudes. Em metade — «Três Tiros e Uma Mortalha», «Amanhã Podem perder, mas agem. Dinamicamente, transformando ou procurando transformar. No primeiro e terceiro casos individualmente, inconscientemente. Em «Amanhã também é dia» como inventores. E, seja-me permitido um aparte: é «curioso» que ainda recentemente um aluno (urso) de uma escola de ensino secundário de Lisboa tenha declarado à revista «Flama» que não se interessava pelos problemas dos outros. Rogério Fernandes «tem» uma Ana Maria e um Jorge para responder àquele, salvo erro, Amílcar. E comunica-nos o facto. Há uma nova realidade produzida. E viva. No conto que dá o nome ao volume dá-nos conta de uma precariedade capaz de levar à destruição. Uma precariedade emotiva, social, humana. Que pode gerar a luta individual, mesmo criminoso. Mas que se atravessa frente a nós, impondo-se. Originando a solidariedade.

6—Também «O navio luminoso» é, de certo modo, a narração de uma luta. Esgota uma época da vida de um homem. Mas há como que o degelo de um intelectual. A dessacralização de um mito que tinha por auxiliar Joana. Um legado (cultural) sempre lucidamente questionado, mas para cuja dissolução foi necessário uma terra — Lavra, e um ser humano — Virgínia. Como escreveu Nuno Teixeira Neves «o tempo só por nem Joana o é de facto. Quando a «E como canja», um metáfora regressa»⁽⁶⁾. Nem Virgínia é reencontrada, conjo exemplar que me recorda um verso de António Reis «Quantos navios/vejo eu passar/estendido nos bancos dos jardins»⁽⁷⁾. João Pedro não teve a coragem de embarcar. Esse o seu erro e a sua falta.

7—Rogério Fernandes promete, para breve, um romance. Os contos de «Três Tiros e Uma Mortalha» concedem-lhe, para já, um lugar de destaque na ficção portuguesa contemporânea. E dão-me a alegria de verificar, mais uma vez, que ser-se ensaísta não significa uma forma de testemunho incompatível com a ficção. Antes, deve-se sublinhar que uma anterior experiência ensaística poderá dotar o ficcionista de um substancial enriquecimento capaz de traduzir em «histórias» a realidade que o ensaio estudou.

¹⁾ In «Que peut la littérature?», L'Inédit 10/18, Paris 1965.
²⁾ Citado por Urbano Tavares Rodrigues em «Tempo de Cinzas», Editora Ulisseia, julho de 1968, Lisboa.
³⁾ In «Que peut la littérature?»
⁴⁾ Colecção «Os Livros das Três Abelhas», n.º 100. Publicações Europa-América, Lisboa, Maio de 1969.
⁵⁾ In «Há uma Estética Neo-Realista?», Mário Sacramento, Cadernos de Literatura, n.º 1, Publicações Dom Quixote, Lisboa, Maio de 1968.
⁶⁾ In «Introdução a um Realismo Difícil», Nuno Teixeira Neves, Dossier Leitura, n.º 3, Brasília Editora, Porto 1969.
⁷⁾ In «Poemas Quotidianos», N.º 25 da Col. Poetas de Hoje, Por-tugália Editora, Lisboa.

QUOTIDIANO
INSTÁVEL

A chuva cai grossa e quente a ensopar-me a blusa, a escorrer-me na pele, mole e pegajenta: uma chuva de trovoadas com sol à mistura e um sabor muito grande a cidade. «Maio é um mês de cidade». Com uma das mãos enrolo o cabelo, puxo-o para cima e deixo que a chuva caia no meu corpo em sossego. Um corpo tranquilo e ágil, atento, todo absorto na chuva numa ânsia de calor. «As mulheres que percorrem os meses têm longas pernas

melhor e ponho-me quase a correr. Atravesso a correr por entre os carros que avançam devagar, escorrego, irrito-me com o tempo, odeio a chuva, tenho frio, estremeço. Subo a escada, os degraus de pedra, dois a dois como se estivesse ansiosa por chegar e sento-me à máquina de escrever, ainda ofegante, a garganta seca, o olhar hostil. Toda a minha raiva está concentrada nesta sala de reparação pública, nesta pequena cela de des-

por MARIA TERESA HORTA

e ventres lisos, tensos e febris. Maio é um mês de cidade; enervante e ácido».

Deixo as mãos tombarem ao longo do fato e ençasto a cabeça no tecido macio do «maple». Tenho os cabelos húmidos a cheirarem a rua e ao vento. A chuva continua a cair, oiço-a a embater nos passeios, trespassada já do azul que se vai abrindo entre as nuvens rasgadas: uma chuva inconsistente, pouco convicta, apenas como que a lambem as coisas em que toca, deixando nelas uma viscosidade brilhante.

Aproveito o silêncio da casa, fecho os olhos e sinto-me extremamente feliz por me encontrar sôzinha e poder saborear, quase morder, a tarde, a chuva inesperada, cada móvel, cada ruído; saborear o crepúsculo a enroscar-se já nas cortinas translúcidas: quatro, que cobrem as pequenas janelas, e o cigarro que acendi, senhora do tempo, a perdê-lo voluntariamente, cada minuto a escoar-se da minha liberdade inesperada: estar sôzinha em casa, o corpo perdido na doçura boa de uma cadeira.

As pessoas passam e olham, deixo cair os cabelos que me tapam os ombros, a nuca... procuro o relógio, torço o pulso para o ver

truição quotidiana. Quando volto a sair, ainda chove, mas é uma chuva esgarçada que então sinto nas pernas, nas mãos, no rosto. «Maio é um mês de cidade». Sinto-me cansada, como me sinto só, como me sinto alegre; intensamente. «As mulheres tem longas pernas para percorrerem Maio»...

Deixo as mãos escorregarem pelas pernas húmidas: tiro as meias, a saia, a blusa. Depressa visto um fato de malha, quente e macio e escorrego sobre a cadeira, a saborear a caça na sua solidão de madeira velha, apodrecida, mas com um sabor qualquer a Primavera nas flores com que vou decorando a sala; as do espelho e as do armário, as do florão do pequeno móvel, as de louça do açucareiro velho, sobre a estante, as de louça que circundam a moldura branca e as outras tão minúsculas do candelabro e ainda as flores do candeeiro de petróleo, sobre a mesa. A saborear a Primavera no cor-de-rosa intenso das paredes.

Deixo as mãos tombarem ao longo do corpo mas desencosto a cabeça, levanto-me, abro a luz do candeeiro, olho-me ao espelho, aliso os cabelos com

(Continua na pág. 6)

O tesouro na gaveta...

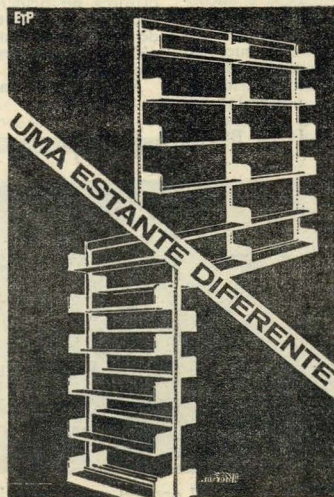
Faqueiros de Prata

TOPÁZIO

duplamente trabalhados

valem cada vez mais

Vendem as melhores Ourivesarias



22-25-12

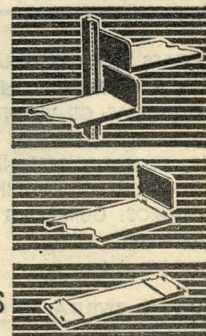
ESTANTES
PARA
BIBLIOTECA

Mobilidade máxima das prateleiras.

Montantes duplos que permitem formar duas estantes tanto em linha como em duas frentes.

Totalmente desmontável e de fácil arrumação.

NÃO CARECE DE PARAFUSOS

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO SARL
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFS. 32 49 86-32 86 71-32 70
ESCRITÓRIO E FÁBRICA: EST. DE BARCARENA — QUELUZ DE BAIXO — TELEFS. 05 07 17-05 07 27

MUSEU DA CARICATURA

OS PASTÉIS CÓCÓ



Rosa Araújo (Do «Album das Glórias»)

Há na vida de Rosa Araújo um elemento positivo a sobrepor à fama de mediania e ridículo que lhe acompanhou a existência.

A sua «aspiração de barão Haussman alfacinha ou marquês de Pombal sem terramoto», como escrevia Fialho no seu necrológio de Os Gatos, «entrevendo num instinto burguês precavido o futuro da capital, mas não podendo dar corpo a esse grande sonho», tem ainda esse elemento positivo da abertura para nordeste do burgo represado nas sete colinas históricas.

E seguindo Fialho ainda: «se assim não fosse teria afastado daquele sítio os prédios mercenários, os prédios cómodos com janelas de bicos e platibandas de loiça para vidrar... o bisonho canal de casarões saiois que arrotam sobre a via, chatos, altíssimos com seus telhados opacos, lucernas de celeiro, magras varandas e divisórias de aluquer cheirando a sovínice dos senhorios...»

Mas Rosa Araújo não foi só Avenida. Nascera pasteleiro, o pai tinha fundado a dinastia e amealhado os cobres. O filho meteu-se na política e com o dinheiro dos pastéis granjeou amigos incertos e falaciosa popularidade.

Passou a ser alcunhado pelo nome dos seus pastéis famosos: O Cócó vereador, vice-presidente e presidente da Câmara, o Cócó director da Associação Comercial, presidente do Grémio Popular, da Irmandade de S. Nicolau, ou da Creche Santa Eulália...

Os pastéis não davam para tantas larguezas. Arruinou-se generosamente. Bateu às portas para endireitar as finanças e encontrou ingratiões. Em gesto supremo de pastelaria patriótica abriu uma sucursal de bolos portugueses em Paris, uma em Madrid, outra no Porto, um restaurante na Avenida e umas tantas lojas mais na Baixa...

Falhou... perdeu e morreu pobre.

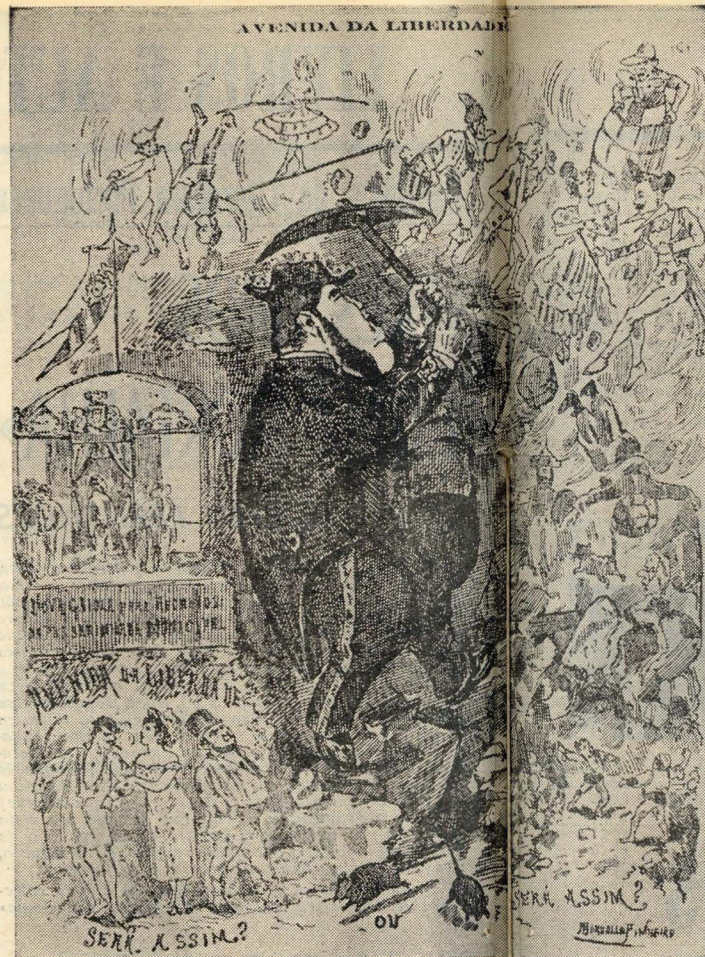
Rosa Araújo deparou com a oposição da sua visão campoeliciaca, a reacção dos defensores do velho Passeio Público, e afinal com a crítica mais ou menos ignara feita ao homem público. Em suplemento foi brindado com a chalaça pasteleira na esteira dos seus sucessos ou insucessos. O pastel era o símbolo, a marca do homem.

Bordalo pegou com ele várias vezes no António Maria. Quando perdeu umas eleições, fez-lhe a história em cinco imagens: «De pastel cresceu — Engordou — Alargou — Alastrou — Empastelou».

Noutra página, de Agosto 1879, representa-o de picareta em punho nas demolições da Avenida da Liberdade, com esta legenda:

«No dia de S. Bartolomeu, em 24 de Agosto, costuma dizer-se que anda o Cócó às soltas. Desta vez foi ao velho Salitre e deixou a terra...»

No céu voejam os artistas de cena ou de circo que animavam o velho teatro demolido. Numa tribuna à esquerda, com galas de inauguração, inscreveu-lhe o título de «nova gaiola para recreios da pasarinhada municipal». E em baixo duas perguntas: «Será assim?» e «Ou será



Rosa Araújo e as demolições da Avenida (Do António Maria)

assim?», a que o caricaturista responde ilustrando dois prognósticos de quem usará a futura artéria: num, o burguês panguado de charuto e mãos nas algeibeiras, a dama equívoca e o janota esfolado até à camisa...

noutro, servindo de campo de batalha, as ruínas das demolições a jogar à pedra. Bordalo também lhe deixou o retrato no Album das Glórias, essa coleção de

como inspirada no estilo do Vanity Fair. Mas põe-lhe a figura ridícula e descomformada transbordando de próprio enquadramento.

F. R.

O POETA JOÃO DE BARROS 2

A influência de Schopenhauer nas letras foi imensa. O filósofo alemão pateticamente dizia que em vão se buscará um sentido à vida porque a vida é cega e insensata como a própria vontade; que a vida é uma força indomável e turva, sem fim nem justiça, movida pela vontade. Daí que o pessimismo tenha atingido, a tantos escritores no princípio deste século. A geração espanhola do 98 é schopenhaueriana e sé-lo-ia mesmo sem «desastre nacionais».

Mas a influência de Schopenhauer não podia ser eterna. Surge Nietzsche que retorna a concepção de Schopenhauer (a vontade como representação da vida), mas pensando que a vontade de vida era algo muito poderoso, concilia vontade e conhecimento, criando o conceito de «super-homem», ou seja, fazendo o vitalismo substituir o pessimismo.

Foi no princípio deste século que o conceito nietzschiano foi descoberto pela Península. Terá esse conceito atingido a João de Barros? Penso que não, embo-

ra as suas obras poéticas mitológicas «Anteu» (1912), «D. João» (19...) e «Sisifo» (1923) tenham um ímpeto

de vitalidade colossal que não conhece limites, intensificando a vida, não destroem, porém, valores mo-

JOAQUIM DE MONTENEGRO DE CARVALHO

am não se tratar afinal de valores mas de antivalores. Essa concepção seria mesmo o «anticristo»! E João de Barros respeita sempre a tradição moral dos valores, nunca os pervertendo na sua aceitação burguesa. São genuínos, puros e claros. O estruturalismo moderno avisa que o homem morreu e o homem futuro não se emocionará com a pretérita escala de valores «humanos». A tragédia do estruturalismo é que fornece apenas a visão de um campo árido à nossa frente e em que o homem não tem pontos de referência para navegar e se encontrar a si mesmo na sua nudez de estrutura! A solidão dos espaços, sem estrelas de apoio. Que pobreza de concepção!

A crítica moderna estabeleceu de modo irrefutável que a boa literatura se não

faz com bons sentimentos. Exacto. Caso fosse verdadeiro o inverso, teríamos que os melhores escritores eram os pregadores de púlpito, os arcebispos e os teólogos da vida espiritual. Felizmente que em dia nenhum crítico incorre em tamanha gravidade. A arte nada tem a ver com os sentimentos idealistas, altruístas, apologéticos. Simplesmente a crítica, deformada por essa certeza, já não valoriza os artistas que o são de verdade e que para além de o serem também exibem um rico acervo de bens espirituais (os tais bons sentimentos) e quando encontram um poeta como João de Barros, não escondendo a antipatia, logo sentenciam que o poeta se fixou nas sonoridades vibrantes. Isso é um puro eufemismo, porque tal crítica não tem ao menos a coragem de exibir o seu desprezo por esses sentimentos que considera, no fundo, vã retórica, falta de imaginação, vitalidade e sem cerebração, lirismo pedagógico.

Claro que não vou incorrer na estúpida divisão que um tal Van Wyck Brooks, tão subtilmente criticado por Pedro Salinas, estabeleceu, só dando categoria ar-

tes, no entanto, de conquistar, sobretudo, os empregados e operários, mas o horário é-lhes incompatível e eu não posso escolher outro porque não tenho autorização para abrir à noite. Isso limita-nos muito e impede-nos de atingir objectivos mais ambiciosos.

Por sua vez a Galeria 111 secundou, este ano, a Quadrante, por iniciativa de Manuel de Brito e do poeta Gastão Cruz. Foram já apresentados poemas de Luísa Netto Jorge, António Torrado, Armando da Silva Carvalho, Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta e Ruy Belo, lidos pelos seus autores e por Ana Maria Teodósia, Denis Cintra, Helena Domingos e Luís Miguel Cintra.

«O ideal seria um público popular»

O acolhimento dispensado a estas leituras facilmente se pode verificar em cada uma das suas sessões. Jovens, escritores, artistas, acorrem, entre outros, com fidelidade e vontade, esgotando lugares e cadeiras, sentando-se no chão, numa atmosfera discreta e descontrainda que sabe bem partilhar.

A presença dos autores, as suas vozes, são aliciantes de comunicabilidade do maior interesse — até aqui incompreensivelmente inaproveitados.

Apoios, sugestões, críticas, entusiasmos, discordâncias, podem ser ouvidos a propósito, como prova de interesse vivo e de vontade de participação — coisa que não foi ainda conseguida, no entanto. Por isso vale a pena recolher, um pouco ao acaso, algumas palavras de interesse:

Alice Vassallo Pereira — Tudo quanto se faça a favor da divulgação da poesia é óptimo, evidentemente. Nesse aspecto a acção da Galeria 111 tem sido bastante válida porque é muito importante o critério seguido na escolha dos autores a apresentar... E necessário seleccionarem-se cuidadosamente os poetas, senão acaba-se por tornar estas iniciativas contraproducentes. As misturas põem em perigo o interesse dos recitais! — Uma coisa acho que seria de grande necessidade: promover a discussão, os colóquios depois das leituras. Desde que haja debate

mos, no entanto, de conquistar, sobretudo, os empregados e operários, mas o horário é-lhes incompatível e eu não posso escolher outro porque não tenho autorização para abrir à noite. Isso limita-nos muito e impede-nos de atingir objectivos mais ambiciosos.

Por sua vez a Galeria 111 secundou, este ano, a Quadrante, por iniciativa de Manuel de Brito e do poeta Gastão Cruz. Foram já apresentados poemas de Luísa Netto Jorge, António Torrado, Armando da Silva Carvalho, Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Maria Teresa Horta e Ruy Belo, lidos pelos seus autores e por Ana Maria Teodósia, Denis Cintra, Helena Domingos e Luís Miguel Cintra.

«O ideal seria um público popular»

O acolhimento dispensado a estas leituras facilmente se pode verificar em cada uma das suas sessões. Jovens, escritores, artistas, acorrem, entre outros, com fidelidade e vontade, esgotando lugares e cadeiras, sentando-se no chão, numa atmosfera discreta e descontrainda que sabe bem partilhar.

...CONVÍVIO COM A POESIA

Os recitais de poesia estão a surgir de novo entre nós (em moldes modernos) numa tentativa de renascimento de tradição outrora esboçada. Voltando, porém, costas aos teatros formais, foram refugiar-se na intimidade apetecida das livrarias e galerias de arte, onde atingem uma maior sobriedade e comunicação. A Quadrante e a 111 centralizaram estas iniciativas, tornando-as o mais possível regulares e acolhedoras. O seu público é sobretudo de jovens, entre os quais cresce sensivelmente o interesse pela poesia — que não pode na

da Quadrante) com um recital de David Mourão-Ferreira a que se seguiram muitos outros, entre os quais de Herbert Helder, Ramos Rosa, Ana Hatherly, Natália Correia, Nelson Geraldo, António Gedeão, Maria Alberta Meneses, João Rui de Sousa, João Caldeira dos Santos, Helder Macedo, Dórdio Guimarães, Luísa Netto Jorge, Ruy Belo, António Aragão, E. M. de Melo e Castro, Couto Viana, Vinicius de Moraes, etc. As sessões são dadas pelas 18 e 30 e têm conhecido bastante aceitação principalmente por parte dos estudantes que são o nosso grande público. Gostá-

o público adere e interessa-se porque participa. E isso é urgente na fase em que estamos. Outra coisa que limita imenso estes recitais é o que se refere às características do seu público. O público que aqui vem é um público culto, e o que interessava, o que seria ideal, era que fosse um público popular. Denis Cintra (estudante e colaborador da 111 como

plataia restringiria. Eu sinto-me, de certo modo, responsável, porque, quando há cerca de um ano e meio se lançaram estas iniciativas, fui um dos que mais animaram e encorajaram a geração desta casa a ir para a frente. No caso da 111, parece-me, das poucas vezes que lá fui, que tem um público mais jovem. Aqui o público é mais heterogéneo, forma-

virem, sem ficarem à espera de ser convidadas. Isto parece-me perfeitamente possível porque eu próprio fiz no Porto uma leitura na Galeria Domingos Alvarez. Não foram enviados convites, apenas saíram duas notícias nos jornais da véspera e a galeria encheu-se. Gostaria de ver este hábito espalhado por mais galerias, livrarias e não entrá-lo monopolizado por

por FERNANDO DACOSTA

realidade continuar estratificada em gavetas cerradas e em escapatórias inacessíveis.

«...Gostávamos de conquistar os operários»

Embora limitadas e hesitantes (as dificuldades permanecem, hoje como ontem, inumeráveis e espessas) as sessões de leitura de poemas impuseram-se com facilidade, tornando-se fulcros de convívio que se alargam e enraízam.

O exemplo conseguido torna-se, assim, uma sugestão aliciente de diálogo possível na fase em que nos encontramos.

— Começamos em Janeiro de 1968 (palavras de D. Maria Alice Ferreira, gerente

do por gente de todas as idades. Embora a entrada seja pública, livre, o sistema adoptado até agora dos convites é, a meu ver, limitativo. O ideal seria que um simples anúncio na Imprensa bastasse para as pessoas

uma ou duas. Estou convencido, desde a realização do «happening» na Galeria Divulgação em 1965, que o espaço da livraria ou galeria é o ideal para a realização



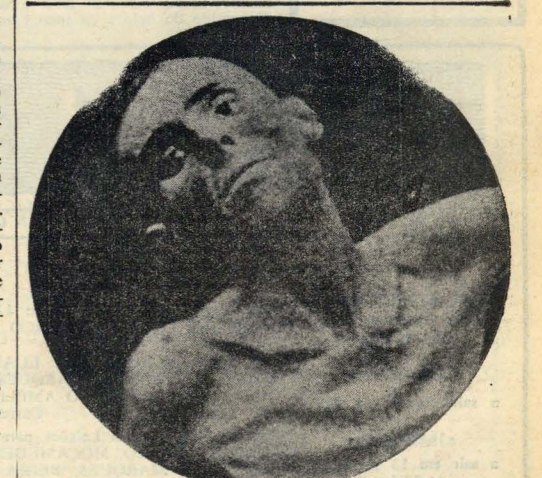
Assistência à leitura de poemas numa galeria de Lisboa

recitador) — Nestes recitais tudo parece fácil à primeira vista, mas pessoalmente — e participi num — não posso falar de facilidades ou de simplicidades. Quanto aos outros muito poderia dizer mas não vem a propósito... O mais importante é o que diz respeito ao público. E é pena, é mesmo muito triste, mas ele não se interessa por um determinado número de coisas que lhe são dedicadas ou dirigidas. Os estudantes são a maioria e esses não passam de um restrito número. Os outros que mais facilmente poderiam ser atraídos por iniciativas deste género, esses fecham-se nos seus cafés do Saldanha ou nas casas dos seus amigos pseudo-intelectuais. Acho, por isso, essencial para já aumentar o número de recitais favorecidos por uma maior publicidade que atraísse gente. Mesmo assim não sei se seria suficiente.

«A presença do autor, mesmo que leia mal, é uma presença criadora»

A. M. Mello e Castro (poeta) — Desde há muito tempo que acho que o contacto do autor com o público é importante a vários níveis. Primeiro, a um nível de informação directa porque a poesia é uma forma de comunicação; segundo, porque a presença do autor, mesmo que leia mal, é uma presença criadora, animando o seu próprio texto de um calor humano, de uma comunicabilidade que muitas vezes não tem nas suas páginas.

Os recitais de poesia em teatro, se fossem feitos pelo próprio autor, talvez tivessem possibilidades de atingir um público mais vasto. Mas nas livrarias cria-se uma atmosfera muito especial, uma comunicação que a barreira palco-



OS MÉDICOS DO IMPOSSÍVEL

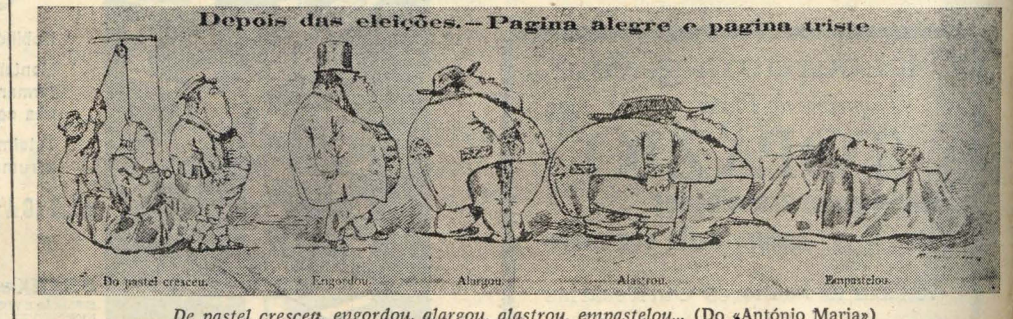
UM INQUÉRITO ALUCINANTE À RESISTÊNCIA DOS MÉDICOS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZIS

PELO AUTOR DE OS MÉDICOS MALDITOS EDITORIAL INOVA/PORTO

LER E DEPOIS por OSCAR LOPES

QUESTÕES TEÓRICAS GERAIS. OS CONCEITOS DE REALISMO E DE MUNDO INTERIOR. FIGURAS LITERÁRIAS PORTUGUESAS: GIL VICENTE, SÁ DE MIRANDA, CAMÕES, MENDES PINTO, MANUEL DE MELO, BOCAGE, CAMILO, RAUL BRANDÃO, PESSANHA, ANTÓNIO SÉRGIO, FERNANDO PESSOA E AQUILINO RIBEIRO. DOIS ESCRITORES BRASILEIROS: GUIMARÃES ROSA E JOÃO CABRAL DE MELO NETO.

COLECCÃO CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA EDITORIAL INOVA/PORTO



De pastel cresceu, engordou, alargou, alastrou, empastelou... (Do «António Maria»)

MONTRA DA SEMANA

«HISTÓRIA UNIVERSAL»
Editor — Publicações Europa-América
Preço — 35\$00

Saiu o n.º 19 da «História Universal» de Grimberg. Este 19.º volume trata do período que vai da Primeira Guerra Mundial à vitória de Roosevelt em 1932.

«Mussolini e o Fascismo», «Mein Kampf», «O pacto de Locarno», «O Próximo Oriente», são, entre tantos outros,

assuntos de grande interesse, deste penúltimo volume da «História Universal» que a Europa-América tem vindo a publicar, numa colecção de bolso, ilustrada e de excelente aspecto gráfico.



ropa-América tem vindo a publicar, numa colecção de bolso, ilustrada e de excelente aspecto gráfico.

«ALAIN RESNAIS»

Textos de: A. Resnais, Robbe-Grillet, Aristarco, Pingaud, Semprun, M. Martin e H. Colpi

Tradução — Carlos Porto, Machado da Luz, M. Neves, Carlos de Araújo, etc.

Colecção — Cadernos de Cinema

Editor — Publicações Dom Quixote
Preço — 30\$00

Alain Resnais é um dos nomes mais conhecidos e mais discutidos do cinema de van-



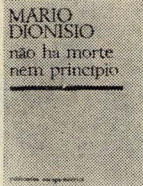
guarda». Cineasta de grande talento, artista com um grande sentido do belo e da ima-

gem, Resnais tem sido negado por uns e elogiado por muitos... Entre nós, que só tivemos ocasião de ver: «O Último Ano em Marienbad» e «Muriel», o seu nome reveste-se de um significado muito especial... Neste número dos Cadernos de Cinema discute-se: a sua obra e o significado dela na cinematografia mundial.

«NÃO HÁ MORTE NEM PRINCÍPIO»

por Mário Dionísio
Editor — Publicações Europa-América
Preço — 65\$00

Mário Dionísio é uma das figuras mais em destaque no



nosso panorama literário. Um dos nomes mais conhecidos do nosso meio intelectual. Poeta,

ensaísta, contista, Mário Dionísio, como diz Augusto Abelaira, «representava no actual panorama do romance português o curiosíssimo exemplo de um romancista sem romances (ou, para falar com mais clareza, o exemplo de um autor que sómente no romance poderia buscar e achar a unidade de todas as suas múltiplas preocupações que, ao fim e ao cabo, sabemo-lo agora, são as de um moralista que se interroga acerca dos fins e dos meios)». E eis que Mário Dionísio nos dá um romance; um belo romance, inesperado, tão na sua feitura tão nova, tão jovem, tão corajosa!

«Não Há Morte Nem Princípio» é na verdade um romance complexo, perturbador, polémico...

«O TIO GORIOT»

por Balzac
Tradução — Antónia de Sousa
Editor — Portugália Editora
Preço — 50\$00

«O Tio Goriot», uma das obras mais conhecidas de Balzac, foi escrita em 1834, e incluída pelo autor nas «Cenas da Vida Parisiense», tal como:

«Splendeurs et Misères des Courtisanes», «La Duchesse de Langeais», «La Fielle aux Yeux D'Or», etc.

Romance extraordinário, ro-



mance exemplar, que se lê com uma imenso prazer, «O Tio Goriot» é hoje uma das obras-primas da literatura mundial. Balzac nasceu em Tours em 1799. Tendo dedicado toda a sua vida a escrever uma das mais extraordinárias, uma das mais geniais obras de todos os tempos, morre em 1850, apenas com 51 anos.

«HISTÓRIA MUNDIAL DA ARTE»

por Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert, Jane G. e Mahler
Tradução — Manuela França

Colecção — Enciclopédia de Bolso Bertrand
Editor — Livraria Bertrand
Preço — 35\$00

Na Enciclopédia de Bolso Bertrand, saiu o 4.º volume da «História Mundial da Arte», obra de grande interesse que tem vindo a ser editada pela Livraria Bertrand.

Neste 4.º volume, «Do Barroco ao Romantismo», lêem-se, entre outros, os seguintes capítulos: «A explosão do Barroco», «A resistência do Barroco», «O Neoclassicismo e o Romantismo», «O fim do século XIX», etc.



Entre nós, a edição desta obra tem a revisão técnica de José-Augusto França.

QUOTIDIANO INSTÁVEL

(Continuação da pag. 3)

os dedos que depois percorrem devagar o rosto antigo do pequeno homem de bronze do batente que comprei para a porta branca a contrastar violentamente com o rosa do quarto.

A chuva parou. Afasto uma das cortinas e olho a rua, olho o céu outra vez descoberto, povoado apenas por pequenas nuvens emaranhadas, gastas, vazias, e só me volto quando oiço os teus passos. A tua boca está húmida e quente. Sigo-te os gestos: poisas os livros, o jornal, tiras os cigarros, o isqueiro, e comes a abrir os códigos, as sebitas. Aproximo-me de ti mas paro e automaticamente pego no jornal:

«Apolo 10 aproxima-se velocemente da terra». Começo a ler de uma maneira ávida, quase sem dar por isso. Houston, 25 (...)

O POETA JOÃO DE BARROS

(Continuação da pag. 5)

tística aos escritores que fossem grandes homens e ficando todos os outros num plano inferior. O livro de Salinas chama-se «El Defensor» (Alianza Editorial, Madrid, 1967) e praticamente é um livro póstumo. O tal Brooks julgava apenas como válida a «literatura primária», a que exprime algo grande, algo que

enriquece a vida, que a eleva num poderoso impulso vital, servindo a fé no progresso e as virtudes das quais brotou a raça. Que será literatura primária? E Salinas, sintetizando o pensamento partidário de Brooks, afirma que é a que segue a tendência biológica, a que fomenta o que os psicólogos designam por o impulso da vida («life-drive»), uma força de regeneração que por algum modo leva à sobrevivência da raça. Tais escritores falam pela humanidade e tratam os grandes temas (valor, justiça, compaixão, amor, honra). Tal literatura pressupõe fé no progresso, na bondade humana, na natureza humana. E diante desta literatura primária, a única digna, via o sr. Brooks, como uma ré, a literatura de «impulso para a morte», dos que renunciam à vida e nada valem como seres humanos e são mistagos, obscuros, difíceis de entender (estariam nesta situação a maior parte dos escritores do nosso tempo, um Poe, um T. S. Eliot, um Dreiser, um O'Neill, um James Joyce, um Baudelaire, um Rimbaud, um Valéry, um Proust, um Baroja, um Fernando Pessoa).

Salinas fez bem em ridicularizar a divisão distrital do sr. Brooks. A literatura nada tem a ver com os bons sentimentos e sobretudo a literatura dos nossos dias, depois que surgiu um Marx, um Freud e um Einstein, não tem conhecido o repouso e é toda uma procissão de agónicos, de almas turvas e problemáticas procurando a luz nas densas trevas, em desespero permanente. Tudo se agita heracliticamente e tudo se indaga sem cuidar se ofende ou não a moral social. A literatura de apologética passou a exame de consciência.

Em Espanha existiu um político, Salmerón, que dividia os poetas em monárquicos e republicanos. O sr. Brooks divide os escritores em grandes homens e em

homens sem impulso vital. A crítica moderna portuguesa, a que cita a Proust e a Gide, a Joyce e Pessoa, caiu noutra grosseira divisão, invertendo o juízo de Brooks, isto é, só têm valor os escritores complexos, difíceis, problemáticos. Se não existe uma alma policéada e nervosa como a de Fernando Pessoa, não é grande escritor. O grande escritor tem de ter um sério drama (a tuberculose em Nobre, a tara em Sá-Carneiro, a epilepsia em Pessoa). Se é um homem normal, não realiza grande literatura.

Ora, como João de Barros não teve uma vida atormentada e não sonou as trevas, descendo por elas, não pode ser um talentoso escritor, segundo essa crítica que só reputa literatura a chamada «literatura de minorias». Como se João de Barros fosse um frívolo e as suas sonoridades não representassem a sinceridade da sua cosmovisão! Mas não é a poesia analítica de Pessoa a sua particular sonoridade? Não é a análise uma outra retórica? Não representa mesmo até um certo barroquismo?

Um crítico tem de possuir um sistema, mas não um partido. E se a sua alma se não deixa impressionar pela beleza desta literatura de impulso à vida, quando realmente é exemplar na sua arte, então o crítico é um homem de grupo e de bairro e em vez de pertencer a uma orquestra toca apenas uma flauta. João de Barros encontrou compreensão em Carlos Sombrio, que hoje se recorda como prosador impressionista e não como crítico. Encontrou compreensão em João do Rio, seu amigo brasileiro. Mas pode quase dizer-se que em Portugal não encontrou junto da crítica a valorização que a sua vasta obra e o sentimento nela expresso bem mereciam. É que os críticos portugueses passaram a ser o sr. Van Wick Brooks de sinal contrário. E não surgiu um Salinas a endireitar as

coisas, repelindo essa demagogia e essa desonestação visível parcelar do mundo literário.

Eu, longe da mentira de todas as tertúlias, não estimo só a Kafka mas também aprecio a Gabriel d'Annunzio, não leio só a Joyce mas também a Rómulo Gallegos, não entro apenas no reino triste de António Nobre, mas também penetro na poesia de júbilo de João de Barros. Daí que estime a João de Barros sem menosprezar os outros e que não estime mais os outros desprezando a João de Barros. Não empurro os santos que estão nos seus sagrados nichos. Levanto nichos ao lado. Não esqueço que Frey Benito Feijó chamou à literatura a «república das letras». E nesta república de letras devem todos os escritores conviver democraticamente desde que tenham valor e devam os críticos, que são os zeladores dessa grei, cuidar de todos com o mesmo amor.

Joaquim M. de Carvalho

O QUE É «A TERTÚLIA DO LIVRO»?

PERGUNTE A

Galeria Panorâmica

A. PRIMEIRA OBRA

DICIONÁRIO INFERNAL

de COLLIN DE PLANCY

É POSTA À VENDA DENTRO DE DIAS

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 18 de Julho às 12 horas	Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.
«LUANDA» a sair em 30 de Julho	Com escala por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 23 a 27 de Julho.
«IMPÉRIO» a sair em 13 de Agosto às 12 horas	Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 1 a 4 de Agosto
«UIGE» a sair em 14 de Agosto às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 2 a 7 de Agosto
«GANDA» a sair em 18 de Agosto	Com escala por Leixões, para: CABINDA, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 15 de Agosto
«LOBITO» a sair em 28 de Agosto	Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Agosto às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURACAU, S. JUAN (PUERTO RICO) e PORT EVERGLADES (MIAMI).

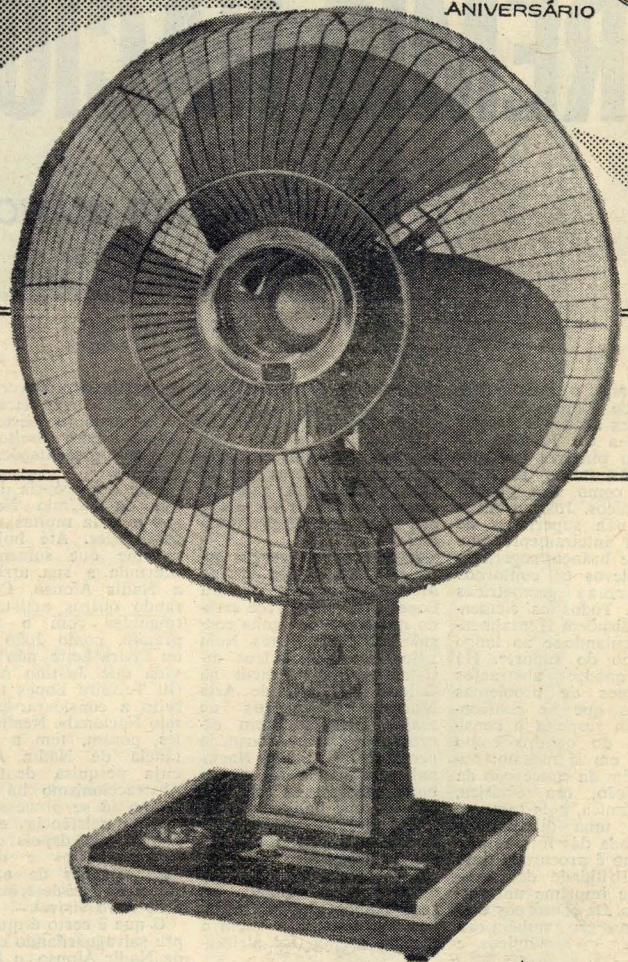
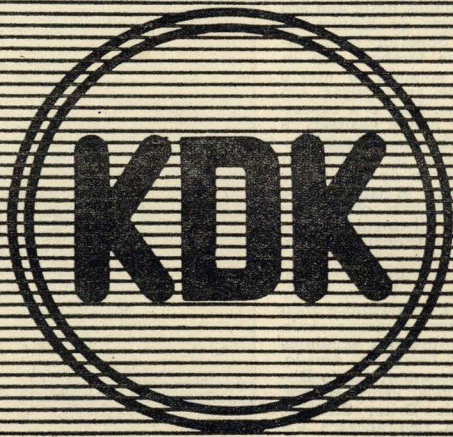
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tels. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

60^o **KDK**
ANIVERSÁRIO

BRISA FRESCA
PARA TODOS OS
CANTOS DO MUNDO

VENTOÏNHAS ELÉCTRICAS



AS MAIS POPULARES VENTOÏNHAS
DO MUNDO

KDK - A PRIMEIRA COMPANHIA NO JAPÃO A
FABRICAR VENTOÏNHAS ELECTRICAS

A "KDK" ao comemorar o 60º aniversário, continua a ser o maior produtor mundial de ventoinhas electricas. Posição essa, conquistada pela sua experiência e programas de desenvolvimento tecnológico.

O sistema de oscilação automática, o poderoso motor condensador e as "pás em K", inventadas pela "KDK", ganharam reputação em todo o mundo.

A "KDK", produz - por muitas razões - uma ventoinha em cada três segundos, e exporta-as para 150 países de todas as partes do mundo.

**KDK apresenta o sensacional modelo
KDK-SIXTY** ELECTRO SUPER DELUXE

(40cm)

OSCILAÇÃO AUTOMÁTICA COMPLETA
MOTOR CONDENSADOR
RELÓGIO COMPLETO INCORPORADO
CONTROLE ELECTRÔNICO PARA
ELIMINAR RUÍDOS (SOLID STATE)
LUZ NOCTURNA
CONTROLE DO ANGULO DE OSCILAÇÃO
PÁS METALICAS
GRELHAS CROMADAS
PÁS EM COR DOURADA

KDK CONTROLA PARA SI A BRISA MAIS AGRADÁVEL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

A.C. LIMA & GODINHO, Lda

LARGO FREI LUÍS. DE SOUSA, 10 - D (Alvalade) — LISBOA 5
Telefs. P. P. C. — 77 81 47 — 77 81 48 — 77 00 63 — 77 83 19

FILIAL NO PORTO:

RUA DA ALEGRIA, 139 — Telefone 3 2352

PRÉMIO NACIONAL DE PINTURA

por RUI MÁRIO GONÇALVES

Este ano, o Prémio Nacional de Pintura foi atribuído «ex aequo» a Justino Alves e a Gil Teixeira Lopes. São pintores bastante diferentes, tanto na concepção como nos processos técnicos. Justino Alves apresenta superfícies de madeira inteiramente pintadas de branco, sugerindo com relevos os contornos das formas geométricas simples. Todos os elementos se dispõem frontalmente, articulando-se ao longo do plano do suporte. Há nestes quadros abstractos dois tipos de problemas plásticos que se confrontam. Um respeita à consideração do quadro como objecto em si mesmo; outro advém da concepção da composição, ora estática, ora dinâmica, pois tanto se procura uma distribuição equilibrada das formas planas como é procurada uma sucessibilidade das mesmas que imprime um certo ritmo. Os contornos destas formas são também ora estáticos ora dinâmicos, e

uma tensão entre figura e fundo manifestase.

Nos quadros de Gil Teixeira Lopes, os processos técnicos são mais tradicionais, mas há uma grande complexidade na valorização da superfície da tela e nas sugestões de profundidade.

Apesar das diferenças entre os trabalhos de Justino Alves e os de Gil Teixeira Lopes, não me parece errada que o júri os tenha considerado equivalentes. Nem vejo, este ano, outros artistas que apresentem na Galeria Nacional de Arte Moderna trabalhos de maior interesse, com excepção de Nadir Afonso, já premiado. O Salão Nacional, que nunca foi muito bom, apresenta-se este ano pior do que habitualmente.

Um prémio «ex aequo» atribuído a dois concorrentes não significa diminuição do mérito daqueles que o alcançaram, quando os seus nomes são confrontados com aqueles a quem o mesmo prémio foi atribuí-

do por inteiro. Deveria simplesmente significar que houve mais do que um concorrente com direito a ele e com representações equivalentes.

Mas é a própria designação de Prémio Nacional que arrasta muitas responsabilidades. Até hoje, parece-me que somente foi acertada a sua atribuição a Nadir Afonso. Considerando outros artistas distinguidos com o mesmo prémio, como João Paulo ou Elvira Leite, não há dúvida que Justino Alves e Gil Teixeira Lopes têm direito a considerarem-se «Prémio Nacional». Nenhum deles, porém, tem a importância de Nadir Afonso, cuja pesquisa dentro do Abstraccionismo há muito tempo já se processa com rara persistência e cuja actualidade, depois do movimento «Op» e doutras manifestações da arte de relações pré-determinadas, é de novo visível.

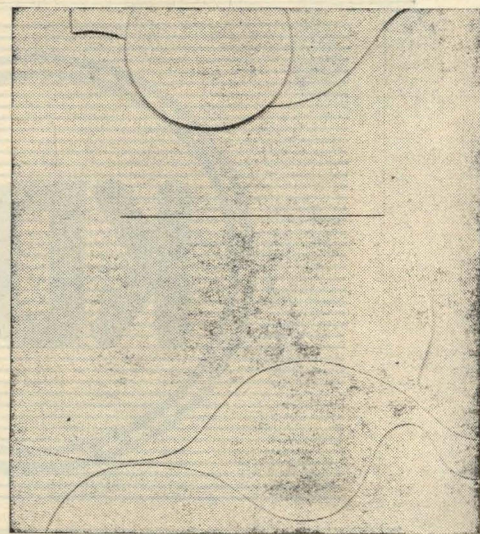
O que é certo é que, sempre salvaguardando o nome de Nadir Afonso, o Prémio Nacional de Pintura, que deveria ser um indicativo das personalidades mais importantes da vida artís-

tica portuguesa, tem sido distribuído a um nível que quase o coloca, por assim dizer, numa função de estímulo, ou, talvez melhor, de compensação. Não se trata de estimular jovens; e bastaria considerar que os premiados deste ano são professores de Pintura no Ensino Superior para vermos que também não se está a aplaudir o acerto com que as técnicas são utilizadas. Mas é a expressividade que é reduzida, e o que importa, precisamente, é que as técnicas sejam um processo de manifestar uma visão. É isto que se não revela nas obras que têm sido distinguidas pelo Prémio Nacional de Pintura.

Além de Justino Alves, Gil Teixeira Lopes, Nadir Afonso, Elvira Leite e João Paulo, apresentam-se ainda com pinturas os seguintes artistas: Fernanda Amado, Maria Benamor, Cação Biscaia, Bouça, Pedro Brehm, Stella de Brito, Centeno, Dafranca, De-Francesco, Varela Gomes, Luís Gonçalves, Sérgio Guerra, José Guimarães, Carlos Lanca, António Leite, Silva Lino, Hilário, Man, Carlos Mar-

ques, Marco, João Nascimento, Rosa Passos, Campos Poppe, Maria de Lurdes Rodrigues, Manuel Santos, Hein Semke, Sereno,

António Serpa, Oliveira e Silva, Figueiredo Sobral, Juan Soutullo, Cândido Têles, Miguel Vasquez e Pires Vieira.



Justino Alves — «Objecto»



Gil Teixeira Lopes — «Tempo Interior»

O SALÃO DE BRASÍLIA E A BIENAL DE S. PAULO

Não se tendo realizado no ano passado, o IV Salão de Brasília vai coincidir com a X Bienal de São Paulo, pois a sua abertura está marcada para o mês de

Setembro. Não está ainda publicado o regulamento do IV Salão, nem se anunciou quando termina o prazo de inscrições, mas espera-se que venha a funcionar como em 1967, quando às categorias tradicionais (Pintura, Desenho, Gravura e Escultura) se acrescentou a do Objecto, que nos outros salões era integrada à de Escultura, mas que se tem diferenciado muito ultimamente, representando um grande avanço no sentido de subtrair à influência académica os certames de arte, no Brasil.

Sobre a importância do Objecto, escreveu o brasileiro Frederico Moraes:

«A arte vive no momento uma situação nova: a do Objecto, que configura ou é veículo mais adequado para expressar as novas

realidades, as novas ideias do estágio pós-moderno da arte actual. O Objecto não pode ser mais rotulado em qualquer meio particular de expressão — Pintura ou Escultura. Trata-se, agora, de busca de uma linguagem objectiva. O Objecto corresponde a uma nova situação existencial do homem, a um novo humanismo. A linguagem do Objecto não é discursiva, nostálgica, redundante. Comunica objectivamente conteúdos novos, convida o espectador e/ou consumidor a uma actualização criadora. Em sua nova situação, a arte perdeu a aura mítica e aristocrática e não exige mais do espectador êxtase contemplativo, passividade. Propõe uma relação nova de dependência, na qual o seu desenvolvimento, desabrochar ou crescimento depende da escolha ou vontade

do espectador. O Objecto é aberto, dinâmico, orgânico».

Também em 1967 o Objecto teve grande importância na Bienal de São Paulo. O Grande Prémio foi atribuído ao pintor Richard Smith, cuja preocupação dominante é o formato do suporte. As suas telas são muitas vezes monocromáticas para que o volume do quadro-objecto seja evidenciado.

Este ano, a Bienal de São Paulo tentará dar mais um passo na tão necessária actualização, o que implica uma revisão da própria estrutura e do modo, como os artistas são seleccionados nos diversos países. Tudo leva a crer que de novo o Objectualismo atraia as atenções dos organizadores e do júri, de premiação. Sabe-se que, para este júri, foi convidado um crítico de arte português: José-Augusto França.

FERNANDO DACOSTA

... CONVÍVIO COM A POESIA

(Continuação da pág. 5)

destes pequenos acontecimentos culturais.

• Actividades públicas de cultura

Os habituais condicionais impedem, no entanto, um alargamento maior do público e uma crescente captação daqueles a quem a poesia devia, de facto, beneficiar. Porque nestas coisas, e como lucidamente afirmou Alice Vassalo Pereira, para lá dos estudantes existe todo um mundo apartado da cultura cuja conquista devia ser a principal e grande preocupação dos responsáveis. Com efei-

to, é urgentíssimo que se divulgue entre nós a poesia e a arte, que elas sejam levadas às pessoas das cidades e aldeias, principalmente aos novos que ainda não se perderam na descrença e na insensibilidade gerais — fomentadas aqui segundo esquemas altamente eficientes.

Lá fora, em países mais humanizados, banalizaram-se há muito as experiências nesse sentido: os artistas, os poetas, os escritores, vão pelos povoados, pelos portos, pelas fábricas, pelas escolas, levando aos outros a sua presença de fraternidade e a sua obrigação de seres úteis. Apesar de limitados, o exemplo da Quadran-

te e da Galeria 111 merece ser conhecido e seguido pelo que significa (ou pode significar) em utilidade pública de cultura numa terra que a tem enfeitado escandalosamente.

«A CAPITAL» / LITERATURA & ARTE / SUPLEMENTO DE 16 DE JULHO DE 1969

LITERATURA & ARTE

A LUTA CONTRA A BILHARZIOSE NA PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

250 MILHÕES DE PESSOAS ATACADAS EM TRÊS CONTINENTES PELA IMPLACÁVEL DOENÇA

LOURENÇO MARQUES (Julho) — A bilharziose — originada por uma pequena larva que penetra na pele humana e que tem como grande transmissor o caracol — afecta actualmente cerca de 250 milhões de pessoas em toda a África, Ásia e parte das Américas, calculando-se que em Moçambique mais de metade da população esteja contaminada.

Motivo de árduos e permanentes estudos e de reuniões internacionais de cientistas, a bilharziose permanece, contudo, como uma ameaça latente.

● Fracasso de um processo

Um processo de combate à bilharziose que fracassou nas várias tentativas de aplicação efectuadas em Moçambique passou a ser experimentado em Madagáscar com possibilidades de êxito.

Trata-se de um composto destinado a romper o ciclo do parasita portador daquela doença através da sua aplicação, em larga escala, nos cursos de água.

Esse sistema de combate, designado por «Frescon», foi repetidamente ensaiado nos canais de rega do Colonato do Limpopo, sem resultados compensadores.

«Nos sítios onde se verificam chuvas torrenciais ou se encontrem rios, como é o caso do Limpopo, a aplicação daquele sistema não é rentável — segundo afirmou um técnico. — Contudo, em locais onde existem nascentes de água — o caso de Madagáscar — e não existam rios nascidos em outro território, há possibilidades de êxito.»

Numa entrevista concedida a uma emissora de radiodifusão, o técnico de moluscidas sr. J. A. Smith fez revelações sobre o produto.

«O «Frescon» — afirmou — é quatro ou cinco vezes mais

activo do que qualquer dos seus predecessores. É completamente inócuo para o homem, assim como para as culturas, o que é importante, visto ser aplicado em sistemas de irrigação que normalmente servem a agricultura.

O «Frescon» pode matar os caracóis portadores da que é a doença parasitária em concentrações tão baixas como uma parte do produto para vinte milhões de partes de água.

Como condição para o êxito do seu emprego, considera-se necessária, porém, a sua aplicação em nascentes.

Em Moçambique a experiência parece ter fracassado devido às chuvas torrenciais que periodicamente flagelam a região do Colonato do Limpopo, contaminando novamente as águas e eliminando o trabalho efectuado.»

● Alarme

«Poder-se-ia tentar a experiência em outros rios — afirmou ainda o técnico referido — mas isso seria insuficiente para proteger dez milhões de pessoas que habitam em Moçambique.»

O «Frescon» foi igualmente aplicado em experiências levadas a efeito nas Filipinas, Tanzânia e Egipto, ao longo do combate feroz com a bilharziose que o mundo vem travando.

Muitas pessoas contraem a doença por desconhecerem os riscos a que se sujeitam, inutilmente.

A larva desprende-se do caracol, que vive na água, e as

peçoas que nela se banham contraem a doença por absorção do parasita. Podem utilizar-se medicamentos para curar as pessoas contaminadas, mas a melhor maneira de proteger uma comunidade é romper o ciclo do parasita pela destruição do caracol de água.

Com o «Frescon» conseguiu-se, segundo se julga, um formidável avanço no combate aos caracóis transmissores de bilharziose.

UM PEIXE EXTINGUIRÁ A CALAMIDADE?

Em Moçambique, onde a aplicação do referido produto parece ter resultado infrutífero, prosseguem com afã os ensaios de novos métodos.

● Um peixe como solução?

Experiências realizadas na Rodésia parecem prometer um êxito inesperado na luta contra a terrível doença.

Um técnico de pesca que pensou em prover a represa de Kyle com peixes de águas profundas, de modo a proporcionar um novo atractivo àquela localidade, deparou com o problema de encontrar uma variedade de peixe destinada à alimentação do primeiro.

O peixe escolhido foi o «*en-graulicypris brevianalis*», conhecido por «sardinha do Limpopo», e que se encontra no rio do mesmo nome, próximo de Beitbridge.

Cerca de 500 exemplares deste peixe foram transportados da referida região para Kyle e colocados num lago experimental, tendo-se multiplicado rapidamente.

Dentro do período de um ano todos os caracóis do lago haviam desaparecido por completo. E, muito embora durante os três anos seguintes tivessem sido lançados para lá mais caracóis, estes desapareceram também. O facto despertou curiosidade e levou a isolar a sardinha do Limpopo das outras variedades de peixe existentes no lago.

Colocada a sardinha num outro lago, em menos de uma semana os caracóis que lá se encontravam desapareceram. Uma pesquisa mais aturada localizou no fundo do referido

lago centenas de cascas de caracóis vazias. Não podia haver dúvida: a «sardinha do Limpopo» havia atacado e devorado os caracóis, pois nos outros lagos, povoados por outras variedades de peixes, o caracol evoluiu normalmente. Ter-se-á assim descoberto um novo e eficaz sistema?

A resposta à pergunta formulada poderá ser dada a partir de agora pelo Blair Research Laboratory, de Salisbury, que iniciou estudos nesse sentido.

A difícil meta que se procura atingir impedirá um dia que milhões de pessoas em três continentes sejam atacadas por implacável doença produzida por um animal de aspecto inofensivo. — (INFORMA).

A CAPITAL

suplemento diário

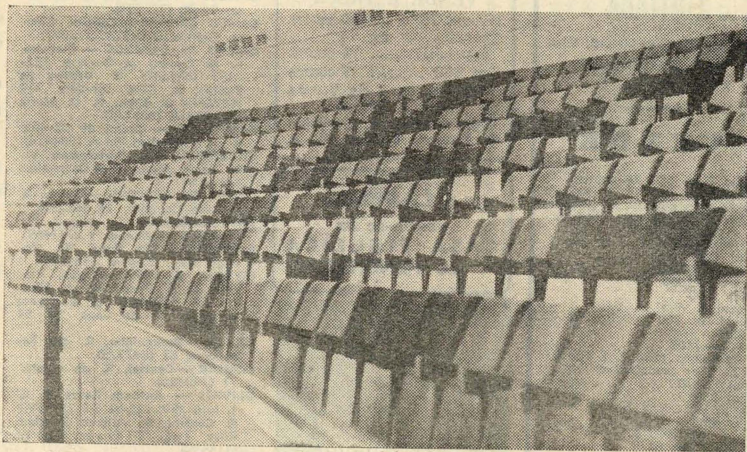
EXTRA

4.ª-FEIRA, 16 DE JULHO DE 1969



A consagrada Conchita Bautista, que aos êxitos obtidos na sua carreira cinematográfica junta os alcançados no «music-hall»

MAIS CONFORTÁVEL AINDA A SALA DO SÃO JORGE



Conforme noticiámos, a sala do Cinema São Jorge beneficiou de novo melhoramento importante. Depois da plateia e balcão central e de luxo, o balcão superior foi totalmente remodelado, dispondo agora, também, de cadeiras novas, muito confortáveis. A gravura deixa ver o aspecto, sóbrio mas cómodo, do conjunto agora instalado pela empresa do Cinema São Jorge

LER MAIS:

- CRÍTICAS DE ESPECTÁCULOS
- AMORES CÉLEBRES
- GUIA DO LEITOR
- DESPORTO

QUEIRA DESTACAR O CONJUNTO DAS PÁGINAS DESTE SUPLEMENTO

Sophia Loren e a emancipação da mulher

«Embora a luta pela emancipação da mulher esteja a assinalar no mundo um progressivo número de conquistas, a situação autêntica, nua e crua, consiste em a mulher ser, ainda, considerada inferior ao homem» — assim se exprimiu Sophia Loren numa entrevista dada em Roma à A. N. S. A., especificando o seu ponto de vista sobre as condições da mulher na vida contemporânea.

GUIA DO LEITOR - GUIA DO LEITOR - GUIA DO LEITOR - GUIA DO LEITOR

PROGRAMAS RADIOFÓNICOS

EMISSORA — 1.º Programa (451 m, 665 kc/s) — As 16.05: Teatro das Comédias «Pais e Filhos», de Louis Benoit; 16.40: Orquestra Caravelli; 17: Ginástica de Pausa — Programa da Tarde; 17.45: O Conjunto de...; 18: Noticiário; 18.05: Rádio Mocidade; 18.30: Rítmicos Modernos; 18.40: Folhetim Para os Novos; 19: Noticiário Regional; 19.45: Rádio Rural — Música, só Música; 20: Diário Sonoro; 20.20: Actualidades Musicais;

20.40: Folhetim «Tristezas à Beira-Mar»; 21: Jornal de Actualidades; 21.30: Música Ligeira; 21.40: Variiedades em Discos; 22.30: Escolha e Diga; 23: Noticiário; 23.05: Programa da Noite; 24: Noticiário — Programa da Noite; 0.50: Últimas Notícias; 1: Fecho.

2.º Programa (397 m, 755 kc/s) — As 16.15: Teatro do Século XIX; 17: Rondó Cracoviano para Piano e Orquestra, op. 14 (Chopin);

17.15: Música de Vanguarda — Quatro Estudos Coreográficos (Maurice Ohana); 17.50: Uma Obra...

Duas Interpretações — A Sinfonia n.º 3, de Schumann, pelos maestros Rafael Kubelik e Carlo Maria Giulini; 19: Poesia, Música e Sonho;

19.20: Música Coral Sinfónica — «Cantatas de Natal» (Bach); 20: Diário Sonoro; 20.20: Fretchos de Viola Dedilhada — Obras de Musorgsky e Poulenc; 20.30: Cancções pelo soprano Erna Berger; 20.45: História de Portugal; 21: Concerto Sinfónico (1.ª Parte) — Concerto em mi maior para dois pianos e orquestra (Mendelssohn); Sinfonia n.º 3, em re maior, D. 200 (Schubert); 21.50: Temas Sociológicos; 22: Concerto Sinfónico (2.ª Parte) — Prelúdio da Ópera «Os Troianos em Cartago» (Berlioz); Sinfonia «Manfreds», op. 58 (Tchaikovsky); 23: A Voz do Ocidente; 1.15: Fecho.

21.03: Presença do Fado; 21.10: Igrejas Caéiro Apresenta; 22: Noticiário; 22.03: Im p a c i o; 22.30: Quando o Telefone Toca; 23: Noticiário; 23.08: Grande Roda; 24: Noticiário; 0.02: P. B. X.; 2: Contacto; 3.02: A Noite é Nossa; 6.02: Diário Rural; 7.03: Talsimá; 8.30: Onda do Optimismo.

Modulação de Frequência (97.4 Kc/s) — As 16.04: Programa C. D. C.; 17.57: O Nosso Programa; 19: Noticiário; 19.04: Em Órbita; 21: Noticiário; 21.02: Boa-Noite em FM; 22: Noticiário; 22.02: Programa à Gó-Gó; 24: Noticiário; 0.02: Em Órbita - Dois; 1.03: Banda Sonora Telefunkem; 2: Fecho.

automóveis
compra · venda · acessórios

PARA O SEU AUTOMÓVEL
COM MONTAGEM IMEDIATA NAS NOSSAS OFICINAS

Conta-Rotações
Capacetes
Cintos de segurança
Volantes em Couro
Termómetros água
Grande sortido de faróis
Rádios «Motorola» totalmente transistorizados para todas as marcas
Escapes «Abarth»

Bancos de Competição
Manómetros pressão óleo
Volantes Madeira
Capas para Faróis
Buzinas de todos os tipos
Vários formatos de espelhos
Jantes especiais
Cassetes
Reprodutor de Cassetes

UMA ENORME VARIEDADE DOS MAIS RECENTES EXTRAS FAÇA-NOS UMA VISITA E GOSTARÁ COM CERTEZA

AUTO PORTUGUESA, LDA.
Rua Rodrigues Sampaio, 50-A — LISBOA — Telef. 47496 - 54026

BOLSA DE PROPRIEDADES

MORADIAS
Lindíssimas, para férias e fins de semana, perto da Praia do Guincho e das Praias de Cascais (ALDEIA DE JUZO)
a partir de 450 contos

Trata no local o próprio — CIPRIANO CÚPIDO ou pelo telef. 28.40.26

PRÉDIO EM LISBOA
700 contos

Prédio com 9 inq., de rendas baixas, situado na zona dos C. Ferro a render 42.700\$00. Possibilidade de aumentar rendimento, habit. de 4 e 5 divisões assoalhadas.

Mostra e trata «A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2. — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

PRÉDIO DAFUNDO

Construção em alvenaria em muito bom estado de conservação. Composto de 6 inq., com habit. de 4 div. assoalhadas, coz., c/ banho, desp., marq. hall. Rendas baixas. Rende 51.840\$00. Preço 800 contos.

Mostra e trata «A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

PARA COMPRAR-VENDER OU HIPOTECAR PROPRIEDADES

Consultem no vj próprio interesse a **EMPRESA PREDIAL NORTENHA** COLHAM REFERÊNCIAS

PRAÇA DE D. JOÃO I, 25-1.º-PORTO-TEL. 20.085
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º-LISBOA-2-TEL. 36.22.28
AV. FERNAO DE MAGALHÃES, 266-2.º-COIMBRA-TEL. 27.404

DINHEIRO
EMPRESTA-SE com rapidez qualquer quantia em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. **CASA LAIRES**, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto à Praça de Figueira) — Telefones 325487 e 370618

HIPOTECAS sobre **PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS**
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telef. 44602 - 536569

AUTOMÓVEIS USADOS
E OUTRAS MARCAS PROVENIENTES DE TROCAS NAS MELHORES CONDIÇÕES
FACILIDADES DE PAGAMENTO
LUSOLANDA
Novo Stand: Av. da República, 84-C-Tel. 778073-LISBOA

SalonAuto
UM NOVO STAND AO SERVIÇO DO PÚBLICO
VENDE:

Fiat 600-D	1968	Vauxhall Viva	1966
Cortina	1967	Opel 1700	1965
Renault R-16	1967	MG 1100	1965
Vauxhall Viva	1967	Cortina G. T.	1965
Austin Cooper	1966	Cortina	1964
Fiat 850	1966	Fiat 1500	1964
Morris 850	1966	Volkswagen 1200	1964
Hillman Imp.	1966		

R. Passos Manuel, 59-A e 59-B — Telef. 43108-42911
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

AUTO PORTUGUESA LIMITADA
R. RODRIGUES SAMPAIO, 50-A
Telef. 47796 - 54026
LISBOA

VENDE

Steyr Puch 650 TR (novos)
Steyr Puch 650 TR 2 (Serviço)
Steyr Puch 650 TR c/ garantia
Steyr Puch Hafinger Tordo-o-Terrero (Novos)
Fiat 124
Fiat 850 Coupé
NSU — 1000
Fiat 1500
Vauxhall Viva
B. M. W. 700
Hillman IMP
MG — 1100
Alfa-Romeo 1600 T. I.
Rambler descaféavel
Fiat 600 D
Fiat 850
D. K. W. Coupé 1000 S. P.
Fiat 850
D. K. W. 1000 S.
NSU Prinz 111
Fiat 500 D
Citroën ID 19
B. M. W. 1800 T. L.
Volkswagen Startan Furgoneta
Furgoneta Peugeot 203

GARAGEM ROLÃO
COMPRA VENDE E TROCA
Hilman 1968 ... 39 contos
Citroën 2 cv (carrinha) 16 contos
Fiat 500 7 contos
Motores fora de borda novos e 2.ª mão
Todos revistos na v/ oficina
R. Tenente Espanca, 4 - A

A CAPITAL
vende-se na **CASA FIGUEIRA** no FUNCHAL

PREÇO FIXO
FRIGORIFICO 140 L.
CONGELADOR A TODA A LARGURA
ESC. 1890500
BENFICA RADIOLUZ
Estrada de Benfica, 240-A
Av. Sacedura Cabral, 31

3.º Programa (Cultural em FM) — As 23: Antologia Sonora — Obras de Cláudio Monteverdi; 23.50: Música de Piano — Dois Estudos, op. 8 (Scriabine); Folhas Coloridas, op. 99, n.º 1 a 8 (Schumann); 0.05: A Ópera em um ato (Liszt e Tchaikovsky) (Pergolesi); 0.41: Balada n.º 3, em lá bemol maior, op. 47 (Chopin); 0.50: Últimas Notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE (290,13 m, 1034 Kc/s) — As 16.04: Programa C. D. C.; 17: Ela e o seu Mundo; 18.15: Momento Riscado; 18.30: Lisboa à Tarde; 19.15: No Mundo Aconteceu; 19.30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20.07: Apenas Ritmo; 20.15: Rubrica Corte; 20.20: Ele e Ela; 20.30: Jornal do Espectáculo; 20.45: Roubaloca; 21: Noticiário;

RÁDIO RENASCENÇA (233,2 m, 1286 Kc/s) — As 16: Radiorama; 18: Música de Filmes; 18.20: Noticiário e boletim religioso; 18.30: Terço e bênção da Basílica dos Martíres; 19.05: Diálogo Com os Que Sofrem; 19.25: Leitura do Programa e boletim do S. C. R.; 19.30: P. S. U. M.; 20.30: Noticiário; 20.55: Meditando; 21: Exits da Canção; 21.15: Estrelas «Alvorada»; 21.30: A Orquestra de Jackie Gleason; 21.45: Livros e Leituras; 22: Quando o Telefone Toca; 22.30: Cartas a Ninguém; 22.45: Música Variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA (1.88 m, 159.4 Kc/s) — As 16: Clube Radiofónico de Portugal; 17: Rádio Graça; 22: Rádio Peninsular; 2: Fecho.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO
LISBOA

TURNO I

ALCANTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 74 (660187).
ALMIRANTE RISCADO — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) * Gois, Ld., Sucrs., R. dos Anjos, 12 - C - D (840101)

ALTO DO PINA — Ibéria, R. Bairro de Sabrosa, 235-A (728277) * Av. Almirante Gago Coutinho, 31-C (776905) * Aeroporinho, 101-D (723884) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (72409)

AREIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (77478).

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da República, 58-D (771661) * Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) * Novais, Av. Luis Bivar, 11-13 (44324)

BAIRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, R. 27, n.º 41 (311216)

BAIXA de Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321499) * Valadas, Suc., R. da Madalena, 235 (326260) * Cortez, R. de São Nicolau, 93 (325378)

BELÉM — Gomes, Suc. (Gonzalves), R. Junqueira, 325 (638193) * Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (611454)

BENFICA — Santa Cruz, Av. Com. Pereira, 34-A (704828) * Vitex, Est. de Benfca, 373-B (78048) * J. Ribeiro, Av. Luz, 199-A (780969)

CAIS DO SODRÉ — Africana, R. Bernardino Costa, 45 (369120)

CAMÕES — Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (31534)

CAMPO GRANDE — Cabrita, Campo Grande, 220-222 (772397)

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (68640) * Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-9 (662838) * Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (686176)

CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)

CHARNECA — São Bartolomeu, Vila F. J. Jorge, 1.º — Galinheiras (790969)

CONDE DE REDONDO — Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (42259)

ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469)

ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Rossio Pais, 32-A-B (534027)

ESTRELA E LAPA — Tagus, Pr. da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) * Rodrigues B. M. W. R. da Lapa, 52-54 (662246)

GRACA — Branquinho, R. dos Sapadores, 87 (847225)

LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 17 (790480)

OLIVEIRA — Nunes Rosas, R. C. I., lote 199, Olivais Sul (313610) * Central, R. Alferes Barreiro Ruas, 7-C, Olivais Norte (315539)

PALHAVA — Laranjeiras, R. Filipe Costa, 160-162 (761035)

PICHELEIRA — Lusitana, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703)

MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro

& Castro, R. Duque de Palmela, 30-B (43409).

RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 10 - A (á Encosta do Restelo) (612328)

S. BENTO — Confiança, Pr. das Flores 59 (327901)

DE SANTA APOLONIA AO BEATO — Conceição, Calç. de D. Castão, 30-32 (381279) * Peireluz, Suc., R. do Paraíso, 98-100 (863224)

SANTO AMARO — Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620) * Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704).

ARRÉDORES

ALCOCHETE — Camelo — L. Ant dos Santos Jorge (234100)

ALGÉS — Miramar — Rua Ernesto da Silva 81-83 (212048)

ALGUEIRO — Quimila — Est. de Martins, n.º 285 (2910012)

ALHOS VEDROS — Alameda — R. Cândido dos Reis, 8 (2244250)

ALMADA — Macedo Henriques — Rua Bernardo Costa, 1 (271297)

AMADORA — Carmelo — R. Elias Garcia, lote 28 (933303); Helénica — R. Elias Garcia, P. L., lote B (933613); Amadora — Pr. da 28 de Maio, 3 (935518); S. Jorge — R. C. 5 (936203) Rebeldes

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 178-A (242302)

BARREIRO — Moderna — R. Henriqueta Araújo, n.º 12, t/c (227343)

CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (2940034)

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (280078); A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-C (280214)

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (2432839)

COLOARES — Colares — Abreja (299088)

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Largo 5 de Outubro (270121)

DAMAIA E VENDA NOVA — Lemos — R. de Goa, 8-A (971121)

ESTORIL — Ostende — R. Espinho, 1 (260391), Monte Estoril São João — Est. Nacional, 10 (7651186) — São João do Estoril

MOITA — Silva Rocha — Praça da República, 16 (239029)

MONTIJO — Montepio — R. Cândido dos Reis, 91 (230035)

MOSCAVIDE — Varela — Av. de Moscavide, 44 (2518520)

ODIVELAS — Jolani — Rua B, 11-A B. Esp. St., (910812)

OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (2430090)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Avenida Costa Pinto, 184 (2423024)

PARDE — Macau — R. José Garcia (2471785)

PRAIA DAS MAÇAS — Higiene — (290021)

QUELUS — Correia — L. do Mercado, 3 (950905); Zeller — L. da República, 83 (950045)

Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (950123)

PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)

SEXIAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (2218580)

SINTRA — Misticriçã — L. Gregório Almeida, 2 (980391)

desporto

UMA SELECÇÃO EUROPEIA DE ATLETISMO DEFRONTARÁ A EQUIPA DOS ESTADOS UNIDOS

ESTUGARDA (Alemanha Federal), 16 — Depois das alterações a que foi necessário proceder devido à súbita e estranha retirada dos atletas russos, é a seguinte a constituição da selecção europeia de atletismo, que vai defrontar a dos Estados Unidos nos dias 30 e 31, em Estugarda, segundo anunciou nesta cidade a Comissão Europeia da Federação Internacional de Atletismo:

• Estranha retirada dos atletas russos

Salto com vara — Renato Dionisi (Itália) e Wolfgang Nordwig (Al. Or.).

Salto em comprimento — Lynn Davies (Inglaterra) e Jacques Pani (França). Suplente: Klaus Beer (Al. Or.).

Tripla salto — Joerg Drehmel (Al. Or.) e Henrik Kaloesai (Hungria).

Peso — Hans P. Gies (Al. Or.) e Dieter Hoffmann (Al. Or.).

Disco — Ludvik Danek (Checoslováquia) e Lothar Milde (Al. Or.).

Martelo — Reinhard Theimer (Al. Or.) e Gyula Zsivovtski (Hungria).

Dardo — Jorma Kinnunen (Finlândia) e Pauli Nevala (Finlândia).

4 x 100 metros — Gerhard Fenouil e Corval (da França), Gerhard Wucherer e Jochen Eigenherr (ambos da Al. Fed.).

4 x 400 metros — Anrezed Dabenski e Jan Werner (Polónia), Nallett (França) e Dieter Huebner (A. Fed.). Suplentes: Gaios (Espanha) e Bello (Itália).

100 metros — Irena Szwinska (Polónia) e Van den Bergh (Holanda).

200 metros — Irena Szwinska (Polónia) e Van den Bergh (Holanda).

400 metros — Colette Besson e Duclos (França).

800 metros — Ileana Silai (Roménia) e Vera Nikolic (Jugoslávia).

1500 metros — Pigni (Itália) e Gommers (Holanda).

100 metros, barreiras — Karin Balzer (Rep. Pankov) e Nowakowa (Polónia).

Salto em altura — Ilona Gusenbauer (Austria) e Rita Schmidt (Rep. Pankov).

Salto em comprimento — Heide Rosendahl (Al. Fed.) e Sheila Sherwood (Inglaterra).

Peso — Margitta Gummel e Maritta Lange (Rep. Pankov).

Disco — Liesel Westermann (Al. Fed.) e Lia Maloliu (Roménia).

Dardo — Angela Nemeth (Hungria) e Daniela Jaworska (Polónia).

Para as provas de velocidade, 100 metros barreiras, salto em comprimento e salto em altura está, também, seleccionada a suíça Meta Antenen.

Estafeta 4 x 100 metros — Sylviane Telliez (França), Van den Bergh (Holanda), Irena Szwinska (Polónia) e Balogh (Hungria). Suplente: Miroslava Srna (Polónia).

Estafeta 4 x 400 metros — Colette Besson e Duriez (França), Janette Simpson (Inglaterra) e Lundren (Suécia). — (A. N. I.)

WOMENS

100 metros — Zemon Nosz (Polónia) e Gerhard Wucherer (Al. Federal).

200 metros — Philippe Clerc (Suíça) e Jochen Eigenherr (Al. Fed.).

400 metros — Andrezev Madenski (Polónia) e Jan Werner (Polónia).

800 metros — Dieter Frohm (Al. Oriental) e Josef Plachy (Checoslováquia).

1500 metros — Arese (Itália) e Bodo Tuemmler (Al. Fed.).

5000 metros — Bernd Diesmer (Al. Orient.) e Juergen May (Al. Fed.).

10 000 metros — Juergen Maase (Al. Or.) e Gaston Boelants (Bélgica).

110 metros, barreiras — Guenter Nickel (Al. Fed.) e Eddy Ottoz (Itália). Suplente: Hemery (Inglaterra).

400 metros, barreiras — Gerhard Hennige (Al. Fed.) e Rainer Schubert (Al. Fed.).

3000 m, obstáculos — Vilain (França) e Mikhal Zhelew (Bulgária).

Salto em altura — Lundmark (Suécia) e Azzaro (Itália).

SELECÇÃO BRASILEIRA PREPARA-SE PARA O MUNDIAL DE FUTEBOL

RIO DE JANEIRO, 16 — A selecção brasileira de futebol partiu, hoje, para Bogotá, a fim de se preparar no local do primeiro encontro com a Colômbia, para os jogos eliminatórios sul-americanos da «Taça do Mundo» de 1970.

GRANDE PRÉMIO DE POIARES EM PEDESTRIANISMO

Com o patrocínio da Câmara Municipal realiza-se, na véspera de Poiares, em 10 de Agosto próximo, o I Grande Prémio de Poiares, corrida pedestre na distância de 5000 metros, para filiados e populares. A prova, que terá a colaboração técnica da Associação Desportiva de Coimbra, é organizada pela Associação Desportiva de Poiares e pelo Clube de Futebol Santa Clara, de Coimbra.

O Brasil disputa a primeira partida no dia 7 de Agosto contra a selecção colombiana, em Bogotá. Enfrenta, depois, a Venezuela, em Caracas e o Paraguai em Assunção. Seguidamente, as equipas destes três países visitarão o Brasil e os jogos serão disputados no Rio de Janeiro, no Estádio Maracanã.

A selecção do Brasil, na sua visita ao nordeste, derrotou a selecção do Estado de Pernambuco, no Recife, por 6-1. Esta foi a última partida-treino, no país, antes dos jogos em Bogotá.

Os brasileiros vão procurar aclimatar-se na capital colombiana, onde a altitude é de dois mil e quinhentos metros. — (A. N. I.)

tro com a Colômbia, para os jogos eliminatórios sul-americanos da «Taça do Mundo» de 1970.

ESCOLAS DE NATACÃO DO C. N. N.

Encontram-se abertas na secretaria do Clube Nacional de Natação, Rua de Campolide, 372, as inscrições nos próximos cursos de ensino de natação, para adultos, que têm lugar nas piscinas municipais dos Olivais e Areeiro, com início respectivamente, em 16 de Julho e 1 de Agosto próximos.

Entretanto, continuam, também, em pleno funcionamento as aulas para crianças até aos 7 anos e 8 aos 12 que funcionam respectivamente nas piscinas municipais, Infantil do Campo Grande e Olivais.

AMORES CÉLEBRES

FILIPE IV E A DUQUESA DE ALBUQUERQUE



II — Enamorado pela duquesa de Albuquerque, o moço rei Filipe IV, de Espanha, depois de ocupar o marido, pessoa muito ciumenta, pedindo-lhe para jogar por ele numa partida de cartas, no palácio, correu a casa da sua apaixonada...

4 Enquanto o duque de Albuquerque se sentava à mesa de jogo no sítio e no lugar do rei, Filipe IV, a toda a pressa, mandou bater para casa da duquesa.

Esta já o esperava no seu tocador.

E como podia ela ser cruel, para um senhor absoluto, e belo rapaz de 22 anos?... Além disso não havia tempo a perder!

quanto mantinha o jogo do rei, conforme a ordem que recebera, admirava-se muito de não ver voltar Filipe IV, minutos depois segundo prometera. Passada

pela sua correspondência e não se apressasse a voltar, para o prosseguir.

Quanto mais pensava, mais aquilo lhe fazia espécie, por que realmente amava a mulher, mas tinha pouca confiança na virtude da duquesa. Ao fim de uma hora não pôde mais. Largando as cartas, disse aos parceiros que não se sentia bem, pediu-lhes que o desculpassem junto do monarca, e retirou-se.



A duquesa deixou, pois, Sua Majestade alcançar fácil e voluptuosa vitória.

5 Durante esse tempo, no palácio real, o duque de Albuquerque, en-

meia hora, o espanto de Albuquerque tornou-se inquietação. Cada vez lhe parecia mais estranho que Sua Majestade, que tanto gostava do jogo de «hombre», o houvesse deixado

6 O conde-duque de Olivares assistira à cena. Deixou, por isso, a sala de jogo também, e mandou bater a todo o galope uma das suas carruagens para o palácio dos Albuquerque.

Chegou lá antes do duque, e entrando pela porta escura, por onde passara o rei antes dele, irrompeu no tocador onde estavam ternamente enlaçados o soberano e a duquesa, para lhes anunciar a iminente chegada do ciumento marido.

(Continua)

O SEU DINHEIRO VALE MUITO MAIS NA NOSSA CASA

FRIGORIFICOS:

1401 1.800\$00

1751 2.690\$00

2001 3.200\$00

T. V. C/ UHF:

49 cm 3.800\$00

59 cm 4.500\$00

Com oferta de antena

R. Sapadores, 117-D LISBOA



TELEVISÃO: VER E CONTAR

1 Nemésio: família nuclear e desintegração

Pessoa amiga sugeriu a Nemésio um tema para o seu programa: a situação da família no nosso tempo. A amizade tem surpresas assim, que de longe em longe a aparência com uma ameaça emboscada. O certo é que, aceitando a sugestão apenas em parte, Vitorino Nemésio diminuiu os riscos mas não os eliminou. Pois ao falar da decadência da família como célula social, tudo o convidava para uma certa nostalgia do passado a que Nemésio é particularmente sensível.

Vitorino Nemésio falou da «família patriarcal», arcaica, e da «família nuclear», que é a que sobrevive hoje nas sociedades industriais. Procurou, muito brevemente, as causas que motivaram a desintegração da primeira e ameaça a segunda. Encontrou o liberalismo da sociedade moderna, a extinção do morgadio. Encontrou as necessidades da vida moderna. Aí fundamentou o seu adeus à sua própria saudade.

Parece-nos que nas suas palavras faltou o essencial: a recusa de uma nostalgia que se nutre de um pessimismo desrazoado. Pois é indispensável averiguar em que se estão transformando as antigas vivências de ordem familiar. Por outras palavras: por que riqueza nova estão os homens trocando o seu passado. E talvez descobríssemos todos, por intermédio de Nemésio, que se está conquistando uma família maior: o mundo. Que já não há lugar para o clã num tempo em que podemos partilhar as epopeias distantes, sofrer e ser felizes com o destino de homens que não conhecemos.

2 Patxi: as razões de uma voz agreste

A suavidade bonitinha é um vício com fundas raízes. Muitos se terão perguntado como é que Patxi Andion se atreve a cantar com a sua voz agreste, rouca, tão pouco compatível com o luar convencional que o cenogra-

fo dependurou no céu. Muitos se terão indignado com aquela voz difícil de aceitar quando uma longa tradição de calda de açúcar embotou o paladar. Seria preciso, então, lembrar quem é e de onde vem Patxi Andion. Saber se nasceu numa terra fácil, se conhecem realidades amáveis. Seria preciso atentar nas suas palavras. E nos seus silêncios.

E apreenderíamos então que os seus temas são também agrestes e difíceis. Que a rouquidão que lhe percorre a voz pode muito bem ser a de uma raiva sempre desperta. Pois há lirismos que se não dão bem com violinos, há amores que se não exprimem em murmúrios. Com Patxi Andion o poema explica a voz, exige-a quase sempre. O seu canto, lançado «para que conste», vai buscar a sua força maior à inocuidade do timbre.

Colocando Patxi na intimidade romântica da folhagem, Ruy Ferrão ignorou o sentido de uma presença que abomina os refúgios. Sentando-o na amurada de uma chata, adoptou a estética do «pormenor realista» que imortalizou o poeta Alencar. A brevidade do programa não terá permitido a Ruy Ferrão mais numerosas iniciativas. Felicitemo-nos.

INGMAR BERGMAN NO CINEMA IMPÉRIO

Poder-se, enfim, exibir de novo, numa sessão clássica, o mais arrojado filme de Ingmar Bergman, «Morangos silvestres», foi notícia de grande contentamento entre o público destas sessões.

Grande Prémio dos Festivais de Berlim, Veneza e Mar del Plata e considerado o melhor filme estrangeiro apresentado nos Estados Unidos, «Morangos silvestres» é uma obra-prima de profunda ressonância humana, admiravelmente expressa na linguagem cinematográfica.

Ingmar Bergman estará hoje, às 18 e 30, na tela do Império.

3 Os lucros da Talidomida

Era nossa intenção referir «Os Segredos do Mar», sublinhar-lhe a qualidade. Aconteceu, porém, que o episódio de «As Enfermeiras» foi ontem particularmente repugnante. Nunca a lisonja da morbidez, a simulação de uma falsa seriedade, atingira índice tão alto. Muito importa explicar porquê.

A história contava como nascera um bebé sem braços, vítima da Talidomida. Diluía responsabilidades, jogava com a situação trágica, impunha um desenlace convencional. Para tanto, responsabilizava os pais e alheava-se da situação objectiva: a de uma sociedade inteira a funcionar no sentido de estimular o consumo. Neste mundo onde a saúde é uma fonte de proventos para os que a integram no âmbito do seu negócio, onde as organizações trabalham para promover o consumo de qualquer droga que deixe lucros, pretende-se punir os consumidores que caíram no laço. Levá-los a assumir o peso de crimes alheios. E, com «As Enfermeiras», essa mesma mistificação se transforma em estímulo para novo consumo (agora televisivo) e objecto de novo negócio.

Nem sequer gostaríamos de tomar partido. Pois o importante seria que o baixo tráfico de emoções fortes recuasse, com algum respeito, diante de certos temas que exigem muita coisa: seriedade, informação, independência. O importante seria que a produção hollywoodesca renunciasse a participar, indirectamente, nos lucros da Talidomida. Pois que até o «business» há-de ter limites.

CORREIA DA FONSECA

HOJE

1.º PROGRAMA — As 19 e 2: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Nós, as Mulheres»; 20 e 15: Crónica; 20 e 30: Em Foco; 21: Telejornal; 21 e 35: Mesa Redonda; 22 e 5: Ladrão, Precisa-se com Robert Wagner, Malachi Throne e Suzy Parker; 23 e 5: Recital com o barítono José de Oliveira Lopes; 23 e 35: A Marcha do Mundo; 23 e 55: Meditação e fecho.

2.º PROGRAMA — As 21: Telejornal; 21 e 30: «David Copperfield» com Roberto Chevalier e Ana Maria Guarnieri; 21 e 55: «Se Bem Me Lembros»; 22 e 15: «O Maioral» com Lee J. Cobb, Doug McClure e James Drury; 23 e 30: Fecho.

AMANHÃ

1.º PROGRAMA — As 19 e 2: Desenhos Animados; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Eurovisão — O voo da «Apolo-11»; 20 e 10: Sangue na Estrada; 20 e 30: Parada da Indústria; 21: Telejornal; 21 e 30: Comunicação do Subsecretário da Juventude e Desportos sobre os IV Jogos Lusitano-Brasileiros; 21 e 45: Museu do Cinema; 22 e 5: Variedades; 23 e 5: Get Smart (episódio com o título «Nephth the Spy»); 23 e 35: Marcha do Mundo — Inclui a reportagem do dia da Volta à França; 23 e 50: Meditação e fecho.

2.º PROGRAMA — As 21: Telejornal; 21 e 30: TV Mundo — Clark Gable; 22 e 25: Danger Man; 23 e 15: Imagens da Poesia Europeia; 23 e 30: Fecho.

TELEFUNKEN



António Carlos Jobim colabora no filme «The Adventures»

O músico brasileiro António Carlos Jobim foi contratado para compor a banda sonora do filme da Paramount Pictures intitulado «The Adventures» baseado na obra de Harold Robbins.

Detentor de cinco álbuns de ouro, António Carlos Jobim compôs a música do célebre filme «Orfeu Negro» e apareceu recentemente na televisão americana num programa especial de Frank Sinatra inti-

tulado «Um Homem e a sua Música».

Joseph E. Levine apresenta a produção de Lewis Gilbert da obra «The Adventures» da autoria de Harold Robbins e que tem Charles Aznavour, Alan Badel, Candice Berghe, Thommy Bergren, Delia Boccardo, Ernest Borgnine, Rossano Brazzi, Bekim Fehmiu, Oliveira de Havilland, Anna Moffo e Leigh Taylor-Young nos principais papéis.

«OS DIREITOS DA MULHER» PELO TEATRO ALEGRE

Após o êxito alcançado na Madeira e Açores, regressou a Lisboa, vinda de Angra de Heroísmo, a Companhia de Teatro Alegre, pelo que Vasco Morgado a apresentará amanhã para a sua reaparição em Lisboa, no Teatro Variedades.

A peça escolhida foi a comédia de Alfonso Paso, «Os Direitos da Mulher», em que se destacam os nomes de Henrique Santana, Irene Isidro, Costinha, Maria Helena, Henrique Santos, Lía Gama, Ana-bela Ramos e Benjamin Palcaço.

«MISSÃO IMPOSSÍVEL» PASSA AO CINEMA

A conhecida série da Paramount para a televisão, intitulada «Missão Impossível»

«PEER GYNT» — novo filme de Bergman

No próximo ano, o cineasta sueco Ingmar Bergman vai transpor para a tela o drama de Ibsen «Peer Gynt». Crê-se que o actor Max Von Sydow será o protagonista e que para essa realização Ingmar Bergman disporá de capitais norte-americanos.

vel», ganhou agora uma nova dimensão ao ser feito um filme de longa-metragem, a cores, que será exibido pela companhia em todo o mundo, com excepção dos Estados Unidos.

Intitulado «Mission: Impossible Versus the Mob», o filme tem como protagonistas os artistas Peter Graves, Martin Landau, Barbara Bain, Greg Morris e Peter Lupus, devendo ser estreado durante o próximo mês no Reino Unido e Austrália. Em seguida a película será estreada nos 69 países que já transmitiram a célebre série da televisão.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Refresque-se com a moderna cerveja suíssa



Ex!

sem álcool



Nos bons estabelecimentos e restaurantes. Distribuição **diese**